

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Almeida Garrett
Dona Branca



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Almeida Garrett

Dona Branca

Publicado originalmente em 1826.

**João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett
(1799 – 1854)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 447



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Almeida Garret: “*Dona Branca*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu com o nome de João Leitão da Silva no Porto a 4 de fevereiro de 1799, filho segundo de Antônio Bernardo da Silva Garrett, selador-mor da Alfândega do Porto, e Ana Augusta de Almeida Leitão. Passou a sua infância, altura em que alterou o seu nome para João Baptista da Silva Leitão, acrescentando o sobrenome Baptista do padrinho e trocando a ordem dos seus apelidos, na Quinta do Sardão, em Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), pertencente ao seu avô materno José Bento Leitão. Mais tarde viria a escrever a este propósito: "Nasci no Porto, mas criei-me em Gaia". No período de sua adolescência foi viver para os Açores, na ilha Terceira, quando as tropas francesas de Napoleão Bonaparte invadiram Portugal e onde era instruído pelo tio, D. Alexandre, bispo de Angra. De seguida, em 1816 foi para Coimbra, onde acabou por se matricular no curso de Direito. Em 1821 publicou *O Retrato de Vénus*, trabalho que fez com que lhe pusessem um processo por ser considerado materialista, ateu e imoral. É também neste ano que ele e sua família passam a usar o apelido de Almeida Garrett.

Filho segundo do selador-mor da Alfândega do Porto, acompanhou a família quando esta se refugiou nos Açores, onde tinha propriedades, fugindo da segunda invasão francesa, realizada pelo exército comandado pelo marechal Soult que entrando em Portugal por Chaves se dirigiu para o Porto, ocupando-o. Passou a adolescência na ilha Terceira, tendo sido destinado à vida eclesiástica, devendo entrar na Ordem de Cristo, por intercedência do tio paterno, Frei Alexandre da Sagarada Família, bispo de Malaca e depois de Angra.

Em 1816, tendo regressado a Portugal, inscreveu-se na Universidade, na Faculdade de Leis, sendo aí que entrou em contacto com os ideais liberais. Em Coimbra, organiza uma loja maçônica, que será frequentada por alunos da Universidade como Manuel Passos. Em 1818, começa a usar o apelido Almeida Garrett, assim como toda a sua família.

Participa entusiasticamente na revolução de 1820, de que parece ter tido conhecimento antecipado, como parece provar a poesia *As férias*, escrita em 1819. Enquanto dirigente estudantil e orador defende o vintismo com ardor escrevendo um Hino Patriótico recitado no Teatro de São João. Em 1821, funda a Sociedade dos Jardineiros, e volta aos Açores numa viagem de possível motivação maçônica. De regresso ao Continente, estabelece-se em Lisboa, onde continua a publicar escritos patrióticos. Concluindo a Licenciatura em Novembro deste ano.

Em Coimbra publica o poema libertino *O Retrato de Vênus*, que lhe vale ser acusado de materialista e ateu, assim como de "abuso da liberdade de

imprensa”, de que será absolvido em 1822. Torna-se secretário particular de Silva Carvalho, secretário de estado dos Negócios do Reino, ingressando em Agosto na respectiva secretaria, com o lugar de chefe de repartição da instrução pública. No fim do ano, em 11 de Novembro, casa com Luísa Midosi.

A Vilafrancada, o golpe militar de D. Miguel que, em 1823, acaba com a primeira experiência liberal em Portugal, leva-o para o exílio. Estabelece-se em Março de 1824 no Havre, cidade portuária francesa na foz do Sena, mas em Dezembro está desempregado, o que o leva a ir viver para Paris. Não lhe sendo permitido o regresso a Portugal, volta ao seu antigo emprego no Havre. Em 1826 está de volta a Paris, para ir trabalhar na livraria Aillaud. A mulher regressa a Portugal.

É anistiado após a morte de D. João VI, regressando com os últimos emigrados, após a outorga da Carta Constitucional, reocupando em Agosto o seu lugar na Secretaria de Estado. Em Outubro começa a editar “O Português, diário político, literário e comercial”, sendo preso em finais do ano seguinte. Libertado, volta ao exílio em Junho de 1828, devido ao restabelecimento do regime tradicional por D. Miguel. De 1828 a Dezembro de 1831 vive em Inglaterra, indo depois para França, onde se integra num batalhão de caçadores, e mais tarde, em 1832, para os Açores integrado na expedição comandada por D. Pedro IV. Nos Açores transfere-se para o corpo acadêmico, sendo mais tarde chamado, por Mouzinho da Silveira, para a Secretaria de Estado do Reino.

Participa na expedição liberal que desembarca no Mindelo e ocupa o Porto em Julho de 1832. No Porto, é reintegrado como oficial na secretaria de estado do Reino, acumulando com o trabalho na comissão encarregada do projeto de criação do Códigos Criminal e Comercial.

Em Novembro parte com Palmela para uma missão a várias cortes europeias, mas a missão é dissolvida em Janeiro e Almeida Garrett vence abandonado em Inglaterra, indo para Paris onde se encontra com a mulher.

Só com a ocupação de Lisboa em Julho de 1833, consegue apoio para o seu regresso, que acontece em Outubro. Em 2 de Novembro é nomeado vogal-secretário da Comissão de reforma geral dos estudos. É por essa altura que terá se instalado no palácio dos Condes de Almada, no Largo de S. Domingos, em Lisboa, onde reunia a referida comissão. Em Fevereiro do ano seguinte é nomeado cônsul-geral e encarregado de negócios na Bélgica, onde chega em Junho, mas é de novo abandonado pelo governo.

Regressa a Portugal em princípios de 1835, regressando ao seu posto em Maio. Estava em Paris, em tratamento, quando foi substituído sem aviso prévio na embaixada belga. Nomeado embaixador na Dinamarca, é demitido antes mesmo de abandonar a Bélgica.

Estes sucessivos abandonos por parte dos governos cartistas, levam-no a envolver-se com o *Setembrismo*, dando assim origem à sua carreira parlamentar. Logo em 28 de Setembro de 1836 é incumbido de apresentar uma proposta para o teatro nacional, o que faz propondo a organização de uma Inspeção-Geral dos Teatros, a edificação do Teatro D. Maria II e a criação do Conservatório de Arte Dramática. Os anos de 1837 e 1838, são preenchidos nas discussões políticas que levarão à aprovação da Constituição de 1838, e na renovação do teatro nacional.

Em 20 de Dezembro é nomeado cronista-mor do Reino, organizando logo no princípio de 1839 um curso de leituras públicas de História. No ano seguinte o curso versa a “história política, literária e científica de Portugal no século XVI”.

Em 15 de Julho de 1841 ataca violentamente o ministro Antônio José d'Ávila, num discurso a propósito da Lei da Décima, o que implica a sua passagem para a oposição, e o leva à demissão de todos os seus cargos públicos. Em 1842, opõem-se à restauração da Carta proclamada no Porto por Costa Cabral. Eleito deputado nas eleições para a nova Câmara dos Deputados cartista, recusa qualquer nomeação para as comissões parlamentares, como toda a esquerda parlamentar. No ano seguinte ataca violentamente o governo cabralista, que compara ao absolutista.

É neste ano de 1843 que começou a publicar, na *Revista Universal Lisbonense*, as *Viagens na Minha Terra*, descrevendo a viagem ao vale de Santarém começada em 17 de Julho. Anteriormente, em 6 de Maio, tinha lido no Conservatório Nacional uma memória em que apresentou a peça de teatro Frei Luís de Sousa, fazendo a primeira leitura do drama.

Continuando a sua oposição ao Cabralismo, participa na Associação Eleitoral, dirigida por Sá da Bandeira, assim como nas eleições de 1845, onde foi um dos 15 membros da minoria da oposição na nova Câmara. Em 17 de Janeiro de 1846, proferiu um discurso em que considerava a minoria como representante da “grande nação dos oprimidos”, pedido em 7 de Maio a demissão do governo, e em Junho a convocação de novas Cortes.

Com o despoletar da revolução da Maria da Fonte, e da Guerra Civil da Patuleia, Almeida Garrett que apoia o movimento, tem que passar a andar escondido, reaparecendo em Junho, com a assinatura da Convenção do Gramido.

Com a vitória cartista e o regresso de Costa Cabral ao governo, Almeida Garrett é afastado da vida política, até 1852. Em 1849, passa uma breve temporada em casa de Alexandre Herculano, na Ajuda. Em 1850, subscreve com mais de 50 outras personalidades um Protesto contra a Proposta sobre a Liberdade de

Imprensa, mais conhecida por “lei das rolhas”. Costa Cabral nomeia-o, em Dezembro, para a comissão do monumento a D. Pedro IV.

Com o fim do Cabralismo e o começo da Regeneração, em 1851, Almeida Garrett é consagrado oficialmente. É nomeado sucessivamente para a redação das instruções ao projeto da lei eleitoral, como plenipotenciário nas negociações com a Santa Sé, para a comissão de reforma da Academia das Ciências, vogal na comissão das bases da lei eleitoral, e na comissão de reorganização dos serviços públicos, para além de vogal do Conselho Ultramarino, e de estar encarregado da redação do que irá ser o Ato Adicional à Carta.

Por decreto do Rei D. Pedro V de Portugal, datado de 25 de junho de 1851, Garrett é feito Visconde de Almeida Garrett, em vida (tendo o título sido posteriormente renovado por 2 vezes). Em 1852 sobraça, por poucos dias, a pasta do Negócios Estrangeiros em governo presidido pelo Duque de Saldanha. Em 1852 é eleito novamente deputado, e de 4 a 17 de Agosto será ministro dos Negócios Estrangeiros. A sua última intervenção no Parlamento será em Março de 1854 em ataca o governo na pessoa de Rodrigo de Fonseca Magalhães.

Falece a 9 de dezembro de 1854, vítima de um cancro de origem hepática, na sua casa situada na atual Rua Saraiva de Carvalho, em Campo de Ourique, Lisboa. Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, tendo sido trasladado a 8 de Março de 1926 para o Mosteiro dos Jerônimos. Os seus restos mortais foram posteriormente trasladados para o Panteão Nacional da Igreja de Santa Engrácia quando do término deste edifício. A cerimônia ocorreu em homenagem a si e a mais outras ilustres figuras portuguesas, entre os dias 1 e 5 de dezembro de 1966.

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

ÍNDICE

PRÓLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO.....	1
CANTO PRIMEIRO.....	4
CANTO SEGUNDO.....	19
CANTO TERCEIRO.....	38
CANTO QUARTO.....	53
CANTO QUINTO.....	68
CANTO SEXTO.....	79
CANTO SÉTIMO.....	87
CANTO OITAVO.....	104
CANTO NONO.....	114
CANTO DÉCIMO.....	127

PRÓLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Publicando esta nova edição de Dona Branca, a primeira que se faz em Portugal depois de umas quantas francesas e brasileiras, pareceu-me dever pôr aqui alguma memória, tanto da primeira composição do poema, como da presente forma com que hoje se reproduz.

E consintam-me, antes de tudo, o desabafo de dizer que nenhum homem ainda fugiu tanto ao seu destino como eu; nenhum porém foi tão perseguido do “inevitabile fatum” que me não deixou. De criança me tentaram e namoraram as musas, e de criança lhes resisti sempre, com mais severo pudor do que o casto José, deixando-lhe por vezes nas mãos lascivas a capa virginal de minha pudicícia, e fugindo com mérito e virtude verdadeira, porque fugia a deleites suspirados, ardentemente desejados de minha alma.

Imberbe ainda, na universidade, macerei os desejos rebeldes com jejuns e cilícios; estudando muito direito romano, teimando no Euclides e no Besout, fazendo impossíveis, e conseguindo, durante cinco anos quase, afastar de mim a tentação. A maldita mania das comédias particulares que ali apareceu de repente entre os estudantes, o entusiasmo da revolução de Vinte que me apanhou em flagrante, rodeado de enciclopedistas, de Rousseaus e de Voltaires, deitaram a perder tudo... atirei com o gorro por cima da ponte e fiz versos.

Durou-me pouco a embriaguez desta primeira paixão; porque entrando cedo no mundo e nas agitações políticas, o ócio das recreações literárias me enfadou logo.

Por mais de dois anos as não vi as tais musas. Mas emigrei; e a solidão, a tristeza, as saudades no exílio me submeteram de novo a seu império. Foi então que fiz a Dona Branca; e de então data a luta constante de minha vida em que, ora triunfo eu e a minha razão, ocupando-me de coisas graves e úteis quanto posso e me deixam, ora vem o ócio e a descrença política e me adormecem os braços das traidoras Dalilas que me tosquam raso como Sansão, e recaio a fazer literatura... aos Filisteus.

Assim me tentei a fazer a Dona Branca há mais de vinte anos, quando emigrado e criança em país estrangeiro: assim me tento agora quando emigrado em minha casa – e homem maduro, que já devia ter mais juízo – a revê-la e aperfeiçoá-la. Mas é fado: repito.

Direi de passagem que as críticas, de que foi objeto este poema, lhe foram úteis as mais delas; porque, se nem todas acertaram com os defeitos, todas me fizeram refletir, e achar talvez o que sem elas não acharia.

Não falo de certas acusações caluniosas e brutais com que a mesquinhez de um ou outro sabichão de meia tigela quis aspergir de imoralidade o meu inocentíssimo romance; tão recatado, o pobre, que até da infanta D. Branca – uma das mais despejadas “leas” do seu tempo – fez a donzela tímida e sem malícia que aí pintei, mentindo bem descaradamente à história. E os tartufos invocaram a história para acusar o poeta de não respeitar a fama da senhora infanta!

Tinha vontade de dizer que até um meu muito particular amigo, cardeal da Santa Igreja Romana, entrou nestas vilanias... Mas Deus lhe perdoe, como lhe eu perdoei.

Fraquezas do pobre homem! Eu sempre fui amigo dele, contudo.

Vamos à presente edição.

Aproveitei este Verão que passei no campo, e pus-me a reler a Dona Branca, marcando as incorreções de estilo e as criancices de conceito que lhe fui achando; e vi que para consentir com os editores das minhas obras, que há muito queriam completá-las com esta que faltava no mercado, era preciso revolvê-la de alto a baixo.

Fazê-lo sem fazer nova obra, era o ponto; e o mais difícil para mim. Resolvi-me porém a começar; e uma vez começado, acabei o trabalho. É o que hoje se publica.

Dos sete cantos, em que andava mal dividido o poema, fiz dez. Tem poucos centos de versos mais do que tinha; mas o enredo e argumento da ação ficou mais claro, e os seus episódios mais ligados. Do estilo tirei muitas voltas de arcaísmo forçado que sabiam à reação filintista em que estava a língua quando primeiro o compus. E muitos deixo ainda, em memória de como algum tempo conseguiu passar por obra póstuma do padre Francisco Manuel este poemeto, que na primeira edição de 1826 trazia no rosto as iniciais de F. E.: monograma com que o autor puerilmente se encobriu por medo das críticas, e do que era um pouco mais sério, a censura armada do paternal governo absoluto, que, se já não tinha a inquisição, tinha ainda as suas academias e literatos a bradar que o Limoeiro e Cais do Tojo eram a verdadeira lei de repressão dos abusos da Imprensa.

Não se pode negar que era coerente ao menos aquele paternal governo, e que não enganava ninguém.

Cruz Quebrada, Agosto 1848

DONA BRANCA

CANTO PRIMEIRO

I

Áureos numes de Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grécia amável, crença linda
De Vênus bela, Vênus mãe de Amores
Brincões, travessos; – do magano Jove,
Que do sétimo céu atrás das moças
Vem andar a correr por este mundo,
Já níveo touro, já dourada chuva,
Já quanto mais lhe apraz; – de Baco alegre,
Do louro Apolo, e das formosas nove
Castas irmãs que nos vergéis do Pindo
Tecem aos sons da lira eternos carmes;
Gentil religião, teu culto abjuro,
Tuas aras profanas renuncio:
Professei outra fé, sigo outro rito,
para novo altar meus hinos canto,

II

Não rias, bom filósofo Duarte,
Da minha conversão, sincera é ela:
Disse adeus às ficções do paganismo,
E cristão vate cristãos versos faço.
– Irão meus versos ao retiro místico,
Adonde te escondeste, procurar-te;
E ao levantar da névoa matutina
Te hão de acordar para contar-te a história
Dos bons tempos que foram. – Ouve, escuta
O alaúde romântico, ouve as coplas
Po amigo trovador: à nossa terra
Vamos, amigo, vamos co'estes sonhos
Embalar as saudades, e dar folga

As ânsias de alma co'as ficções do engenho.

III

“Em hora boa saia a nova esposa
Por caminho de flores! Saia a bela,
A casta filha de Sião sagrada
Para os paços magníficos do esposo!
Choremos nós, que ela se vai, choremos,
Que nos deixa e se vai: outro rebanho
A apascentar caminha em prados novos;
De outras ovelhas cuidará solícita,
Que não de nós: sua coroa mística
Outras mãos tecerão da rosa agreste,
Do lírio das campinas para a frente
Da pastora sagrada: o bago santo
Doutro redil defenderá a entrada.
Em hora boa saia a nova esposa
Por caminho de flores! Saia a bela,
A casta filha de Sião sagrada
Para os paços magníficos do esposo!”

IV

Aberta estava a porta do mosteiro,
E as virgens do Senhor este cantavam
Hino de saudosa despedida
A sua jovem prelada que ora as deixa.
Formosa e em viço de florentes anos
A real Branca, de Lorvão senhora,
Ali despiu do século as grandezas
Na solidão do claustro: o nobre Afonso
Viu com lágrimas pias – não de mágoa,
Trocar a linda filha a régia púrpura
Pela estamenha austera. Moça e bela
O báculo empunhou, e o regeu digna
De seu santo mister. A mais subido,
Mais alto grau na hierarquia a chama

Agora seu avô, essoutro Afonso,
O sábio, o imperador, o rei poeta
Que as musas pôs no sólio co'a virtude
E com elas reinou, rei cavaleiro,
Poeta português, que em nossa língua,
Mais estreme da árábica aspereza,
Mais goda e mais romana, preferia
Suas régias canções cantar do sólio.
Como a sangue que é seu, e amada filha
De Beatriz muito amada, lhe queria
O bom do imperador à jovem Branca:
Abadessa a fez de Holgas; a buscá-la
Vieram seus vassalos; e ora parte
Em pomposo cortejo a tomar posse
De seus grandes, riquíssimos domínios.

V

Cavaleiros cinquenta armados de aço,
Lúcidas cotas, duras malhas vestem:
Alva cruz nos broquéis; e alvo penacho
No elmo brilhante flutuando ondeia.
Alta a viseira está, mas baixos olhos.
O respeito lhes põe; não fita ousada
A vista do guerreiro as virgens santas
Que o véu do templo separou do mundo.
Vassalos estes são que as férteis várzeas
De Burgos têm, e de Holgas ao mosteiro
Preito e homenagem dão: custou-lhe armados
A entrar assim por terras portuguesas;
Com muito campeão romperam lanças,
E em pontes e castelos de senhores
Houveram que brigar; nem lhes valeram
Salvos-condutos do valente Afonso,
Que o português cioso não tolera
O rival Castelhana em terra sua.
Mas passaram alfim, e a sua bela,

Real senhora levam. Já flutua
O pendão branco ao vento matutino,
Dá sinal o clarim, viseiras descem,
Lança em punho. – Alva mula, ajaezada
Com ricos panos de oiro e finas telas,
Monta a formosa infanta acompanhada
De suas damas. Soeiro e Lopo a seguem;
Soeiro e Lopo, venerandos padres,
Digno exemplar em letras e virtudes
Dos filhos de Bernardo; a consciência
Têm a seu cargo da gentil princesa;
E bula especial do santo padre
Para acudir ao caso mais difícil.
Destes de exame, destes que faziam
Ao próprio Camisão suar a testa,
Que nem o agudo Busembau sonhara
Nem o Larraga lhe metera o dente.
Mestre Gilvaz que em Pádua fez prodígios
E a Galeno e Averróis deu sota e basto,
Em gorda, ruça mula – e não de físico,
De nédia que é – pesado de aforismos,
Grave caminha junto aos reverendos.
Nuno, valente e guapo borda-d'água,
Taful de escaramuças e ciladas
Contra arraianos, do Leonês e Mouro
Temido como o duende que os persegue,
Nuno, mancebo esperto, e cavaleiro
De nobres partes, por el-rei mandado
A infanta fora acompanhá-la a Holgas,
Como escudeiro seu. – a Tão belo pajem
A senhora tão moça não cumpria a,
Rosnava lá consigo frei Soeiro;
Mas o mal que lhe quer, pelo respeito
De quem o manda, declarar não ousa-Seguem
mordomos, escudeiros, moços,
Que, uns duzentos ao todo, cavalgando

Vão em marcha vistosa às margens lindas
Do suavíssimo e plácido Mondego.

VI

Raro é o véu, alva a touca, e transparecem,
Pelo véu raro e pela touca alvíssima,
As tranças loiras como o Sol que nasce
Detrás do outeiro, como os raios dele
Luzem quando ligeira os cobre nuvem
Diáfana no céu. Quem há de os olhos
Debuxar! Como o azul do firmamento
Em noite pura? – Não, que são mais lindos.

Como a safira em relicário santo
A luz das tochas adorada em torno
Em devota função? – Ah! que outro brilho,
Outra luz têm; e a devoção que inspiram,
– Bentas relíquias, perdoai-me o verso –
É mais fervente. Oh! saem desses olhos
Lânguido-azuis umas suaves chamas,
Um quase eflúvio de alma, que transpira,
Que vem do coração, que doce mana,
E o ar, e o peito que o respira, embebe.
Seio... imagine-o amor c'o olho atrevido
Do perspicaz desejo. Amor... que disse!
Amor! virgem do altar não sabe amores.

Longe, atrevido cobiçar profano;
É vedado esse pomo: ai do que o toca!
Vela o esposo do Céu, ao Céu pertence,
Admire-o a Terra; mas além é crime
Passar da admiração. Branca, a formosa,
A linda Branca, sangue real de Afonso,
Tão bela, tão gentil, fez de suas graças,
De seus encantos sacrifício às aras.

VII

Leda caminha a nobre comitiva;

Mas o Sol, que declina, lhe pôs termo
Ao viajar: fadiga sente a jovem
Princesa a tanto andar não costumada.
É mister de buscar poisada cômoda
Para a noite. – Onde? a luz já vai mingando;
Nem tarda o manto a se cobrir das trevas
Órfão do dia o céu. Dobrar o passo,
Que a poucas léguas jaz convento rico
De monges negros.

– “Monges negros!” – disse
Frei Soeiro com gesto de desprezo:
“Pernoitar sua alteza em tal mosteiro!
Senhora, grande santo foi São Bento,
(Meu padre São Bernardo me perdoe!)
Mas para tão fidalga companhia,
Para vós, real senhora, sobretudo,
Dos monges brancos honra, flor e nata,
Tal poisada buscar!... De nossa regra
O mais santo preceito e venerável,
Querereis infringi-lo? Antes mil vezes
Os votos todos três. E vossa alteza
Me desculpe, porém uma só noite
Sem o cumprir!... Não chega a tanto a bula
Do santíssimo padre: eu por mim digo,
E frei Lopo, que aí 'stá que me desminta;
Mas absolver não posso esse pecado!”

VIII

“Que é, padre-mestre?” disse a infanta: “eu tremo
De vos ouvir. Antes aqui na terra
Dura dormir, e ao relento frio,
Que tamanho pecado cometermos.
Porém qual é, dizei-me, esse pecado,
E que regra da ordem nos proíbe
De ir poisar ao mosteiro de São Bento?
Têm esses padres fama de virtude;

E não sei que lhes falta...”

– “O que lhes falta?”

Bradou com voz austera e tão medonho

Frei Soeiro, que a princesa de aterrada

Estremeceu na sela... e se não fora

O pajem que lhe acode a segurá-la,

Da excomunhão, que viu sobre a cabeça,

Fulminada caíra...

– “O que lhes falta?”

Repetiu, sem curar do mal que a aflige,

O abstinente bernardo enfurecido:

“O que lhes falta? o que?... falta a Tremenda.”

IX

Ríramos hoje nós, degenerados,

Tíbios fiéis, da enfática resposta

Do rígido Soeiro; o tal magano

Haveria de espírito filósofo,

Que ímpio mofasse do zeloso padre,

E lhe ousasse dizer: “Fora Bernardo!”

Porém naqueles tempos de fé viva,

Fm que ao mais leve incrédulo respiro

Tremenda excomunhão tapava a boca,

E em caso de mais polpa, um bom milagre...

– Tempo santo, que nós não mais veremos;

Maldita seja a ruim filosofia! –

Naqueles tempos de saudosa história,

Que responder a um venerando padre

Confessor – confessor de sua alteza?

X

Indecisa parou a comitiva;

E, os olhos fitos nos dois santos filhos

De São Bernardo, moços, escudeiros,

Cavaleiros, a própria infanta, aguardam

A decisão do caso de consciência,

Que porventura a todos os condena
A dormir ao relento, e mais sem ceia.

XI

Sem ceiar! – Este negro pensamento
De asas pesadas esvoaça na alma
Ao teólogo austero, anda, desanda,
Com todas as ideias se lhe entrava;
E a qualquer solução, que lhe desponta
No difícil problema, este se agrega
Corolário fatal: sem ceia! – A parte
Os dois graves juízes se retiram
A conferenciar, e a voz primeira
Que uníssonos soltaram foi: “Sem ceia!”
“Sem ceia, padre-mestre!”
– “E sem Tremenda
Caríssimo!”
– “Assim é; porém mais vale
Pouco que nada.”
– “E a regra?”
– “A regra... O caso
Intrincado é.”
– “E tão árduo, que o não viram
Igual ainda os casuístas todos.”
– “Caso é este, meu padre, que um capítulo
Não viera a cabo em decidi-lo ao justo.”
– “Capítulo dizeis!... A ser eu papa,
A concílio chamara a cristandade:
E nem assim.”
– “Mas padre, se mandássemos
Alguém adiante a ver se concertava
O caso co'esses negros monges? Negros
Sejam eles!”
– “Que raio de luz esse!
Inspirou-vos o Céu, ou São Bernardo.
Sim, padre, sim, vá vossa claridade,

E convenha com eles sobre o modo
De se cumprir a nossa santa regra.
Nós iremos entanto a passo lento
'Té que resposta da missão nos venha.”

XII

Assim se decidiu o grave caso
De consciência; e assim a Deus prouvera
Se decidissem todos. – Deu de esporas
A nédia mula o sábio conselheiro;
E informada a princesa e seu cortejo
De acórdão tão prudente, a passo tomam
O caminho do próximo convento.

XIII

Levam tempo disputas, e as fradescas
Mais que nenhuma. Escassa a luz incerta
Do crepúsculo ténue, dúbias cores
Ao vicejar dos campos dava ainda,
Ao lourejo das messes, e ao verde-alvo
Dos férteis olivais que a estrada bordam.
Por entre eles ao longo ao longo enfiados,
Ia a abacial coorte caminhando;
E na vasta planície, onde começam
A pesar raras as noturnas sombras,
Os olhos com delícia se estendiam.
Fecha a maga, saudosa perspectiva
Ao cabo lá, cerrada cordilheira
De outeiros, cujo verde tachonado
Co'a palidez das urzes que desmaiam
No ardor do Sírio, ainda o véu das trevas
Permite distinguir. Um só mais calvo,
Negro e todo de sólido granito
Nesse animado quadro parecia
Em cena tão vivaz quase esqueleto
De monte, e contraposta imagem fúnebre

Da morte, a tanto luxo e flor de vida.
Como ataúde egípcio que entre os brindes
E prazer dos festins vem travar gostos
Co'a lembrança – terrível! – do futuro.

XIV

Escarpado de duras penedias,
Isolado, só, árido, e de pontas
De vivo seixo agudas eriçado
Estava o cerro: como em mar de areias,
Insolúvel teorema a sábios, se ergue
A obra dos Faraós. – lam vagando
Pelo variado aspecto deste quadro
Os olhos dos viandantes... quando súbito
No alto do escuro monte uma luz clara
Surdiu, desaparece, outra vez brilha.
E some-se... a luzir volve tranquila:
Como um fanal que em costa mal segura
Ao prudente baixel do perigo avisa.

XV

Maravilhou a todos o espetáculo
Inesperado: a timorata infanta
Cuida já ver de mouras encantadas,
De feiticeiras más, de lobisomes
Toda a caterva em peso a vir sobre ela;
E não ousava rezar baixo o credo,
Nem vade retro Satanas! que dizem
Nem sempre coisas más se vão com rezas,
E às vezes é pior, porque se assanham.

XVI

“Que será?” disse enfim um rumor surdo
De vozes dos que trêmulos pararam,
E observam com terror a luz estranha,
– “Deus nos acuda! n baixo diz a infanta,

– “E o padre São Bernardo antes de tudo”:
 Frei Soeiro emendou.
 – “Certo me espanta”,
 Volve Dom Nuno, o pajem da princesa:
 “Certo me espanta este sinal estranho,
 Que por velas de moiros o tomara
 Noutra paragem. Bem travado co' eles
 Anda o mestre Dom Paio, que os deixasse
 Passar do Algarve aqui. Até vos digo
 Que este é o próprio sinal que usa em seu campo
 Aben-Afan.”
 – “Aben-Afan!” repetem
 Em coro a comitiva espavorida
 Com frígido terror. O mais tremendo,
 E mais temido, acérrimo inimigo
 Que tinha Portugal, era esse mouro
 Pelos tempos de então. Valente, ousado
 Era ele, e senhor de grandes terras:
 Todo o Algarve de aquém o reconhece
 Corno a príncipe e rei temido e alto.
 Suas galés inúmeras infestam
 Entre as colunas de Hércules os mares.
 Em vão com seus ardidos cavaleiros
 Dom Paio, o mestre de Santiago o aperta:
 Que do Queimado Algarve nos castelos,
 Firmes inda nas lanças muçulmanas,
 Profanas luas brilham. – Como as sete
 Áureas torres no escudo lusitano
 De em torno às santas Quinas se juntaram?
 Como a nobre Tavira abriu suas portas
 Ao português? Como ao singelo título
 De rei de Portugal o aumento veio
 De aquém e de além-mar, que outros tão nobres
 Trouxe depois?... Já nobres, tristes hoje
 Que só memórias tristes nos recordam
 Do tão caro ganhado, e tão barato

Perdido...

XVII

– “Moiros são, dizeis, Dom Nuno?”

Ao seu pajem a infanta pergunta.

– “Real senhora, talvez não... É certo

Que este sinal... Mas...”

– “E que monte é aquele

Tão negro onde ele está?”

– “É o Monteagudo,

Senhora, nomeado nestes sítios

Pelo seu ermitão que ali vivia

Inda há pouco, e não sei se é morto ou vivo;

Mas há bem tempo que o seu branco alforge

Não tem vindo a pedir pelas aldeias

Como vinha antes sempre; e eram disputas

A quem mais lho encheria entre as cachopas

E lavradeiras todas destas terras.

Têm-lhe uma devoção...”

– “Não me recordo

De o ver: e aqui tão perto do mosteiro

Lá iria alguma vez. Como se chama?”

– “Hugo... Frei Hugo é: e contam dele

Histórias de pasmar; de que foi moiro

Ou com moiros vivera largos anos

No Algarve; e era parente ou grande amigo

De um Garcia Rodrigues que lá anda,

Mercador muito rico e nomeado,

Homem de prol por certo e cristão velho.

Mas Frei Hugo não sei...”

– “Pois quê?...”

– “É fama

Que a rainha do Algarve, esta que é morta,

A mãe de Aben-Afan, a convertera

Frei Hugo à fé de Cristo, e que a princesa

Oriana à nascença batizada

Fora logo... mas dizem... É uma história...”
– “Que eu quero saber, que me interessa.
Dizem o quê?”
– “Que a tal rainha moira
Tinha uns feitiços e uns tais olhos negros,
Que o frade, com ser frade...”
– “Basta, basta:
Parece-me que sei já toda a história.”
– “Pois sim. E que daí, arrependido
Quando lhe ela morreu, veio a estes sítios
Em vez de ir ao convento, e em Monteagudo
Fez essa ermida, e em cruas penitências
De cilício e jejuns consome a vida.”
– “Coitado! Deus se doa de sua alma!
E agora estou pensando que me lembra
De ter visto em Lorvão, na nossa igreja
Um ermitão rezando tão contrito,
Tão devoto. Quem sabe se era ele?
Mas se ó morto, dizeis...”
– “Talvez não seja.”
– “Ou seria sua alma que anda em penas...
Frei Lopo, dir-me-eis três missas negras
Por uma alma que está no Purgatório
E eu quero despenar...”

XVIII

Mal proferira

As piedosas palavras a princesa,
Surde, como visão de espectro ou sombra,
De armas negras armado um cavaleiro
E em corcel também negro – quais os rege
A noute em carro de ébano. Passando,
Atravessou impávido as fileiras
Dos castelhanos, que tomados súbito,
Como de espasmo frio, nem ousaram
A fazer-lhe a pergunta costumada

De “Por quem, cavaleiro?” – Ia já longe,
Quando acordados a bradar começam:
“Por quem, por quem?” – Mas ele, sem volver-se
Nem apressar o passo majestoso,
Em português tornou: “Real, real
“Por branca rosa, flor de Portugal!”
Deu de esporas e a rápido galope
Desapareceu. Tranquilos foram todos
Co'a resposta, e contentes – que de amigo,
Certo era: só dom Nuno lá dizia
Entre dentes baixinho: “Amigo!... Embora
Porém, ä fé, cavalo e cavaleiro,
Tão cristãos eles são, como eu sou mouro.”

XIX

Andando vão caminho do mosteiro,
E andando a noite mais e mais desdobra
Seu véu negro de estrelas recamado,
Que, ausente, a Lua sós no céu deixava
Alvas brilhar. – Qual o festivo bando
De donzelas louças no prado à solta
Em horas de recreio, e longe de olhos
Sempre alerta, ligeiras danças formam,
Travam jogos brincões; sorri-lh'o esmalte
Po campo, e as flores tão gentis como elas.

XX

Mas já cuidadoso o rígido Soeiro
Co'a delonga do enviado reverendo,
Começa de assombrar-se-lhe a consciência
Na ideia de quebrar o mandamento
Cardeal dos preceitos bernardescos.
Já entre a comitiva mal disposta
A aceder aos escrúpulos de frade
Murmuravam alguns; e só continha
O respeito da infanta, que assanhada

Não rompesse a questão entre os dois máximos
Poderes que este mundo entre si regem...

XXI

Eia! cobrai alentos, ânimos fortes,
Que, vedes, Lopo traz a medicina
Para escrúpulos, fomes, e temores
De mal passadas noites, magras ceias
E o mais que agora em vossas almas pesa.
– “Tremenda, padre: e viva São Bernardo!”
Gritava já de longe, esbaforido
Do galope em que vem. “Viva a tremenda!”
Soeiro volve; e vivas lhe respondem
Da companhia alegre co'a mensagem.
Dobra-se o passo; cada qual se apressa,
Com olhos e alma no tinelo (*Refeitório*) bento.
Branca, a formosa Branca de anos tenros
À tutoria monacal afeita,
E sem vontade sua onde é senhora,
Vai onde a levam, e rezando sempre,
Começa uma novena e três rosários
Que nos p'rigos da estrada prometera,
A não sei quantos santos milagrosos,
Se à poisada esta noite a salvo chega.

XXII

Correi, correi, ó nobres cavaleiros,
Correi, correi, São Bento vos espera
Com farta ceia e regaladas camas.
Porém, como os escrúpulos cessaram
Do rígido Soeiro? como pôde
O destro enviado congraçar dif'renças
De monges brancos e de negros monges?
– “Fácil não foi; travada houve disputa;
E a não ser o abade, homem prudente,
Que o bago regedor meteu em meio

Da renhida contenda, hoje ao sereno
Ficaras linda Branca delicada;
E de tuas faces as purpúreas rosas
Amanhã desbotadas não dariam
Inveja e zelos aos rubis da aurora.
Esses olhos tão puros, donde mana
Doce arroio de luz celeste e meiga,
Olhos, por quem amor dera o seu trono,
Dera um céu de prazer e de ventura,
Se outro céu, se outro amor já não tomara
Para si todo, todo esse tesouro;
Esses olhos pesados do relento,
Morna a luz, sem fulgor, do novo dia
Não brilhariam matutinos raios:
Qual sói brilhar no céu a estrela de alva,
Precursora do Sol – tão radiante,
Tão majestosa não, porém mais bela.

XXIII

Eis os repiques nas sonoras grimpas:
Eis as tochas, e os cânticos: – “Bem-vinda
A filha de Sião, bem-vinda seja
A progênie dos reis, a casta esposa
Eleita do Senhor. São os seus olhos
Como os da pomba quando em terno arrulho
Anseia...” – Os padres bentos o cantavam,
Não sou eu que o inventei: – e outras mais cousas,
Excitantes imagens das delícias
Conjugais de alma: hino exemplar e santo,
Extraído do Cântico dos Cânticos.

CANTO SEGUNDO

I

Oh formosura! oh doce encanto de olhos,

Enlevo de alma, para quê no mundo
Te debuxou a mão da Natureza?
Que vieste fazer do Céu à Terra
Ornato de anjos, divinal revérbero
Da face do Criador? – A luz da estrela
No firmamento azul, o alvor da Lua
Frouxo-brilhante, e belo como a face
Da virgem que suspira por amores
Vagos, que em peito infante lhe despontam;
Osorrir meigo da rosada aurora
Que vem o dia anunciar com flores
Roxas, colhidas nos jardins do oriente:
E o Sol, orbe de luz no céu, radiante,
Olho, imagem de Deus, clarão e vida,
Ser, existência propagando eterno
Por inúmeros orbes suspendidos
No espaço... oh! formosuras são condignas
Do edifício magnífico do mundo.
De tais encantos adornou sua obra
A mão que tudo fez. – A majestosa
Arquitetura do orbe foi traçada
Assim, num grande rasgo de beleza
Simples, sublime e grave como a ideia
Que o concebeu no seio à eternidade.

II

Mas, homem, tu misérrimo dos entes
Que se arrastam no espaço circunscrito
De um dos mínimos globos do universo,
Inseto de um só dia, que nasceste,
Para continuar o elo da vida
Na cadeia dos seres!... que apontaste
Num ângulo da cena resplendente
Para vê-la, e... morrer; homem, quem pode
Compreender teu fado misterioso
Nos destinos do mundo! E como aprouve

À natureza -liberal, e avara
Contigo, já mesquinha, generosa,
Já rica em dons, já pobre em faculdades,
Que te deu, te negou, e assim te há feito
O mais raro fenômeno da Terra,
Incompreensível, único – homem, como
Desta sorte lhe aprouve à natureza
De juntar em teu rosto a formosura
Toda pelo universo repartida!
Como tu, vidro obscuro e quebradiço,
Em ti só concentraste o prisma inteiro
Das belezas no mundo repartidas!
ou zombas dele, ou alto é teu segredo
Acerca do homem, criadora Essência.

III

E então da espécie na porção mais débil,
Mais frágil foi cair todo esse raio
De formosura! Então para compêndio
De belezas e encantos, escolhida
Foi a mulher! – De quem o cofre rico
De mimos e de graças, confiaram!
Nossos prazeres todos, nossos gostos,
Consolações, alívio em mágoa, amparo
Na infância, encanto em juventude, e arrimo
Na velhice, de ti, mulher, nos partem:
Concede-los tu só, ou no-los negas.
Negas, e quantas vezes! – Mas tiranos
Não somos nós, injustos, opressores?
De quantas privações, de quais tormentos
Lhe não travamos duros a existência!
Que sórdidos haréns, que vis eunucos
Tem o Oriente, sepulcros tristes de oiro,
Onde geme a virtude, e amor corrido
Cede a brutal desejo o facho e a venda!
– Culpas, Europa, o muçulmano bárbaro?

E os teus cárceres negros e traidores,
Onde à inocência cândida, à piedade
Arma pérfido bonzo o laço astuto,
Laço, que, eterno, a vida, os gozos dela,
A ventura, o prazer dum nó separa?
Corta sem dó – cruéis! – e até cerceia
O derradeiro bem dum desgraçado,
A esperança? – Esperança! nem um viso,
Nem um só raio seu penetra os ferros
Da escravidão que só tem fim co'a vida;
Nem um só raio seu vai benfazejo
Aquecer corações gelados, mortos!
Mortos, mas palpitando no sepulcro,
A que baixaram vivos. – Homem bárbaro,
Ingrato e desleal, qual é o seu crime?

IV

Escrúpulos, adrede fomentados
Por ignorância interesseira e baixa,
Quanta vitima cega hão conduzido
Ao altar profanado de holocaustos
Tão sanguinários, crus! A pátria, amigos,
Casa paterna, maternais carícias,
Doces futuros dum esposo amável,
De meigos filhos, santos gozos de alma,
Dados de Deus – e tudo abandonado
Pela ímpia crença de que a Deus não prazem,
Que impureza os deturpa, o vício os mancha,
E só do claustro para o Céu há estrada.
Dogma fatal, perverso, injurioso
À divindade! – Oh! vítima inocente,
Formosa Branca, de tal erro foste.
Devota, pia, timorata e fraca,
Temeste o mundo, escolho de virtude,
E, sem o conhecer, fugiste do mundo.
P'rigos, cachopos tem o mar da vida,

Tredos baixos, procelas tempestuosas:
Mas o nauta que tímido largasse
O baixel que o conduz à pátria cara,
E dos riscos das ondas aterrado
Fosse em algoso, íngreme cachopo,
Só, no meio dos mares acolher-se,
Onde nem doce esp'rança de almo porto,
Nem conforto da vida, nem uns longes
De melhor sorte, mas só ermo triste,
Mas só a vasta solidão do oceano...
Prudente o chamarias? – Ai virtude,
Que homens, que leis dos homens te conhecem?

V

Trazei, filhos de Bento, as suculentas,
Largas postas do nítido cevado;
Correi devotamente ao dormitório,
E em grosso pingue do toucinho gordo
Me afogai os escrúpulos bernardos.
– Foi lauta a ceia e vasta, perus trinta,
Por cabeça os leitões, adens sem conto.
Não manjares opíparos, não brandas
Delicadezas de esquisito gosto,
Mas fartura, abundância ilimitada
À portuguesa velha. – Comeu pouco,
De extenuada, a mui formosa infanta;
Mas por ela e por si, por um convento
Comeram os dois padres confessores.
Nem tu, mestre Gilvaz, em tal aperto
De tentações, pudeste recordar-te
Do fatal omnis indigestio mala:
Texto que em teu sistema te confunde,
Único em toda a vasta medicina,
Que interpretá-lo bem não conseguiram
Tuas doudas vigílias. – Já repletos
Com tão frugal repasto ao leito foram,

E no primeiro sono em paz descansam.

VI

E ora de cruz alçada, e ceruf'rários,
Em procissão coristas se encaminham
Com ingente marmitta ao dormitório
Onde jazem os hóspedes bernardos.
Supinos jazem, e jazendo roncam,
Mas ao devoto cheiro da tremenda,
E ao conhecido canto acordam presto.
E assim a procissão andando entoava:

CORO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,
Esta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitência,
Levantai-vos, que a hora é chegada.

UMA VOZ

Macerai essa carne rebelde
Co'este gordo, tremendo bocado;
Sonhos maus, tentações do demônio,
Fique tudo em toucinho afogado.

CORO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,
Esta é a hora tremenda e sagrada;
Vinde, vinde fazer penitência,
Levantai-vos, que a hora é chegada.

UMA VOZ

Louvor seja ao glorioso Bernardo,
Que tão santo instituto vos deu:
Sem tremenda quem pode salvar-se?
Com tremenda ninguém se perdeu.

CORO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,
Esta é a hora tremenda e sagrada;
Vinde, vinde fazer penitência,
Levantai-vos, que a hora é chegada.

VII

Co este hino monacal anunciavam
Os irmãos bentos aos irmãos bernardos
A respeitável hora da tremenda:
Uso antigo, sagrado, inalterável
De monges brancos, e hoje por não vista
Exemplar tolerância permitido
Nos claustros pretos, não sem muito escândalo
Dos padres-graves rígidos da ordem,
Que altamente em capítulo altercaram,
Assinaram seu voto em separado,
E protestaram n'ata. Mas o abade,
Mais tolerante ou mais cortesão que eles,
Relaxou, em respeito da princesa,
A monástica, austera antipatia,
E a liberdade franqueou de culto,
Por esta noite só, em seus domínios.
– “E que nos faz a nós que os bons bernardos
Comam toucinho, ou não? argumentava
O filósofo abade; “há hi pecado,
Ou ofensa de Deus?” – “Quê, padre abade!”
Torna inflamado em zelo um reverendo:
“O quê? Indif'rentismo em tais matérias
É dos pecados todos o mais grave.
O que nos faz a nós que comam porco
E os Judeus, o que importa que o não comam?
Mas para esses há boas fogueiras;
E então estes...” – “Basta, padre: a ordem!
Por santa obediência vo-lo mando.”
E decidiu-se que a tremenda fosse

Pontualmente repartida aos hóspedes
Com todo o ritual prescrito e usado
Entre os gordos bernardi-brancos monges.

VIII

A procissão fora direita à porta
Da abadessa gentil; mas tão cansada
Se achava da viagem, que impossível
Lhe era cumprir co'este preceito santo
Da regra. Meiga voz disse de dentro:
“Dispensai-me hoje, que... não posso.”

– “Como?

Não posso!” brada em cuecas acudindo
Gorda, cachaci-pançuda figura
Que da fronteira cela a correr veio:
“Não posso! o quê? Não chega a tanto a bula
Dispensar! Com dispensas vai perdida
A Igreja, e as ordens. Dispensar no caso
Mais grave, no preceito mais restrito
De nossa regra! Não, senhora minha:
Heis-de tomá-la, ou não sou eu frei Soeiro.”

E atacava, dizendo, as descosidas
Bragas, que enfiou à pressa arrebatado
De zelo e rigidez.

– “Esta só noite,

Esta só por merca e por piedade.”

Volve a sonora voz dentro da cela:

“Todo me dói o corpo fatigado,
Meu santo patriarca São Bernardo,
Bem sabes tu se eu posso!”

– “Embora, embora Mais aceita será a penitência,
Quanto mais custe. Vamos; vossa alteza,
Gomo prelada que é, deve ao exemplo
Sacrificar seu cômodo e vontades.
Só assim se mantém a disciplina
Da ordem.”

– “Mas...”

– “Ver-me-ei pois obrigado

A fulminar da excomunhão os raios.”

– “Excomunhão!... não, não: eu abro, eu abro.

Misericórdia! não, reverendíssimo,

Oh! não me excomungueis: um porco vivo

Comerei antes... antes.”

Uma idosa,

Bem-apeçoada, dona abriu a porta;

E o rígido Soeiro, inda em cuecas,

Ponderoso facão na destra empunha,

E em manta enorme atassalhando um naco

Tal, que a só vista dele afugentara

Sinagogas inteiras, triunfante

Do alto poder de sua autoridade,

Com voz solene e grave pronuncia;

– “Aproximai-vos, abadessa de Holgas.”

E a tímida inocente a passo lento,

Ao bruto sacrifício se encaminha.

Cos lindos olhos mede o desmedido,

Bronco pedaço que o brutal bernardo

Para boca tão breve ousou talhar-lhe;

E c'um gesto de mágoa tão aflita

Mas tão formosa, tão encantadora,

Que abraça compaixão em brônzeos peitos,

Peitos de tigres – que não fossem frades,

À repugnante, enjoosa penitência,

Resignada e humilde se oferece.

IX

Cena era digna do pincel flamengo,

Da natural simpleza ingênuo filho,

Esta que na alma agora me debuxa

O aceso imaginar... Finta-me o escuro

Fundo do quadro com um longo e fúnebre

Escasso-alumiado dormitório.

Põe-me ai, do painel na luz primeira
Tímida e jovem, cândida beldade
Com alvas, longas roupas, e o véu alvo
Erguido, que descobre a face angélica,
Onde a amargura – não de paixões vivas
Que o rosto convulsivas desfiguram,
Mas a que o gesto juvenil risonho
Contraí à vista do pedante mestre
Brandindo austero a férula temida.
Essa, essa angústia de inocência, altera
A suavidade das feições divinas.
Diante dela, n cômica figura
Do fradalhão bojudo, encarniçado,
Co'as grossas, curvas e cevadas formas
Transparecendo das ligeiras cuecas;
Na mão, tremenda posta de toucinho,
Que rindo mostra com prazer maligno
À timorata virgem. – Grupos negros,
Branços de monges, de diversas cores,
Cavaleiros armados de armas brancas,
Branças sobrepelizes de coristas,
Em derredor com arte colocados...
Não fora, se tal quadro executasse
Não fora, entre os milhares de prodígios
Dessa escola imortal, o menos belo.

X

Novo ator no meu quadro – nova, digo,
Figura, pois que falo a língua de arte;
Ou então novo ator, porém na cena:
Mestre Gilvaz, que acode ao arruído,
Despertando dum sonho afadigado,
Em que se viu, qual Tântalo inter dapes,
De pastéis, de perus, de trouxas de ovos
Cercado em torno... e a cada mão que estende,
A cada ávida boca que escancara,

Um lívido aforismo em feia forma
De alado espectro, co'asa de morcego
Lho arreda acinte, e o cansa, o atormenta.
Tal o doutor de Sancho, no banquete
Da insula bendita, sem piedade,
Um depós de outro, os almejados pratos
Ao faminto escudeiro denegava.
– Acordou do terrível pesadelo,
À bulha da tremenda, e mal lembrado
Da verdadeira causa do alvoroço,
Que a tais desoras o sossego quebra
Da habitação monástica, aturdido
Ao sítio corre onde o arruído escuta.

XI

Estavas, linda Branca, nesse instante
Resignada à enjoativa penitência
Que a teu sebento confessor, tão doce,
Tão deliciosa e branda parecia.
Eis bom messer Gilvaz entra esfregando
As enviscadas pálpebras, e rouco,
Bocejando em hiatos tremendíssimos,
De rebulício tanto inquire a causa.
Viu-o a infauta, e cobrando em seu desmaio
Um alento de esp'rança, os meigos olhos
Com súplice expressão volve ao galeno:
E – “Mestre Gil, oh! mestre Gil”, exclama:
“Valei-me por quem sois. Ai! não, não posso.
Mestre Gil vós sabeis que fraco eu tenho
O estômago, desde a última doença,
Que aquelas dez garrafas, trinta pílulas,
Tisanas, infusões, purgantes, tônicos,
E não sei que outros mais doutos remédios
Vosso muito saber me receitara,
Au acudi-me, senão desta morro.”

XII

Os olhos magistrals de novo esfrega
Inda tonto de sono e mal desperto,
Chega à princesa, e quase por instinto
Da doutoral natura, a mão estende,
E ao níveo pulso gravemente a aplica.
“Febre”, disse: “febrícula; está duro,
Intermitente, vivo, e com seu tanto
De... Vejamos a língua. E de appetite
Como vamos? Funções segregatícias
Em regra? Bom: o caso é de importância,
Mas não de p'rigo: a historia morbi é simples,
E a capitulação tyronum minimo
Perquam facilis. Posto que nos diga
O grande mestre, o sabedor dos sábios;
Ars longa, vita brevis; invertido,
Com o favor de Deus, já muitas vezes,
Tenho o douto aforismo: vida loriga
Com arte breve. E assim hei de emendá-lo
Na primeira edição correctior auctior:
Ubi ars brevior, erit longior vita.
E que saiam a campo esses doutores
Da mula ruça; a pé firme os espero
C'um silogismo em bárbara, outro ad hominem,
E três cornudos, bífidos dilemas
Que lhe hão de estopetar as cabeleiras,
E fazer comer terra a faculdade,
Ignorantões hei de encová-los.”
– “Vede
Que é urgente...”
– “Se é urgente!... Ah biltres,
Sevandijas de borla, vis insetos!
Pretender ensinar-me, a mim, ao mestre
Gilvaz, doutor pela alma academia
De Pádua, que três dias sucessivos
Sustentei a pé firme as minhas teses,

E esgrimi c'os primeiros disputantes
De Bolonha e de Paris! A mim, birbantes,
A mim!..." E no ardor da dialética,
Com pés e mãos falava, e combatia
Imaginários zoilos, atrevidos,
Petulantes, ignaros aristarcos,
Que, ás lançadas de vivos argumentos,
Desmontava do arçã; prostrava em terra
Na escolástica arena estatelados.
Embalde o implora, o chama a gentil Branca,
E a circunstante turba às gargalhadas
Lhe responde aos sonâmbulos discursos
Que não entende: mais e mais irado
Lhes torna: "Ignorantões, a mim, birbantes!"
Não esquecendo assim, nem quando em sonhos,
Da faculdade a natural modéstia.

XIII

Frei Soeiro, entanto, co'a tremenda em punho,
Insta; Branca suspira, e encara o doctor;
A fradalhada ri; Gilvaz redobra
De entusiasmo; o confessor declama;
E em gritaria tal ninguém se entende.
Quando um leigo a correr esbaforido
Vem a gritar: "Misericórdia! acudam...
Misericórdia! Moiros no convento."
– "Moiros!" repete uníssonos a caterva;
E os berros de Soeiro, os argumentos
De Gilvaz, as risadas dos coristas,
Tudo parou num gélido silêncio.
Como n'harpa festiva os sons alegres
Do trovador que feriu seta imiga,
Quando animava co'as canções divinas
As danças dos zagais no flóreo prado:
Mas o cruel archeiro de alta torre
O mirou certo ao coração, e fria

Pára a mão, que as vibrou, sonoras cordas.

XIV

Moiros!... Com olhos fixos e pasmados,
De susto e medo atônitos se encaram
Uns aos outros, e como que perguntam
Em seu mudo falar: “o que faremos?”
Dos cavaleiros a mor parte dorme;
E os que velavam co'a função noturna
Da orgia monacal, tomados súbito
De terror imprevisto, acovardados,
Sem ânimo, sem força, irresolutos,
Em pavor frio como os outros gelam.
“Que faremos?” – “Às armas!” gritou Nuno!
“Ânimo! às armas, e segui-me todos,
Que eu...” – Não bem proferira estas palavras
Tremendo Alá soou pelas abóbadas
Agudas do comprido dormitório,
E os alfanges nas trevas cintilaram.
Mal aclaradas das noturnas lâmpadas,
Luziram finas pedras nos doirados
Broches de alvos turbantes. – Alá soa...
E os frades, o doutor e os cavaleiros
Se viram num instante sobre os peitos
Apontadas as duras cimitarras,
Cru error de cristãos. – Nem um suspiro,
Nem um ai: mãos atrás, e um nó valente
De rijo esparto. – Nuno só, que em tanta
Desordem conservou cordura e alma,
Das mãos do frade toma a cruz que guiava
A procissão burlesca, e a golpes vivos
Co'a bandeira de fé a infiéis combate.
Sobre ele alfanges cento a golpes chovem,
Se descarregam ponderosas achas,
Mas o intrépido Nuno a um lado e outro
Fere, estrui, defende-se, e derruba

Inerme e só ao ismaelita armado.
Não lhe comporta o generoso peito
Perder, sem disputar, a liberdade,
E antes a vida, que a honra, barateia.
Caminho se abre entre as cerradas turmas
Das moiriscas espadas... Espantado
De tanto esforço, e como que vencido
Dum poder sup'rior, recua o moiro;
E o intrépido mancebo, defendendo-se,
Retirando-se, enfim a escada alcança.
C'um desesp'rado golpe e furibundo
Aterra os que mais próximos o seguem;
A pulos desce, atravessou a crasta,
– Como sulco de luz na tempestade,
Que as nuvens rasga, e some-se – na cerca
Entre árvores e o escuro desaparece.
– “Deixai-o”, disse entre os infiéis um deles
Que o nobre ad'man, o rico dos vestidos,
E o respeito que os outros lhe catavam
Seu chefe mostra ser: “quem tão valente
Assim defende a liberdade e a vida,
É digno de as gozar: ninguém o siga.”

XV

Quem é este inimigo generoso,
Que alma tão nobre em peito infiel encerra?
Quem é este guerreiro muçulmano,
Que tão gentil, tão majestoso brilha
Nas pitorescas árabes alfaias
Que o talhe heróico, o altivo porte, a graça
Esbelta, de marcial beleza arreiam?
Branca em torno da frente em tresdobradas
Voltas o cinge estofa resplendente
Como a neve nos picos anuviados
Da serra das Estrelas. Puras virgens
A deduziram em lidados fusos,

De Alvor nos verdes plainos, e a teceram
Ao som das namoradas cantilenas
Dos romances do oriente, que as memórias
Contam de avós nas terras apartadas,
 Donde vieram ao reclamo tredo
 Do vingativo pai pela ofendida
Honra da loira virgem. – Encurvadas
 Em demilunar círculo rebrilham
A esmeralda da cor dos verdes campos
E a safira que o azul do céu reflete,
E as ametistas roxas como a humilde
 Violeta modesta, que se esconde
 Do Sol criador na flórea Primavera.
Olhos negros – tão negros como as tranças
Que, ao destoucar-se, a noite esparze longas
 Pelas ebúrneas costas – vivo lume,
 E o fogo da progênie do deserto
Do rosto baço, com tochas, lançaram
 Acesas no aguçado minarete
À hora das preces, na mesquita. Baço,
Baço é o rosto – que o sol crestou as faces,
 Há longas gerações, da raça altiva
Dos filhos do ermo – porém belo, e cheio
De animada expressão; e o vivo realçam
Carmim das faces crespos fios de ébano.
Que em anéis romanescos lhe dividem
 O bem fendido, nítido bigode,
 Forra-lhe o peito cota de aço fino
 Entalhada em lavor custoso de oiro.
Longo, pesado e curvo, o alfange pende-lhe
Fiel à esquerda: a morte se há postado
 Nos gumes desse alfange, e daí colhe
Ampla ceifa de vidas. Quantas lágrimas
De viúvas, de órfãos nesses feros gumes
Corrido têm, sem lhe embotar os fios,
Sem lhe embaciar a lâmina brilhante!

XVI

E este era o chefe da infiel coorte,
Que o santo asilo a profanar se atreve
Da monacal virtude. Preso o abade
Co resto de seus monges que dormiam,
Com os mais castelhanos cavaleiros,
A quem grilhões pesados despertaram
Do brando sono, todos manietados,
Exceto Nuno, quantos habitavam
O mosteiro essa noite malfadada,
Ao vencedor seus campeões os trazem.

XVII

E do ti, linda Branca, de ti, bela,
Mimosa dama tenra e delicada,
Ai! de ti com horror meu canto foge.
Cortada a voz nas cordas do alaúde
Teu destino cruel dizer não ousa.
Virgem botão, que ao sol desabrochavas
Em jardim de virtudes, ai! colheu-te
Grosseira mão do salteador dos bosques,
Quem te defenderá? Tua virtude?
Céus! a cândida rosa da inocência
Faltam-lhe espinhos que do vício a guardem.
Irás, filha de reis, sangue de Afonso,
Ramo augusto dessa árvore frondosa
Que germinou nos campos da vitória,
E co'as raízes no sanguento Ourique
Topeta os astros da estelada esfera,
Irás pois tu, que os tálamos doirados
Dos príncipes da Terra desprezaste,
E repoisavas gemedora pomba
Nívea no seio do celeste amado,
Irás de imundo harém vitima abjeta,
A prazeres infames, e ao capricho
De bárbaro senhor jazer escrava?

XVIII

Correi, lágrimas tristes, deslaçai-vos
Do coração, onde pesais tenazes,
Dolorosos soluços; ânsias cruas,
Sai, terríveis aberturas de alma,
Vinde em mares de pranto aos olhos turvos,
Espalhai-vos em nuvens de suspiros,
Desafogai-lhe o peito comprimido:
Para um só coração é muita mágoa.
– Chora, linda princesa, o teu destino,
Sobre teus dias malfadados chora;
Essa flor de beleza, essa virgínea
Candura de inocência... Oh!...

Mas na face

Da real donzela que expressão eu vejo?
É aflição, é dor? Não. – Quê! sem medo,
Sem horror encarar o gesto impuro
Do inimigo da fé! – Que olhar tão doce,
Que lhe ela lança! Creras que um encanto
Acintoso de oculto malandrino
Lhe desvairou o coração e os olhos,
Que aos do moiro gentil rendidos tendem,
Qual tende, por incógnito feitiço,
Do norte ao pólo a namorada agulha.
Não há sorriso nos vermelhos lábios,
Não há meiguice nos brilhantes olhos,
Mas há não sei que pensamento lânguido
A ressumbrar de toda essa figura
Angélica, divina, que o desprezo
Junto, que as santas iras não souberam
Onde, em tanta beleza, debuxar-se,
Ele o jovem traidor, ele o conhece:
E o que não adivinham cobiçosas
Vistas de gentil moço? o que não sabem
Ler nos de virgem olhos de mancebo?

XIX

Quem se ajoelhou ante a real infanta?
O belo moiro foi. Quem lhe protesta
Respeito e vassalagem? Tu, formoso
Neto de Agar. – Como o escutaste, ó bela
Filha de Afonso? – Murmurando as cordas
Da minha cetra... não, cristã vergonha
Não a ousam dizer. As níveas asas
O anjo guardador desprende, e foge
Para o Céu donde veio; a triste nova
Leva ao pastor duma perdida ovelha.
Perdida! Sim: à torpe voz do moiro,
Às impuras palavras... Branca, a filha
Dos reis da Terra, e do celeste esposa,
Branca sorriu, corou... e a sorrir volve.
O atrevido imprimiu ósculo ardente
Na mão de neve, que se entrega ao beijo,
E – vergonha fatal de Céus e Terra! –
Parece no contato envenenado
Estremecer-lhe co'a impressão lasciva,
E no deleite infando entorpecer-lhe
Alma, sentidos, coração, e a... honra!
– Tal em cheiroso banho áspide amigo
Voluptuoso suicida aplica às veias;
Tal perde a vida em lânguido letargo,
Que, não transe de morte, mas tranquilo
Adormecer de vida, e sossegado
Antes dirás repouso da existência.

XX

Um brado o moiro deu: os seus o entendem,
Partem. – Voai, voai, correi ligeiros
Co'a rica jóia que levais roubada;
Correi, que atrás de vós vingança corre.
De extermínio e de morte vejo armadas
Lusas falanges, denodadas hostes...

– Oh! defende-os, amor; pune-os, virtude.
E que merecem eles? – O castigo.
Mas castigar amor! O Céu tem raios,
E a crime tal nunca os mandou à Terra.

CANTO TERCEIRO

I

Cálculo de medidos pensamentos
Pela bitola compassada, estreita
Dessa filosofia austera e seca,
Seva tirana de alma que em tão brando
Sonho nos acordou de ilusões doces?
Fantasias embora... mas tão lindas,
Tão deleitosas! mas reais prazeres,
Bens, verdadeiros bens, que os nós gozávamos,
E satisfeitos de sonhar dormíamos.
Despertos que encontramos? Nossos olhos,
Descerrados à luz, que vêem, que acharam?

II

Triste realidade da existência,
Esqueleto da vida descarnado,
Que és tu sem as ficções que a embelezavam?
Ficaste como a várzea requeimada
Do ardor do muito sol, sem flor, sem relva,
Árida, feia. Mas o sol é vida,
É a luz criadora do Universo...
Sim; mas nem tanta luz que cegue os olhos,
Nem tanto sol que nos desseque o prado.
Razão, que és de alma o sol, gira em nossa alma,
Dá-nos dia e clarão ao pensamento;
Mas de teu carro a ardidos faetontes
Nas inespertas mãos não ponhas rédeas:
Tocha que foi de luz, será de incêndio

Facho terrível – e o calor de vida
Labareda vulcânica de morte.

III

Oh! magas ilusões, oh? contos lindos,
Que às longas noites de comprido Inverno
Nossos avós felizes entretínheis
Ao pé do amigo lar, ao crebro estalo
Da assaltante castanha, e apetitoso
Cheiro do grosso lombo, que volvendo
Pinga e rechia sobre a brasa viva?...
Pimponices de andantes cavaleiros
Capazes de brigar c'o mundo em peso,
Malandrinices de Merlim barbudo,
Travessuras de lépidos duendes,
E vós, formosas moiras encantadas,
Que monta a razão frígida, e o pesado
Na noite de São João ao pé da fonte
Áureas tranças com pentes de oiro fino
Descuidadas penteando – enquanto o orvalho
Nas esparsas madeixas arrocia
E os lúcidos anéis de perlas touca...
Oh! magas ilusões, porque não posso
Crer-vos eu co'a fé viva doutra idade,
Em que de boca aberta e sem respiro,
Sem pestanejo um só, de olhos e orelhas
No Castelo escutava a boa Brígida
Suas longas histórias recontando
De almas brancas trepadas por figueiras,
De espertas bruxas de unto besuntadas
Já pelas chaminés fazendo víspere,
Já indo, às dúzias, em casquinha de ovo
À Índia de passeio numa noite...
E ai! se o galo cantou, que à fatal hora
Encantos quebram, e o poder lhe acaba.

IV

Não gosto de Irminsulfs, nem de Teutates,
Nem das outras teogônicas prosápias
De rúnica ascendência. As alvas barbas
Do padre Ossian (Macferson foi seu nome)
Tão prezadas do douto Cesarotti,
Tão favorita de Alexandre corso,
Não me encantam a mim, não me embelecam,
Como aos outros cantores alameda
Que a nossos doces climas transplantaram
Esses gelos do norte, esses brilhantes
Caramelos dos topos das montanhas...
Do sol do meio-dia aos raios vivos,
Parvos! se lhes derretem; a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lúcidos cristais, em água chilra.

V

Em beldades varia a Natureza
Pelos países do orbe; varia a siga
Em suas formas gentis a arte que a imita.
Vês essa dama de doiradas tranças
Nas sempre verdes, arrelvadas margens
Do frígido Tamisa passeando?
Vês? da mimosa face alva de neve
Transparecem-lhe as rosas, um suspiro
Concentrado no íntimo do peito
Lhe anseia o coração; talvez a morte
Lhe cerceou dos gozos da existência
A amizade, ou amor num caro objeto.
Magoada, mas sem lágrimas – aflita,
Mas sem as convulsões que a dor expressam
No desespero, no delírio de alma,
Que só tuas praias vêem, teus bosques ouvem,
Vicejante Pamiso, Tejo aurífero,
Manso Guadalquivir e flavo Tibre.

Vê-la? seus olhos cor do céu resplendem.
Mas como o céu resplende anuviado
De vapor leve e raro. – Essa beleza,
Essa dor, esses campos, todo o quadro,
harmonizam co'a própria natureza,
Mas dá que inábil mão teu painel pinte,
Que os olhos negros, vivos, cintilantes
Da formosura austral lhe desse ignaro;
Que nesses lábios, onde treme a furto
Sufocado soluço, debuxasse
Desafogada a der em pranto acerbo,
Em suspiros, gemidos agudísimos
Que vão ferir o céu com agras queixas:
Que essas tranças tão lindas, que são de oiro,
Sem arte não, mas com singelo alinhio
N'alva frente enastradas, lhas tingisse
Da cor que pós a noite nos ondados
Cabelos das donzelas portuguesas,
E em feições que revelam pouco de alma,
(Que a alma nesses países regelados
Toda no coração, não vem às faces)
Expressasse, com arte monstruosa,
As paixões, cujo incêndio em nossos climas
É labareda que cintila, estala,
E em chama abrasadora aos céus se eleva,
Mas nas regiões do norte é fogo lento,
Quer amortecido à vista arde e consome
Não chameja, não brilha, mas intenso,
Oculto lavra, e no intimo devora...
A este meu quadro, credite Pisonos
Semelha a parte máxima dos quadros
Que assoalham por'i trovistas mores
Nessa feira da ladra de consoantes,
Que não encaixam cavalariço
Em humana cabeça, mas caveira
Burrical orelhuda em corpo de homem.

VI

E eu em críticas, eu poeta humilde,
Cujo ignorado nome à sombra dorme
Do nada protetor a que me abrigo,
Que não tenho, não quero, não procuro
Nem Mecenas a quem dedicar odes,
Nem Augustos de quem pechinchar tenças,
A dar preceitos eu!... Perdão vos peço,
Laureados habitantes desse monte,
Onde c'o vosso Pégaso, irmão de armas,
(Armas terríveis que jogais tão mestres!)
Pela divina relva andais pastando,
E à sacra fonte ides beber com ele:
Perdoai-me, que eu volto ao meu assunto,
E a cavalos e a vós, e à mais companhia
Quadrupedante deixo em paz no Pindo;
Em paz – e às moscas – que assim vai o mundo.

VII

Vivam as fadas, seus encantos vivam!
Nossas lindas ficções, nossa engenhosa
Mitologia nacional e própria
Tome enfim o lugar que lhe usurparam
Na lusitana antiga poesia
De suas vivas feições, de sua ingênua
Natural formosura despojada
Por gregos deuses, por espectros druídicos,
E com postičas, emprestadas galas
Arreada sem primor, rica sem arte.

VIII

Qual a inocente virgem das florestas,
Que as lindas tranças de grinalda simples
Da mosqueta selvagem adornava,
Bela, tão bela como a luz que nasce
Alva no raiar dum puro dia

Do flóreo Abril; se habitador ocioso,
De corrupta cidade em tal brancura
De singeleza pós nódoa de vicio,
E maculou c'o hálito pestífero
Esse lírio que foi glória do prado,
Então brocados, então panes de oiro,
Bordadas telas, cortesães donaires,
Pelo perdido ornato da inocência,
Se esforçam – preço vil! – de lhos dar novos.
Mas ah! sob essa pompa os não afeitos
Membros definham, e nas faces pálidas
Arrebique impostor não supre a rosa,
Nem os diamantes, que na frente brilham,
Emprestam luz aos olhos 'mortecidos.

IX

Mas se há pais, se há clima onde pareçam
As ilusões de nossa prisca idade
Reais nascer da própria Natureza,
E co'a verdade unir-se tão estreitas,
Que as não distinguirás – teus verdes bosques,
Teus palmares, teus áridos desertos,
Tuas rocas ermas, mas sós areias,
Aquém, além de várgeas que vicejam,
De cristalinas águas marchetadas,
Ardente Algarve, são: tu não cantado
Tequi de nossos vates, em meus versos
Não insensíveis às belezas tuas,
Verás por ti um brado erguer-se à fama,

X

No mar que Europa de África divide,
Entra, como a explorar o seio às ondas,
O sáxeo promontório que de Sagres
Tem hoje nome. Na moderna história
Dos povos do Universo, porventura

Não há hi ponto do orbe que assim lembre
Tanto feito de glória e de heroísmo;
Nem há padrão erguido por mãos de homens,
De alto custo e labor, que outra recorde
Época tal aos séculos e idades.
Dali Henrique aos astros perguntava
Da eternidade a estrada: e novos mundos,
Novos climas e céus lhe apareciam.
Dali os curvos lenhos desprenderam
Primeiro o voo audaz a ignotos mares.
Ali o berço foi da lusa glória...
Crera-lo hoje sepulcral moimento
Dessa glória defunta. Ruínas tristes,
Esbroados pardeiros – oh vergonha!
São as torres de Henrique. Afasta os olhos,
Viandante, não vejas esse opróbrio
Da nação que a primeira foi no mundo
Em nobrezas – outrora... hoje – em miséria.

XI

Dai se estende, ao longo pela costa,
Fértil porém inculto, agreste plaino.
Jamais pesado boi guiou arado,
Ou conduziu charrua égua ligeira
Por tão bravia terra; inteira creras
Guarda da criação a virgindade.
Mas seu aspecto não árido e bruto,
Não selvagem parece. Ali não moram
Lanosos cardos, sarças espinhosas;
Nem coroada de abrolhos eriçados,
Como em domínio seu, sobre a calçada,
Amarelenta relva se divisa
Seca esterilidade passeando.
De viço e fresquidão verdeja o prado,
E aqui, ali, tufados ramilhetes
Do recendente amargo rosmaninho

Do alecrim flóreo azul seu doce aroma
Com a brisa do mar na terra exalam.
Formosos pães cobertos de verdura,
Outeiros de palmeiras coroados,
Montes ao longe, alvos areais a um lado,
Onde o pródigo inseto, auxiliando
Trabalhos de arte e forças da natura,
A sacarina flor no botão pica,
E às carregadas árvores aumenta
O dulcíssimo peso. – Lá num alto,
Entre árvores espessas e copadas,
Entre gigantes palmas – dobradiças
Olaias que os floridos ramos curvara
Descaídos, qual dama delicada
Os lindos braços num desmaio lânguido
De mimosa descai – roxos sicômoros,
E a laranjeira que matiza os pomos
De oiro co'a argêntea flor – entre este luxo
De vicejo e fragrância – meio vista,
Meio encoberta de ramagem espessa,
Maravilhosa fábrica se erguia
De palácio, onde quanto o rico Oriente
Vem de brilho e de gemas resplandece.

XII

Ligeira e leve é a forma: quase aéreo
Paço o creras de fada enamorada,
Que o erguem com palavras misteriosas
- Numa escondida nuvem, para estância
De gentil cavaleiro que há roubado
A amores de princesas. – Com sorriso
Desdenhoso observara a arquitetura
Desse estranho edifício, o aluno rígido
Da antiguidade clássica: nem jônio,
Nem dório, nem itálico, nem misto,
De nenhuma ordem é; menos lhe viras.

Os góticos florões, os recortados,
Ou o grave da saxônica rudeza.
Não lhe descobrira o próprio Volney
Caldeu vestígio ou núbico rastejo:
Nem tu, famoso Jones, conseguiras
De lhe dar científico interesse
Por índico, indostão, mogol, ou pérsico.
Nada disso é, e todavia é belo,
Em que lhe pez a sábios, mestres de arte,
Doutores antiquários, dilettanti,
Virtuosi, amateurs e professores.
– Disputa sine fine travariam
Sobre ele as duas bélicas falanges
Que ora na arena literária pugnam,
E aos grasnantes jornais dão tema eterno
Para encher as políticas lacunas.
Já se vê que de clássicos, românticos,
Guelfos das letras, gibelinos da arte,
Falar entendo: paz seja com eles,
Assim como c'os outros disputantes
Deste disputativo por essência,
Inquieto mundo, aonde todos ralham
E ninguém tem razão. – Eu por mim deixo
Jogar as cristas a essa gente toda.
Para mim só desejo a paz de espírito,
A consciência limpa, e as frugais sopas
Ganhas com suor honrado. Esta ventura
Gozo eu, mercê de Deus, pesar de ingratos...

XIII

E a minha história, e o meu lindo palácio?
Malditas reflexões! Torno ao meu conto;
E quem quiser achar a margarita,
Como o pinto da fábula esgravate.
– Era pois o tal paço o mais formoso
Que se viu nunca; em pedras preciosas

Todo encravado, todo reluzente
De oiro e diamantes. Única unia grade,
Também de oiro maciço, as portas fecha
Do paço e dos jardins: velam à entrada
Dois enormes leões, que noite e dia
Solicites a guardam, nem se afoita
Mortal nenhum ao limiar terrível.
Certo é porém que às vezes fatigados
Os leões adormecem: mas quem sabe
Quando eles dormem? – Muitos, outro tempo,
Vendo-os de olhos fechados, se atreveram
A entrar a porta, e foram devorados
Pelas terríveis feras que dormidas
Nesse instante supunham. Encantado
É este paço; e os leões de encanto
Os olhos, quando dormem, arregalam,

XIV

Quem o soubera! – Um só naqueles tempos
Sabia este segredo encantadiço;
Do Algarve de aquém-mar era o rei jovem,
O belo Aben-Afan. Rumor havia
Entre o povo que um dia andando à caça,
Co'esses formosos paços deparara,
E eu fosse acaso, ou certo conhecesse
Quando os leões dormiam, penetrara
Sem p'rigo algum pelos jardins defesos;
E de condição que é ousado, e amigo
De aventuras correr, entrara ardido
No palácio e nas salas marchetadas,
Que dizem todos ser, de pedras finas
Com brilhantes recamos de oiro e seda.
Do que ele lá passou ninguém o sabe;
Mas sabe-se porém que sete dias
E sete noites demorou nos paços,
E ao sétimo volveu triste e pensoso,

Pálido, melancólico, falando
Amiúde. Por vezes, quando em sonhos,
Ou quando solitário passeando
Do alcáçar nos eirados, alta noite,
Ou no alvor da manhã, ignotos nomes
Murmura estremecendo; e ora em batalhas,
Ora em reines, vitórias e conquistas
Discorre, e com o alfange denudado
Meio mundo ameaça... ora afinando
O moirisco alaúde, em saudosos
Requebros, namoradas queixas solta,
Com que parece dar alívio a mágoas
Quem em segredo no íntimo devoram.

XV

Desde então o terrível inimigo
Dos Portugueses, hoje em guerra viva
A fogo, ferro e sangue os segue e acoisa,
Entra por suas terras, leva a morte,
O pranto e a confusão por toda a parte;
E, sem causa amanhã subitamente
Ao vencido inimigo a paz implora,
E em ócio vergonhoso inteiras luas
Passa, como embebido nas aéreas,
Vagas ideias que lhe agitam alma.

XVI

Quase vai a fechar segunda Egira
O círculo lunar, desde que o mestre
De Santiago, ousado cavaleiro,
E o mais valente português que a espada
Jamais cruzou c' o maometano alfange,
Pelas terras do Algarve se afoitara
Em correrias com seus nobres freires:
Já era Caccia, preço oferecido
Por Estômbar e Alvor antes ganhadas,

Os pendões da conquista tremulavam:
E Aben-Afan com pouca resistência
Indiferente os vê talar seus campos,
Tomar suas vilas, e arvorar a roxa
Cruz da Espada nas torres e castelos,
Que de seu peito são. Ferve-lhe o sangue
Co'a afronta aos indignados adalides...
Dele não curam já, sua lei defendem,
Por suas terras acodem. Trava a guerra
A mais e mais, com fúria entre os de Cristo
E o muçulmano; mas o rei mancebo
Da antiga Silves no doirado alcáçar
Só, pensativo tristes dias passa.

XVII

Lá despertou agora... e silencioso
Ei-lo que à pressa, à pressa as armas veste...
É noite, é noite escura, e o céu tão negro,
Que nem estrela tem. Abre-te, porta,
Porta de Azóia, ao teu senhor. Seguido
Ei-lo vai de seus fortes cavaleiros,
Os mais fiéis e os mais latimos dele,
Costumados, da infância, a acompanhá-lo
Em suas aventuras. Onde, aonde,
Rei do Algarve, onde vás assim montado
No teu corcel querido, cujas pretas
Clinas se entrançam corri listões de púrpura?
Onde assim vás de teus fiéis cercado,
E a tais desoras? Surpr'ender o imigo
Em cilada ardilosa? A dar socorro
A sitiado castelo mal defeso,
Ou de violento golpe entrar nas tendas
Dos cristãos, e acabar co'a raça ímpia
Dos jurados imigos do Crescente?
– Quem sabe aonde! Véu impenetrável
Do misterioso príncipe os desígnios

Encobre a todos Contra os Portugueses
Não foi ele, que as luas maometanas,
 Diante a roxa espada vacilando
De Santiago, seu fulgor perderam;
 E o mestre, da vitória precedido,
Já de Tavira às portas se apresenta.

XVIII

Já mais do que metade discorrera
A lua de seu giro, o ninguém sabe
De Aben-Afan. Por onde o traz seu fado?
Oh! negra sina entrou nessa família
 C'os feitiços da mãe! Ela, descrida
 Nazarena morreu. A filha, a bela,
 A discreta Oriana, desde o berço
Nas ímpias águas dos cristãos banhada
Por esse Hugo traidor que a mãe perdera,
 Nunca o rosto volveu à santa Caaba,
Nem jurou num só Deus e em seu profeta:
 E fugiu dentre os seus, e amaldiçoada
 Lá se foi a adorar estranhos deuses
Em terras de infiéis. Se a última esp'rança
Do Algarve, esse rei moço, tão querido,
 Tão leal, tão gentil, tão cavaleiro,
Também assim, também por maus feitiços
 Renegará da fé do Corão santo?
 E a antiga coroa destes remos,
 Já tão vastos, aos pés ambiciosos
Arrojará desses monarcas de ontem?
 Esses reis portugueses em má hora
 Vindos a Espanha, confusão, ruína,
Perdição de Ismael!... Oh! impossível:
Grande é Deus, e Maomet é seu profeta,
E Aben-Afan seu servo. Ânimo e avante!
Que ele a nós voltará. Sua espada é nossa,
 Seu coração por nós, e Alá por todos.

XIX

Assim os adalides, deplorando
A falta de seu rei, se consolavam,
Co'estas esp'ranças fingem alentar-se:
Fingem, que o pobre reino dos Algarves
Aos pés dos cavaleiros de Santiago
Passo a passo fundia. Ganhar tempo,
Demorar, esperar só lhes cumpria
Já de puro cansados, a Dom Paio
Tréguas propõem; ele por breves dias
O pedido favor lhes concedia.

XX

Mas que falange é essa de guerreiros
Que vão, longe do mar, nos corcéis férvidos
Correndo à brida solta? Um que se eleva
Sobre os outros – qual se ergue no deserto
A palmeira coroada sobre a grama
Que à raiz se lhe açoita – e que montado
Num formoso andaluz da cor da noite
A comitiva bélica precede,
Quem é ele? Será o rei do Algarve?
Aben-Afan será? E essa beldade
Que de arção leva e que sustém nos braços?
Onde a conduz, e donde a traz roubada?
Roubada a traz!... Mas no formoso gesto
Da bela não se pinta o desespero
Cruel da dor; sua nívea frente ingênua
Poisa no seio do gentil guerreiro,
E seus olhos do puro azul da esfera
Volve, de quando em quando, aos olhos negros
Do que a leva nos braços. Não aflito,
Não é convulso o olhar, mas triste e lânguido:
Porém, se amor ou mágoa lho embrandece,
Quem poderá saber?... Suas longas vestes
Alvas de neve, sua touca airosa

Como de cristã virgem dedicada
Aos altares, parecem. – Mas na frente
Dos que a levam resplende a maura lua
No enroscado turbante!... Já do outeiro,
Onde o esplêndido paço se divisa
A costa sobem, à doirada grade
Se aproximam... abriu-se per si mesma,
Como encantada que é, e os Leões fulvos
A juba sacudindo, franca entrada
Ao guerreiro gentil e à bela deixam.
Mas quando os outros ao limiar vedado
Ousam de se afoitar, as portas fecham-se
Com terrível fragor, os leões rugem,
E os corcéis espantados, eriçando
De horror as crinas, voltam, e sem freio,
Sem governo, com fúria partem, voam,
E em pulverosa nuvem desaparecem.

XXI

Agora oculta mão tomou as rédeas
Do formoso ginete, e o leva às fartas
Cavalarices, que reluzem de oiro,
E são mais ricas do que salas régias
Em paços de monarcas opulentos.
Agora, dando a mão à bola dama,
O cavaleiro sobe os degraus lúcidos,
Escadas de diamantes que juncavam
Mais lindas flores do que a linda rosa,
Mais fragrantes que o óleo precioso
Dos vergéis do Tibote. Agora, entrando
Por galeria longa, tais prodígios,
Tais maravilhas que seus olhos viram,
Não ousarão meus versos descrevê-las.
Mas ao cabo, de sólido carbúnc'lo
Fechada porta jaz; lê-se em arábigo
No limiar da porta este letreiro:

AO REI SEM REINO
A ESPOSA SEM MARIDO
ABEN-AFAN! AQUI JAZ O TEU FADO:
PENSA! PENSA OUTRA VEZ ANTES DE ENTRARES
Ferem os olhos do guerreiro as letras
Fatídicas; e a mão, que ora aportava
A delicada mão da linda dama,
Largou-a e frouxa cai: mudo e co'rosto
No chão, parece meditar profundo
Em penosas ideias concentrando.

XXII

– “Sim, resolvi, clamou, e a mão da bela
De novo toma, ao coração a leva,
E Resolvi! clamou: perca-se tudo...
Oh! tudo, tudo... e seja Branca minha!”.
– Abre-se a porta, e o jovem par é dentro.

CANTO QUARTO

I

No aveludado, pérsico tapete
Brando desliza o pé; caçoulas de oiro
Exalam os arábicos perfumes;
Em vasos transparentes de alabastro
Vicejam raras, matizadas flores.
Tíbia luz, temperada para amantes,
Frouxa alumia, e dá realce ao encanto
De tão mago deleite que hi respira.
Como um trono de amor jazia ao lado
Fofa sofá, que a plácido repouso
(Se não a doce agitação) convida.
Entrava nesta estância o cavaleiro
Com a formosa dama: ele inflamado
De quanto amor, quanto desejo acende

O deus dos corações em jovens peitos;
Ela... como levada de um feitiço
A que não pode resistir, não sabe.

II

Convidava o sofá, insta a fadiga,
E a bela reclinou-se – não deitada,
Não assentada, mas nessa indizível
E dúbia posição que toda é graças,
Desalinho, requebro, enlevo de olhos
E talismã de lúbricos suspiros.
Oh! suspirar, suspira o cavaleiro,
Que a seus pés jaz, que as néveas mãos lhe aperta,
E que lhas beija com ardentes lábios,
Por onde alma em delírio se evapora.
Ela também... ela também suspira,
E nos olhos azuis alveja a lágrima
Precursora do lânguido delíquio,
Em que adormece a virgindade – e expira,
Como expira inocente passarinho
N'asa escondendo a lânguida cabeça.
Dos olhos do mancebo fuzilava
O raio do prazer; vivas faíscas
Saltavam a atear a chama ardente
No altar que ao sacrifício se prepara.

III

Os vestidos da bela são grosseira
Estamenha, e o toucado um só véu liso:
Forravam ricas sedas o aposento:
Mas que diamantes, mas que telas de oiro
Tranças tão lindas, corpo tão formoso
Encobriram jamais? – Uma cruz pende-lhe
Entre o seio que trêmulo palpita.
Uma cruz!... oh sacrílega beldade,
Não vejo eu reluzir moirisca lua

No turbante que envolve a baça frente
De teu cego amador?... Mas ai fraqueza
Fatal de nossos míseros sentidos,
Que não vê mais que amor quem amor sente!

IV

Não falavam os dois, não; as palavras
Das linguagens dos homens são mesquinhas,
São pobres de expressões, quando alma inteira
Rompe do coração e acode aos lábios.
Não falavam, mas diz tudo o silêncio,
Diz mais que as falas; mudos se percebem,
Mudos se entendem, mudos se respondem,
Nem tem mor eloquência a natureza,
Que a mudez, que o silêncio dos amantes.

V

Porém rompeu-se alfim: uma voz doce,
Lânguida como a frente da papoula
Que pende o ardor do Sol, meiga e suave
Como o sussurro da aura matutina
Entre as flores do orvalho rociadas,
Uma voz disse: – “Oh! tem de mim piedade,
Oh! de minha fraqueza não abuses.
Sei que te ame, conheço que impossível
Me é não te amar; mas meu amor é crime,
Mas esta cruz... “. E a cruz chegou aos lábios,
E os lábios a beijá-la não ousaram.
“Oh! se ao menos sequer tu a adoraras,
Se convertido à fé, comigo eterna
Penitência fizesses deste crime
Que ambos, ai de mim! ambos cometemos...
Ai! não pudera ser crime tamanho
O que ganhasse uma alma como a tua
Para a fé verdadeira.”
Um ai profundo

Do mais íntimo peito lhe responde,
E estas vozes o seguem:
– “Que disseste,
Oh! filha dos cristãos, que me hás proposto!
Eu que tudo perdi para alcançar-te,
Que abandonei por ti quanto homens prezam,
Quanto por valioso tem o mundo!
Inda exiges de mim mais sacrifícios
Desertar do meu culto e meus altares,
Renegar do meu Deus!”
– “Teu Deus é falso.”
– “Falso o meu Deus! E o teu é verdadeiro!
Quantos deuses há pois na Natureza?
Eu adoro o que fez este Universo,
O que nos ares suspendeu magnífico
Esses orbes de luz que nos aclaram,
Que provê, nas areias do deserto,
De orvalho ao sequioso viandante,
Que tanto acende o Sol, derrama a chuva
Para os cedros que se erguem sobre o Líbano,
Como para a rasteira, humilde grama
Que vegeta nos piamos arenosos;
O Deus que me criou, que no teu rosto
Pôs o traslado da beleza etérea...
Este, este é o meu Deus: e falso é ele?”

VI

Os teólogos sabem mil respostas,
Para sofismas tais; porém aos olhos
Do ignorante são verdades puras
Que sua pobre fé débil não ousa,
Nem sabe combater: calou-se a bela,
Mas suspirou, e com profunda mágoa,
Lhe pende o rosto sobre níveo seio,
E nas formosas mãos formoso o esconde;
As lágrimas que os olhos lhe arrasavam

Por entre os róseos dedos deslizando,
A gota e gota caem no regaço;
E debulhada em pranto assim parece
Alvo lírio do prado em cujo cálix
Chorou a aurora ao despontar do dia.

VII

– “Oh! como te amei eu? Como há nascido
Este amor no meu seio? Separados
Por um abisme, que entre nós cavaram
Todas do céu e terra as potestades,
Quem nos uniu assim, que força?...”

– “A minha”

Disse uma voz solene e retumbante,
Que estremeceu nos tímidos ouvidos
Da donzela cristã, como estremece
O som do bronze condutor da morte
Na orelha do pastor que o seu rebanho
Pasce longe do campo das batalhas,
E acorda ao estampido inesperado
Que os ecos das montanhas lhe repetem.
– “Uniu-vos o meu poder” a voz dizia:
“A quem submissos os destinos cedem,
E obedece a própria Natureza.”

VIII

Mais vivo aroma os vasos recenderam
Animou-se nas flores cor mais bela,
E uma longínqua música suave
Se ouviu com harmonias tão aéreas,
Tão doces e arrobadas de deleite,
Que aos dois amantes alma se estendia
À larga pelo peito de escutá-la.
Aproximou-se pouco e pouco a mágica
Melodia suavíssima: uma nuvem
Se condensou opaca no aposento;

A música cessou, tudo é silêncio,
Mas, breve, estes sonoros hinos se ouvem
Ao saudoso som de acordes harpas:

I

Desabrocha, alva flor, linda murta,
Desabrocha, que amor te bafeja:
 Já tua folha lustrosa viceja,
 Já vermelhos botões vêm a abrir.
Mas no loiro, onde o sangue negreja,
 Salpicado dos golpes da espada,
Seque a folha, definhe esmirrada:
 Foi a glória vencida de amor.

II

Filha, filha do sangue real,
Real é teu amante; não chores.
 Rosa Branca, flor de Portugal,
Brilha, brilha do Algarve entre as flores.
Apressai-vos, que o tempo não poisa,
 Foge a vida nas asas do vento,
Chega a inerte, descai fria loisa...
Tudo acaba no triste moimento.

III

Bem-fadada, mal-fadada,
O mancebo e a donzela!
Em que pese a Santiago,
Santiago de Compostela!
 Fugir do dia aziago,
 E do frade do condão,
E mais fugir dos orvalhos
 Da noite de São João!
Que se quebra o encantamento
 Ao pino da meia-noite;
 Ao cantar do galo preto

Se acaba o contentamento.
Bem-fadada, mal-fadada,
O mancebo e a donzela!
Em que pese a Santiago,
Santiago de Compostela!

IX

Às derradeiras notas deste canto
Se adelgaçava pouco e pouco a nuvem,
'Té que rara de todo se dissolve,
E um resplendor de luz na estância brilha,
Que mais que humana coisa se amestrava.
Alados gênios e ligeiras fadas
Abrem cortejo em dança compassada
A uma que parece alta rainha
De todo o império do ar. Túnica longa
De transparente azul-celeste envolve
Mal recatadas formas, que revela
Em parte: e quanto há belo no Universo
É menos belo que essas magas formas.
Alvo de neve um cinto dá realce
Ao torneio do corpo e à cor da veste.
Sua estatura mais que humana se ergue
Em gentil proporção; fora excessiva
Em beldades da terra, mas aumenta
O sobrenatural dessa beldade
Que de mais altas regiões descende.
Flexível, curta vara tem na destra,
E um simples diadema de alvas penas
Lhe c'roa a frente. O rosto... oh! quem lhe há visto?
Nenhum olho mortal: um véu espesso,
Um véu que não ergueu mão de homem vivo,
Nem erguerá jamais, lhe cobre o rosto.

X

Era Alma, a formosa fada Afina,

A rainha dos gênios, e a senhora
Desses paços magníficos. – Num êxtase
De pasmo e admiração era a donzela.

E a fada assim falou:

– “Tudo perdeste,

Filho de Agar... na terra tudo, tudo:
Mas, se te basta amor, um céu te fica
Desde o dia em que pus na tua escolha
As venturas de amor e as da fortuna,
Tua livre eleição tenho aguardado;
E fiel à promessa que te hei feito,
A cumprirei a risca. – Rei do Algarve,
– Te disse eu quando a este meu palácio
Te conduziu o fado – tu procuras
A ventura na Terra: eu ta prometo;
Mas tem limites o meu poder na sorte;
É forçoso escolher. No orbe que habitas,
Felicidade inteira os fados negam.
Toma estes dois ramos encantados
Com mágicas palavras, guarda-os Sempre;
Neles de teu futuro pus a sorte,
E ora tos dou, e em tuas mãos a ponho.
De loiro é um, colhido à luz escassa
Do crepúsculo pálido da noite
Co'a mão direita, e salpicado n'árvore
De sangue de homem morto na batalha.
De murta é outro, ao pino da meia-noite,
Em dia de São João ao luar colhido,
Rociado de orvalhos, de formosas
Lágrimas de donzelas borrifado
Três vezes três, com três suspiros de alma
E cada uma das três. Abotoados
Ambos estão e em viço; mas as flores
Só as verás desabrochar num deles,
Quando no outro esmirrado e ressequido
Folha e botão cair. Foles a estes paços

Então, que o teu destino está cumprido,
E o encanto quebrado. – “Assim te eu disse,
Filho de Agar. Voltaste pois: os ramos
Do teu fado onde estão? qual deles seco,
Qual florido me trazes?”
De seu peito
Tira dois ramos o gentil mancebo,
E c'um gesto de alegre sobressalto:
– “Florece a murta,” diz te Branca é minha.”

XI

A fada lhe tornou: – “Florece a murta,
Florece a murta, sim, e Branca é tua;
Mas seca o loiro, e a tua glória é extinta,
O teu trono caiu, cessou teu reino,
A tua raça é proscrita, os teus altares
Fulmina o raio. Vence um deus estranho,
Vence o Deus dos cristãos, e Alá sucumbe.”
Emudeceu a fada; o rosto belo
Do príncipe destinge esmorecido
Descorçoamento... após, vergonha o cora;
E em variada seção sua alma anseia.

XII

Já na formosa e cândida donzela,
Que extática esta cena contemplava,
Os olhos crava, e todo o amor do peito
Nessa vista se expande, se dilata,
E a agitação do espírito lhe acalma.
– “E pois escolhi” clamou, e toma
A mão da virgem: “o meu fado é este,
Esta a minha ventura, a minha glória.
Oh! neste coração reine eu somente
E o trono dos Califas não invejo,
Nem o cetro de Omar. Naquele peito
Impere ou só, e o império do Universo

Disputem entre si os reis da Terra.”

XIII

– “Reinas”, solene a fada lhe responde:
Reinas, imperas: Branca é tua, adora-te.”

Eu no seu coração pus tua imagem,
E a teus olhos rendi seu virgem peito
No momento em que a viste. Branca é tua;
E só a perderás, se alucinado,
Teu florecido ramo abandonares,
E o deixares secar. Então não pode
Guardar-ta o meu poder. O encanto é este;
E o encanto que eu fiz quebrar não posso.”

XIV

E inclinando à princesa, a misteriosa
Vara de seu poder, em tom suave
De celeste doçura: – “Filha” disse:
“Filha do rei cristão, este é teu paço:
Eu vo-lo cedo, amantes venturosos.
Nenhum olho mortal pode este alcáçar
Doravante avistar, nem homem pode
Vivo na terra penetrar seus muros.
De nada receeis, gozai tranquilos
As delicias de amor. O vosso mínimo
Desejo, no momento em que o formardes,
Vereis cumprido: dai rédeas folgadas
À imaginação; riquezas, festas,
Adornos e manjares – quanto encobrem
As entranhas da terra, quanto as águas
Têm no fundo dos mares sepultado,
Tudo ante vós será no próprio instante
Que o desejardes. Porém ai! se o ramo
Da murta definhar... ai! se o desejo
Te pede ver florido o seco loiro!
Oh! ai de ti, filho de Agar: não pode

valer-te o meu condão!” – Nestas palavras
Fez leve aceno co'a varinha, e súbito
A formosa visão desaparece.

XV

Ficaram sós os dois amantes. Cheia
De espanto ainda e admiração, olhava
Para o seu roubador a linda Branca
Com os olhos onde toda se lhe pinta
A confusão do espirito. – “Oh! explica-me”
Lhe disse alfim: “explica-me este enigma,
Esta visão, e os misteriosos ditos
Da fada, e as profecias que te há feito
De teu perdido reino. Porque modo
Me conheceste, como – e este mistério
Por mais oculto o tenho – como pôde
Assim meu coração ao teu render-se?
Como entre nossas almas, que nascidas
Foram para odiar-se e aborrecer-se,
Tão doce amor travou tão fortes laços?”

XVI

Ao dizer isto, os olhos derretia
Da namorada virgem o delíquio
De apaixonado amor: a mão de neve
Sobre a querida mão poisou do amado,
Languidamente a face lhe pendia
Para o seio agitado, e um suspiro
Sussurrou desmaiado à flor dos lábios:
– Como quando nas águas cristalinas
A viração da tarde brando encrespa
A lisa superfície. – Não cabia
No peito a Aben-Afan tão grossa enchente
De delícia, de gozo: acumulado
No coração tanto prazer dobrava-lhe
As pulsações incertas e apressadas.

Da formosa cristã tomou nas suas
As delicadas mãos, e convulsivo
Lhas aperta; acres beijos as devoram,
Voara das mãos às faces... e das faces
Descem – ao seio não, que a virgem bela
Do lúbrico desmaio acorda o pejo,
E ao atrevido moiro não consente
O véu tenaz erguer desse fechado
Sacrário do pudor e formosura.

XVII

Cedeu o amante aos rogos da modéstia:
E é tão grato ceder quando a certeza
Da vitória de perto nos acena!
Cedeu! poucos momentos, que retardam
O gozo do prazer, mais vivo o tornam.

XVIII

Contou-lhe então como perdido, um dia,
Na caça, deparara co'estes paços
Da fada Alma, e entrara, sela que ousassem
Opor-se-lhe os leões, que à porta os guardam.
Que os jardins encantados discorrera,
Vira o brilhante alcáçar, e admirando,
Uma por uma, tantas maravilhas
Longo tempo estivera, até que a fada
Lhe aparecera tal como hoje a vira.
E os dois místicos ramos lhe entregara,
Onde encerrado estava o seu destino.

XIX

– “Assim foi” continuou dizendo o moiro:
“Assim fadada foi a minha sorte;
E eu descuidado entrei, cheio de esp'ranças
Pela vida que alegre se me abria
Diante de ruim, como horizonte puro

Sem nuvens, sem negrume. Em breve ao trono
Subi de meus passados; e o diadema
Tão pesado! na frente descuidosa
Não me avexava, que minha alma, livre
De paixões, se espaiava toda ao largo
Pelo mar da existência não picado
Das tempestades que no peito humano
Alevantam desejos, pensamentos,
Cobiças, ambições – solturas de alma
Em que se não cravou fixa uma ideia.

XX

“E essa tinha eu constante: os meus fadados
Ramos todos os dias contemplava,
E verdes sempre, mas sem flor, os via.
Começou a enfadar-me esta incerteza,
Este vago tardar, de meu destino,
E solitário, só no mel' retiro
Dias, noites passei, luas inteiras,
Suspirando sem causa de tristeza,
Melancólico, e quase aborrecido
Da vida, que tão cheia de prazeres
Se me antolhava, e que ora tão insípida
Me apareceu. Travaram nisto as guerras
Entre os cristãos e os meus: nossas fronteiras
Pacíficas até ali, entrou o mestre
De Santiago; e hórrido teatro
Se fizeram de guerra sanguinária,
Que não desafiamos. Sois vós outros,
Portugueses, inimigos do descanso
E delícias da paz, viveis no fogo
Ardente das batalhas, como vive
No fogo a salamandra. Acudi presto
Ao reclamo da guerra; e o meu alfange,
Sabem-no os teus se corta por arneses
De cristãos cavaleiros. Duvidosa

Vacilou a fortuna entre o estandarte
Da roxa Cruz, e entre as doiradas luas.
Dom Paio, que assolara nossos campos,
Entrara nossas vilas precedido
Da vitória, parou sua marcha rápida,
E tropeçou na estrada da conquista,
Que tão fácil e plana se lhe abrira.

XXI

“C'o exemplo de seu rei cobraram ânimo
Os povos; e a antiga independência
O Algarve sustentou. De nossas terras
Rechazado o inimigo, me ocupava
Em guarnecer as praças arruinadas,
Outras edificar, e preparar-me
Contra nova invasão, que eu certa a tinha
De tão inquietos, buliçosos ânimos.

XXII

“Por estes tempos, minha mãe, que há muito
Separara de mim a crença estranha
Que abraçou, e em que fora já nascida
Minha única irmã...”
– “Cristãs são ambas!”
Branca alegre exclamou: “Tua mãe? que esp'rança!
E uma irmã tens? Oh! como será bela!
E como a hei de amar eu!
Os olhos tristes
Pôs no chão o mancebo, e suspirando
Funda tristeza do íntimo do peito:
– “Cristã foi minha mãe... Já não existe.
E Oriana, minha irmã, que eu amei tanto,
Ai! também para mim é morta.”
– “Morta!”
– “Sim, morreu para mim... morta é de todo.”

XXIII

Pensativo ficou por longo tempo...
E continuou depois – “Fatal me há sido
Sempre a tua lei. Desgostos, malquerenças,
Dissensões entre os meus semeou funestas,
E abalou as ruínas já pendentes
Deste resto de império que em má hora
Herdei de meus passados. Convertida
À fé de Cristo minha mãe que eu tanto
Adorava... oh! deixou-me aqui nesta alma
Dúvidas... Ai! que duvidar é o grande
Atormentar da vida. Presentidos
Meus vassalos da fé que vacilava
Em meu ânimo, froixo esmorecia
O amor nelas. Pelejar constante
É a nossa existência nesta terra
De Espanha, desque a tenda aqui plantamos
Os filhos do deserto. Espada e lança,
Se as poisarmos um dia, é a nossa morte.
E os meus, remissos na perpétua lida
Cansavam já. Desceu à sepultura
Minha mãe; e Oriana, que em segredo
Sua lei guardava, um dia de má estreia,
Vil servo a denunciou à plebe irada.
Amotinaram-se, e a meu próprio alcáçar
Vieram insultar-me, a mim e a ela...
E chegaram, de ousados, os infames
A cuspir na memória venerada
De minha mãe! – A afronta foi lavada
Com os rios de sangue que correram...

XXIV

“Mas o sangue era meu, e costumado
A verter-se por mim na árdua defesa
Do mal seguro reino... Eu combatido
De remorsos, tristeza e desalento,

Me encerrei dias, meses, só, entregue
A um vago, melancólico desejo
De pôr termo a esta vida amargurada.
Oriana por vezes fez rogar-me
Que a ouvisse, que a atendesse. Não quis vê-la,
Nem ela nem ninguém. E desgraçada,
Vendo-se a causa de pesar tamanho,
Resolveu de fugir. Poucas palavras
Escritas me deixou... muitas as lágrimas
Que sobre elas chorou. Era já tarde.
Quando o soube, corri por toda a parte,
Alvorotei castelos e cidades,
Devassei as fronteiras portuguesas,
Montes, vales andei... foi tudo em balde.
A algum mosteiro vosso, em terras longes,
Pôde chegar por certo. Eu despeitado
Jurei então a Deus e ao seu profeta,
Jurei... Como cumpri meu juramento!
Guerra eterna, ódio eterno aos do Evangelho
Que tudo me roubavam. Minhas armas
Jurei não despir mais, nem tirar freio
A meus cavalos, nem dormir a abrigo
De telha em povoado. – E longo tempo
Este foi meu viver: vida de cólera,
De agitado despeito!... que em meu sangue,
Que no meu coração outra não tinha.”

CANTO QUINTO

I

A outra vida, sentimos dentro de alma
A precisão forçosa de contarmos
O que foi até ali nossa existência?
Do lhe dizer quão mal perdida e gasta
Longe dela... sem ela a consumimos?

Não no sei: mas que o digam quantos amam,
Digam se não é assim quantos amaram.

II

E Branca devorava essas palavras
Em que o moiro sua vida lhe contava;
Devorava-as com ânsia deliciosa:
Que é divino prazer – se não vêm zelos
Cravar seu ferro na querida história,
É celeste prazer ouvir contá-la.
Goza tu, bela infanta, ouve e não temas;
Esse homem nunca amou, e toda inteira
A virgindade de sua alma é tua.

III

Aben-Afao, tomando nas mãos ambas
As da princesa, assim continuava
Sua apaixonada história. – “Quem, oh Branca,
Quem me diria então, quando o meu peito
Todo em sanha e furor de guerra ardia,
Que tão breve mudado o meu destino,
E eu tão outro ia ser, todo eu? Escuta.
Lima noite quebrado de fadiga
Adormeci: era ventosa a noite
De Outono; e as folhas secas que caiam
Sobre a tenda em que estava, o silvo agudo
Dos despregados ventos me embalavam
Num sono mal tranquilo, mas pesado
De quebramento e lassidão. Dormia,
Dormia eu, mas escutava o ruído
Dos furacões e o som da tempestade:
De meus sentidos todos só desperto
O ouvido, que velava, os refletia
Na alma como rugir de brutas feras,
Sibilos de dragões, uivos de tigres,
Cânticos de demônios malfazejos,

De gênios maus – descompassadas vozes
Donde virá que, em nós prendendo a vida
De mortos ressurgidos n'hora aziaga,
E em banquete de horror sobre um sepulcro
Embriagando-se em sangue de parentes,
De amigos... talvez filhos, que ao berço
Deixaram quando a morte os tomou súbito.

IV

“O coração no peito comprimido
Me ansiava aflito, e o sangue acumulado
Sobre ele, me pesava como a barra
Do feno sobre o peito ao criminoso.
Não era sonho este, era um estado
Indefinível; mas não durou muito,
Nem, a durar, lhe resistira a vida.
Senti coar-me um bálsamo suave
Pelas veias, e o sangue dilatar-se
Brandamente por elas: solto e livre
O coração bateu; e a fantasia
Se descobriu da cerração medonha
Que a enegrecia. – Leves, leves formas
Diáfanas, ligeiras como os ares,
Me giravam num quadro transparente
De incerta cor, mas belo, mas tão mago,
Tão delicioso como fresca aurora
Por estiva manhã. Vagas e frouxas
As formas eram, logo mais sensíveis
Se revelaram, pouco e pouco aumentam,
E um paraíso, um céu diante de mim era.

V

“Oh! como descrever-to! Um céu de glória,
Um transparente azul, de estrelas belas
Marchetado – mil anjos de asas brancas
De estela em estela alegres revoavam,

Lírios de alvura cândida espalhando
Pelo ar embalsamado de fragrância.
Uma virgem, trajando roupas simples
Que em pureza e candura resplandiam,
Uma virgem no meio deste encanto
Aparecer a vi como a rainha
Desse paraíso, como a divindade
A quem os anjos todos se humilhavam
E sobre quem seus lírios e boninas
Com amor jubilosos desparziam.

VI

“Sentia arrotar-se-me a existência,
E o coração voar-me, como os anjos,
Para a celeste virgem. De seu peito
Uma cruz resplendente lhe pendia,
E essa cruz... essa cruz, como inimigo
Talismã, afastava da donzela
Meu coração que em balde forcejava
De aproximar-se a tanta formosura.
Ela, a virgem, uns olhos compassivos
Punha em mim, e um sorriso parecia
De seus divinos lábios consolar-me,
E ao coração, que já desanimava,
Alentá-lo de esp'ranças. – Mas a força
Do talismã vencia, a cruz terrível
Dardejava faíscas rutilantes,
Como a espada de fogo que fulmina
Nas mãos do guardador do Éden defeso.

VII

“Eu suspirava, a angústia me oprimia,
E co' esta agitação se dissiparam
A celeste visão, o sonho. Acordo,
Acordo, mas metade da existência
Não acordou em mim; ficou no sonho

A máxima porção da minha vida;
Ficou-me o coração após da virgem
Correndo embalde. Embalde, exclamo, embalde...
E não, mais a verei, nunca mais... nunca!

VIII

“Apenas a arraiada tênue vinha
Alvorecendo então no roxo Oriente;
Secreta inspiração – não sei quê de alma
Que sente sem a ajuda dos sentidos,
E parece no intimo do homem
Ser coisa alheia ou mais que a humanidade,
Me fez pensar nos encantados ramos.
Brilhou-me de ante os olhos a esperança,
Como um clarão de vida: corro a eles,
Observo-os... oh! no loiro ressequidas
Se esmirravam as folhas – mas na murta
Os botões, como pérolas do Oriente
Em tranças de sereias alvejavam;
E já n'alguns leve sinal de abrirem
Se divisava: – como em curvas praias
Ao subir da maré pintadas conchas
A medo o rico esmalte descobrindo.

IX

“De alegria, de júbilo insensato,
O arraial despertei; tendas se levam,
Ordens à pressa dou, a Silves torno.
Quebro, esqueço o tremendo juramento
Que inda há pouco dizera tão solene,
E só no meu alcáçar longo tempo
Medito, e mil projetos desvairados,
A qual mais vago, a qual mais louco, formo
Sobre o meu sonho, os ramos e o destino,
Que Alma me fadara tão ditoso.

X

“De lidar em lidar, enfim um dia,
Levado assim de impulso repentino,
Deixo a cidade só, e confiando
À minha estrela o dirigir-me os passos,
Rédeas solto ao cavalo, e sigo a estrada
Que ele de si tomou. Certo caminho
Foi das fronteiras, correu noite e dia
Às margens do Guadiana, e pelas terras
Da Andaluzia entrou; a Estremadura
Castelhana atravessa, a por fim chega
A um vale formosíssimo, assombrado
De enzinhas altas; era já na Beira,
No coração da Beira portuguesa;
Aí parou. O Sol ao extremo ocaso
Como num mar de luzes se afogava,
Mas no resto do céu já raras trevas
A estender-se começam: voz e esporas
Emprego... não se move o corcel, fixo
No solo qual se fora brônzea estátua
Em pedestal de mármore cravada.
Longo tempo insisti: cerrada a noite
Era já, desmontei; e num rochedo
Vizinho me assentei. Aí na mente
A estranhez da aventura e do meu fado
Entre mil pensamentos revolvía.

XI

“Aquele sítio... O sítio inda hoje o viste;
É aquele escuro monte, agudo e negro
Donde um fanal nas trevas reluzia...”
– “Oh! bem mo disse o coração pressago!”
Branca lhe torna: “A luz que ali brilhava
Era tua? era a luz que estes meus olhos
Havia de cegar!... E o coroei negro
E o cavaleiro que por nós passava

Em mistério e terror?”

– “Eu era, Branca.”

– “E tu por mim bradaste: Real, Real?”

– “Por quem senão por ti? Pressago dizes
Teu coração, e ainda mo perguntas?”

XII

Aqui a narração se interrompia
Com esse interromper de namorados,
Que são beijos e beijos, longos, longos,
Prolixos, quais os dá, a quem bem conta
Suas histórias, fascinada ouvinte.

– “Se eu soubesse contar como o meu moiro!
Quê!... Voltemos a ele e à sua história,
Como ele a ia contando.

– “Acaba disse

Branca enfim: e estavas assentado...”

– “Estava, sim” Aben-Afan prossegue:

“No rochedo, pensando em meu destino,
Quando uma luz bruxuleando escassa
Por entre os ramos de viçoso olmedo
Não longe descobri. Certo que humana
Habitação será... Aproximei-me
Na intenção de pedir por essa noite
Gasalhado, aguardar o desencanto
Do meu coroei, ou em diversos trajes,
Que a peso de oiro e jóias hi comprasse,
A pé seguir a incerta romaria
De meu peregrinar misterioso.

XIII

Chego; pequena ermida solitária
Estava entre o arvoredo: a luz saia
Pelas figas da porta mal fechada.
Entrei; um santo horror de meus sentidos
Se apoderou: – forravam toda a estância

Ossos de homem, caveiras – brancas umas
Do tempo, outras ainda mal cobertas
A pedaços de pele ressequida,
De eriçados cabelos. Uma tumba
Negra jazia ao lado, e uma cruz tosca
No chão cravada: dessa cruz pendia
Lâmpada que a luz fúnebre desparze
Nestes objetos fúnebres.

XIV

– “Absorto

Contemplava o terrível monumento
Dos triunfos da morte, quando um fraco
Som quase extinto ouvi de voz cerrada
Dizer: – Filho das trevas, tu procuras
A claridade; achá-la-ás; mas guarda-te:
Abrasa a luz a miúdo.

– Quem me fala?

Tornei eu, quem aqui nesta gelada
Habitação de mortos me conhece?
– Um que é já no limiar da eternidade,
Um moribundo. Segue o teu destino,
Aben-Afan: outrora obedeciam-me
Os espíritos do ar, e poderia
Mostrar-to... mas é tarde: sinto a hora
Derradeira soar-me... expiro... fecha-me
Os olhos... oeste o meu burel... e segue
Avante... em Portugal... é perto... A morte
O colheu; roucos sons balbuciou inda,
E num arranco lhe fugiu a vida.

XV

“Combatido de vários pensamentos
Passei a noite junto de cadáver
Mas alfim decidido e resoluto
A correr todo o meu destino às cegas:

Aceite-se o legado, disse eu, vista-se
O burel do santão, e avante à sorte!
C'o primeiro crepúsculo da aurora
Já, em vez de turbante, me cobria
Capuz agudo a frente. Um nome escrito
Entre as pregas do saio achei... Que espanto!
Hugo, o nome fatal do nazareno
Que em nossas terras disfarçado entrara,
Que o respeitado alcáçar devassando
De meus antepassados, a discórdia
Semeara entre os meus! Se era ele e morto?...
Se estava em meu destino que em seus trajos
Disfarçado eu agora, penetrasse
Pelo miais recatado, o mais zelado
Dos cristãos?... Sorte! – À sorte e à ventura!

XVI

“Sai da ermida e a caminhar me deite.
De noite o meu corcel desaparecera:
E eu, sem saber de estrada, sem vereda
Seguia mais que a do acaso, fui andando,
Andando, até que junto de um mosteiro
Grandioso e de fábrica soberba
Me achei. Que sons divinos que saiam
De seus muros! Era um cantar celeste,
Vozes tão doces, como vozes de anjos
No alto das montanhas celebrando
As grandezas de Alá. – Todo enlevado
No mago encantamento dessas vozes,
Do templo estive à porta: franqueá-la
Não ousava... e a vontade mo pedia,
Mas retinham-me escrúpulos. Ao cabo
Disse eu: Que importam nomes? Deus é o mesmo:
Cristo e Maomet foram profetas,
Mas Deus é o mesmo Deus. – Entrei na igreja.

XVII

“Era um coro de cândidas donzelas,
Que alternadas o cântico solene
Entoavam. Sentia-me eu tomado
Da religiosa e santa majestade
Que enchia o templo. Os olhos repoisava
Com prazer inocente nessas virgens
Que por Deus renunciaram a prazeres,
A delicias da Terra, quando súbito
Lá no fundo do templo a porta se abre
E uma virgem entrou: seu ar, seu gesto
A mostrava entre as outras a primeira,
E entre elas parecia tão brilhante,
Gomo em capela de jasmins a rosa,
Ou como o lírio n'hástea debruçado
Sobre o campe arrelvado de violetas.

XVIII

“Deu-me rebate o coração no peito:
Era essa imagem a que eu vira em sonhos,
Essa, essa própria; a mesma cruz brilhava
Em seu peito... Perdi razão, sentidos,
Num êxtase de gozo indefinível
Cal como em delíquio. – Longo espaço
Devia de durar, que só no templo
Acordando me achei: findara toda
A cerimônia, e as virgens retiraram-se.
Saí então, e soube que e convento
Era Lorvão, e...”
– “Tu” interrompendo-o,
Branca lhe diz: “tu eras o eremita
Que em nossa igreja üa manhã entrava
E que tão enlevado parecia
Na oração?”
– “Era eu mesmo.”
– “Oh Deus! e eu própria

Com quanta devoção te contemplava!
Tão jovem, eu dizia, e tão deixado
Do mundo já!... Mas tu o ermitão eras?”

XIX

– “Eu sim, que extasiado em teu semblante
Ai perdi o coração e a vida;
Aí nesse momento se cumpriram
Os meus destinos todos, O fadado
Ramo consulto: florescia o mirto.
Céus! clamei, é quebrado o meu encanto!
Mas que fazer! A noite veio; a um próximo
Olival me levava incerto passo,
E na soidão, minha alma se entranhava
Em pensamentos vagos, em projetos
Mais vagos... Um corcel vejo pascendo
Embridado, e moirisca sela tinha;
Era o meu fiel Adir; chamei-o, corre
A mim alegre, estende-se abaixando
O alto costado, como convidando-me
A montá-lo. – Hesitei... mas dirigido
Por oculto poder não é meu fado?
Montei, partimos; trouxe-me a estes paços.
Não vi Alma, mas teu nome, o sítio
Onde te encontraria em teu caminho
Para Castela, como libertar-te
De teus brutais dervixes deveria,
Tudo li numa tarja transparente
De jaspe em letras doiro. Outra vez parto
Cos mais fiéis dos meus, fui emboscar-me
Detrás desse escarpado, negro monte
Onde o morto ermitão tinha encontrado,
Onde viste o fanal, que era a atalaia
Para os meus que dispersos rodeavam
Os caminhos de em torno. Ali me viste:
E dali, passo a passo, te seguimos

Sem dar alarma aos teus, – Sabes o resto;
E já teu coração me há perdoado,
Branca... Pois quê? Não perdoaste? Dize.”

XX

Os braços da donzela se enlaçaram,
Como um festão de cândidas boninas,
Em torno ao colo do gentil mancebo.
– O profeta, se a vira nesse instante,
Emendara o Corão, e não vedara
A um anjo tal do Paraíso a entrada.

CANTO SEXTO

I

Em Cacela: seu branco sobrevestem
Manto co'a roxa cruz sobre a armadura
Reluzente, e ao coro se encaminham
De Santiago es nobres cavaleiros.
As espadas, terror do mauro Algarve,
Depõem junto do altar, e vão devotes
Ante o Deus dos exércitos prostrar-se
Em humilde oração. Há poucas horas
Guerreiros na batalha, agora símplices,
Silenciosos, austeros cenobitas
Rezam em coro – amanhã, quem sabe?
Correrão aventuras namoradas,
E nos braços de lânguida beldade
Cumprirão o terceiro mandamento
Da muito nobre e respeitável ordem
Da andante, singular cavalaria.

II

Oh! quem vê hoje na ponteada casa
De aperaltada, esguia casaquinha

Brilhar a mesma cruz, símbolo de honra,
De patriotismo e glória, que pendera
De áureo colar em peitos de aço duro,
Peitos que sem pavor por entre selvas
De lanças, de azagaias se arrojavam;
Quem as vê hoje, a cruz santa de Cristo,
Pendão de glória que guiou no Oriente
Castro, Albuquerque e Vasco – a roxa Espada
Se Santiago que arvorou as Quinas
Nos castelos do Algarve – penduradas
Pelas librés da infância e da injustiça...
Quem de sua nobre origem cogitando,
Ousará de dizer: “São cavaleiros,
São portugueses cavaleiros esses?”

III

Tremulava a bandeira de Santiago
Nos muros de Cacela, que vencida
Aos fortes cavaleiros se rendera.
Mas Tavira resiste: fatigados
Os de Cristo e Maomet formaram tréguas
E da guerra contínua repoisavam.
Já grã parte do Algarve sucumbira
Toca o sino a completas, era noite
Às armas de Dom Paio e dos seus freires,
Depois que Aben-Afan de seu alcáçar,
– Sem se saber adonde – se ausentara.

IV

Tavira a forte, Silves a marítima,
firmes porém sustentam porfiosas
Ao moiro rei a vacilante c'roa,
As principais então, e as mais famosas
Em valor e riquezas essas eram
Por todo o aquém dos áridos Algarves.

V

Findara o coro: a hora do repasto
Num fresco eirado, à Lua, passeando,
Os cenobitas campeões aguardam.
De batalhas e cercos falam velhos,
Das justas e torneios do bom tempo
Que foi; moços de amores e caçadas,
De aventuras, e coisas que mais prazem
À idade em que viceja a flor da vida,
E folga o coração no peito à larga.

VI

Era assunto entre os jovens mais querido
Esse prazer de reis, essa arte nobre
Que Altanaria chamam, guerra própria
De ave com ave: não este covarde
Jogar da besta, do arcabuz, do arco
Para indefeso surpreender no ramo,
No descuidado voo o passarinho.

VII

– “Sabei “disse Dom Álvaro, “senhores,
Que os meus falcões, por certo os mais manhosos
De el-rei de Leão não têm que ver com eles,
Pena é que em terras nossas não há caça
Com que entreter o tempo destas tréguas,
Senão veríeis”.

– “Grã desejo tenho
De o ver” Mem do Vale respondia:
“Que as minhas aves até'gora as creio,
Em que pese a Dom Álvaro, as melhores
Que hei visto em vida minha. Mas, senhores,
Coisa vos direi eu que vos agrade,
Pois cavaleiros sois: p'rigoso é o caso,
Mas de gosto será, Sabei que em Antas
É a caça melhor de todo o Algarve:

Mister é de passarmos por Tavira;
Mas em paz, como estamos, de impedir-nos
Não ousarão os moiros: e se ousassem.....”
– “Tanto melhor, que sua perda fora”
Volvem à uma os jovens cavaleiros:
“Vamos, e amanhã já.”
Foram-se ao mestre
E do que hão concertado lhe dão parte.

VIII

Cem prudência Dom Paio e bom aviso
Lhes ponderou da empresa es contratempos:
Quanto ciosos eram de suas terras,
E mulheres os moiros. – “Nem por isso”
Acrescentou sorrindo o grave Paio:
“Lhes quero eu mal, que há hi formosas damas,
E a ver tais cavaleiros costumadas
Não estão elas”. Rindo agradeceram
O cumprimento ao mestre; e pois lhe dava
Cuidado a sua ideia, prometiam
Irem de paz e guerra bem armados
Para quanto cumprisse... que era excesso
De prudência, diziam. Atrever-se
Com seis de Santiago, os pobres moiros
Do Algarve!... quem havia de pensá-lo?

IX

Mas grave e pensativo lhes tornava
Dera Paio: – “Não é bom folgar, mancebos,
Co'as agonias últimas de um povo.
No derradeiro aperto, muitas vezes,
Afoga o que zombou de o ver prostrado,
Tréguas temos c'os moiros: mas o povo,
Descontente de ver seu rei sumido
No alcáçar de Silves, descuidando
Reino, vassalos e a família própria,

Que a irmã se fez cristã... e é fama entre eles
Que lha roubamos nós – o povo em bandos
Anda à solta, sem lei, por essas terras,
Tomai tento; que a plebe enfurecida
De guerra leal estilos não conhece
Nem os cata a ninguém.”
Tudo prometem
Os jovens a seu mestre; e pressurosos
Assim no alvor do dia se partiram
Com suas aves e armas, cavalgando
Ema andaluzes, relinchões ginetes.

X

Seis eram os mancebos; e tão guapos,
Tão gentis cavaleiros não vestiram
Nunca em terras de Espanha arnês de guerra.
C'o denodo e despejo dessa idade,
Em que os perigos são delícia e brinco,
Caminho vão direitos de Tavira;
A ponte passam a veloz galope,
E às frescas margens da ribeira plácida,
Onde Antas jaz, alegres começavam
Suas aves a soltar, seguir-lhe os voos,
E a entreter-se em folguedos inocentes,
Disputas joviais, e outros singelos
Passatempos de alegre confiança.

XI

Mas o Diabo, que jamais não dorme
Quando vê gente moça em bom caminho,
E que não pára sem fazer das suas,
E os meter em camisas de onze varas,
O Diabo se deu aos diabos todos
De ver seis rapazetes tão bem postos,
Tão galhardos e belos, de sua regra
Cumpridores fiéis, e mais honestos

Que o mais honesto monge de Tebaida.

XII

Ora, sabido é que o tal amigo
Lucifer, Belzebu, Satanás, Diabo,
Demônio, ou como quer que é sua graça
Na minha terra as beatas o designam
C'o extravagante nome de Baetas;
Nome a quem nunca pude achar o furo
Da etimologia; e desafio
O carmelita autor do dicionário
Que traduziu – triztriz – pratos quebrados,
Desse tamanhas voltas ao miolo
Como as que eu dei para encontrar com ele,
– O Diabo pois, que enfim este é seu nome,
Tanto fez, que até santos de Tebaida
Com suas tentações voltou do avesso,
E se meteu sem medo à queima-roupa
Com cilícios, jejuns e água benta.
Como lhe havemos de escapar nós outros,
Pobres e miseráveis pecadores!

XIII

E como pôde entrar este inimigo
Jurado da adamítica progênie
Os austeros limites da Tebaida?
– Com moças: moças são coisa do Diabo,
Se é que o Diabo não são elas mesmas:
Que em quanto para mim, Deus me perdoe,
Por tais as tenho, às tentações malignas,
Que sinto cá por dentro quando as vejo,
E me dão tais vontades... Abrenúncio!
O Diabo elas são, ou elas dele.

XIV

Pois o pai da malícia, que bem sabe

O poder de tais armas perigosas,
Assentou de apanhar numa das suas
Os jovens caçadores: vai, e enfia-se
– Que é mestre nisso, e não lhe custa nada
Estender-se, agachar-se, encarquilhar-se,
Acaçapar-se curto e pequenino
Como um mosquito ao alto alevantar-se
Como a torre dos Clérigos – enfia-se
No papo dum falcão dos da caçada,
E o falcão que ficou, come lá dizem,
C'o Diabo no corpo, larga o paio,
E desanda a voar por esses ares.
Voou, voou 'té que estacou mui longo,
E se pôs a pairar como quem mira
A caça, e a fita bem para empolgá-la.

XV

Acertou que o falcão dos dois gabados
De Dom Álvaro era. – “Estranho voo”
Mem do Vaie lhe disse: “é o da vossa ave:
Nunca vi um falcão voar dessa arte.”
– “Credo, senhor” Dom Álvaro lhe torna:
“Que é fina caça a que ele paira agora,
E até não há hi ave em toda Espanha
Que a tal avente, e tanta.”
– “Ir-lhe-ei no encalce”,
Volve o outro, – “Ide embora, porém crede-me
Que a miam somente e não a outro, a entrega.”

XVI

Mem do Vale picou, e por um trilho
Agreste e rude, entre árvores e mato
Metete o corcel fragueiro, e costumado
A mais agros caminhos. – Já chegava
A um vale estreito, que em redor fechavam
Íngremes, escarpadas serranias

Tão áridas, tão secas e escalvadas,
Quanto era amena, vicejante e bela
A várzea que à abrigada lhes ficava.

XVII

Um arroio sinuoso corta o vale
Despenhado do cume alto da seria
Com ruído, em catarata pitoresca,
Onde em brilhantes prismas concentrando
O matutino Sol seus raios puros,
Aí nas cores de Íris se extremava.
A relva de boninas esmaltada
Amorosos perfumes recendia;
E aquém, além festões de verdes balsas
Prendiam com seus ramos enlaçados,
Às viçosas figueiras. Ramilhetes
De murta em flor brotavam pelo prado,
E na doirada areia da ribeira
Viçava o tenro, dobradiço arbusto
Que em nossas praias semeou de perlas
Para enlevo da infância a Natureza,
Oh! idade feliz em que as eu via,
As alvas camarinhas resplendendo
No límpido sairão, e as cobiçava
Essas perlas mais finas a meus olhos
Do que as da bela egípcia, mal pudica!

XVIII

Sobre este ameno, delicioso vale
Paira a prumo o falcão: mas extasiado
Co'as belezas do sítio, o cavaleiro,
Na maravilha que lhe encanta os olhos
Pensava só, nem ao falcão já atendo.
Quando súbito a ave – qual se vira
Saltar lebre fugaz de espessa moita –
Desce veloz, e atrás de árvores densas

À vista se escondeu, desaparece.
Vê-la baixar, e correr pronto ao poiso
Que lha ocultava – foi um só momento.

XIX

Fácil era a entrada da espessura
Por um lado onde as árvores falecera.
Entra, e a caça que viu... Tenteio embalde
As cordas do romântico alaúde
Que os gênios das montanhas me afinaram
Para os singelos sons desalinados
De meu simples cantar; falham-me as notas,
Desafina a canção. Que verso pode
Descrever es segredos da floresta
Do Almargem! onde encantos estupendos,
Noturnas festas celebrar-se-ão visto
Às fadas e aos espíritos da noite!...

XX

Ali... ali jamais pé de homem vivo
Depois do pôr de Sol entrar não ousa;
E só do alto da serra o pegureiro
Viu luzinhas – sinal certo de bruxas –
A surdir e a esconder-se a um lado e outro,
Saltando como estrelas namoradas
Que via o grego antojador de favas
Ao brando som de harmônicas esferas
Bailar no azul do céu as tripecinhas...
Ou perdido viandante arrepinado
De medo, ouviu confusas gargalhadas,
Estranhos cantos e gemidos fúnebres!

CANTO SÉTIMO

I

Do teu cantor, Angélica formosa!
Aqui daqueles versos descuidados,
Daquele donairoso seu capricho
Que damas belas, monges impotentes,
Andantes cavaleiros e duendes,
Fadas e malandrins encantadores,
Tudo enreda na vaga, solta dança
De seus divinos feiticeiros cantos.
Oh! quem pudera, quem soubera agora
Tecer, com ele, o enrevesado fio
Dessas lindas mentiras que enleavam
A curteza bestial de um nobre duque!
Pérolas... e que pérolas! deitaste,
Meu pobre Ariosto, ao coroadado cerdo.

II

Mas não. Livre de mais, lascivo é o canto
Que as venturas nos conta do Medoro
E os furores de Orlando. Eu, pudibundo,
Austero vate, salmear só quero
Em coro de donzelas inocentes,
E acender minha lâmpada na lâmpada
Das virgens sábias que poupar souberam
Para a vinda do esposo o santo azeite.
Simples é meu canto, meu contar singelo,
Dar-me-ão as mães a ler às filhas!

III

Jaz sobre a relva, à deleitosa sombra
Do espesso arvoredado adormecida
Jovem beldade. – Se anjos, divagando
Acaso pela terra, adormeceram
Algum'ora em recinto delicioso
Que lhes fez recordar do Éden os bosques,
Seu formoso dormir como este fora,

IV

Alva, ligeira túnica apertava
Pelo meio do corpo delicado
Cinta de verde cor; doiradas tranças,
Sem mais ornato que o gracioso oxidado
Aqui do engenho, aqui da arte sublime
De seus próprios anéis, se debruçavam
Por ombros, em que a força do alvo quebra
Ligeira cor de desbotada rosa,
Seus olhos!... com as pálpebras escuras
Fechado tem o sono esse tesouro
De brilho e do inocência. Mas nos lábios
A inocência sorri. A um lado jaz-lhe
Pequeno livro. O atônito guerreiro
No rapto dos sentidos alheados
Longo tempo ficou absorto, mudo,
Como a quem maravilha tem cortado
Com a razão metade da existência.

V

Que livro será este? Abre, e redobra
Seu pasmo: de orações e rezas santas
Era um livro cristão, iluminado
Das vivas cores, de oiro reluzente
Com que a arte bizantina debuxava
No bento pergaminho essas imagens
Sem vida, sem ação, e que resplendem
De um brilho, de um matiz que é o desespero
Do moderno pintar. – Mas esse livro
Aqui, mas essa dama tão formosa
Que o dia na soidão desse deserto...
Mas tudo isto... é mistério incompreensível.

VI

E o Agnus Dei que pende ao lindo colo

Da bela, e c'ò sereno movimento
Do seio brandamente se agitava?
Não há que duvidar: é cristã virgem
E em terras de moiros! – Oh! roubada
Foi decerto; e a seus bárbaros deleites,
Seus infames prazeres a reservam
Nalgum castelo próximo. – Sem dúvida.

VII

Mas como neste sítio adormecida?
Baldam ai de todo as conjecturas.
Fugiu talvez... acaso comunica
Os bosques ai com parte mais escusa
Do parque, ou cerca de moiriscos paços,
Onde escrava a retêm... Cristã é ela.
E eu cristão cavaleiro, que hei jurado
De defender a fé e a formosura,
Devo... o que? – Libertá-la desses grifos,
Dos monstros que a inocência se preparam
A devorar-lhe crus... devo, oh! sim devo.

VIII

Destarte refletia o cavaleiro,
E levado de zelo – ardente zelo
Da fé... Travesso doente me sussurra
No ouvido menos puro sentimento.
Vai-te, espírito mau, não te acredito;
Era boa a intenção: que faz ao ponto
Se profanete, acaso, algum desejo
Na tenção se ingeriu? Vasos de barro
Somos nós, quebradiços e achacados;
E raro, a obra melhor do homem mais justo,
O oiro mais puro da virtude humana
De liga vil seu tanto não encerra.
– Levado pois da fé: “Salvá-la” clama
“Salvá-la é força, e já”. – Mas, se a desperta,

Se receosa a tímida virtude
Dessa dama, fugir assim não ousa
Sozinha com um jovem cavaleiro?
Saberá convencê-la. – E se no entanto
Perdido o tempo?... Oh Deus! urge o perigo,
Cumpra deliberar... Toma-a nos braços,
Salta na sela, e parte, corre, voa.

IX

No papo do falcão raivava o Diabo,
Vendo tão mal sair-lhe o estratagemas,
E que o laço, onde creu ter apanhado
A virtude de santo cavaleiro,
Nova c'roa de glória lhe viçava
Na honesta frente, – Em tão escura sombra,
Tal formosura... ocasião tão bela!...
Capacitar-se o Diabo não podia
Que tanta força houvesse num mancebo,
Que resistisse a tal. – Mas onde a leva
Ele agora? – Sabido é que o Diabo,
Que tudo sabe, só futuro ignora,
Deu a voar, e segue pelos ares
O jovem par no rápido galope.

X

Nos braços apertando o doce peso,
Corria o cavalo, e lhe batia
O coração. – Sorriu de ouvir-lhe o Diabo
Tão apressado, e disse lá consigo:
– Tu que bates assim, má tenção levas
No entanto a donzela, mal desperta
Do sono ainda, que pensar não sabe
Do estranho sucesso que a acordara:
Se vela ou sonha, se anjos a conduzem
Às regiões do céu, ou se o maligno
Espírito a arrebatava às profundezas

Do abismo, duvidosa, nem se atreve
A abrir os lindos olhos: e tremendo,
Encolhendo-se toda, mui baixinho
Ao bento anjo rezava da sua guarda.

XI

Porém alfim curiosidade vence
Afinal sempre em feminino peito.
Quem a leva roubada? anjo, ou demônio?
Ver-lhe a cara deseja. E se ele é negro?...
Credo! – Mas pouco a pouco vai abrindo
O cantinho do olho. Alta a viseira
O mancebo levava; e o belo rosto
– Que belo era e gentil – se descobria
Entre as luzentes armas de aço fino,
E sob o elmo emplumado – qual nos pintam
O triunfante arcanjo aos pés calcando
Revel esp'rito que venceu nos piamos
Do céu em regular, campal batalha,

XII

Ao encarar com tão formoso gesto
O medo todo lhe fugiu do seio;
E a grata persuasão que em corpo e alma
A leva ao céu um anjo tão bonito,
Certeza foi que de prazer celeste
Lhe inunda o coração. – Mas será sonho?
Nunca ele acabe sonho que é tão belo.
Com medo de acordar, seus lindos olhos
Fogem da luz do dia e só se entr'abrem
Para gozar da angélica presença
Do roubador gentil. – Enquanto o jovem
Sente o doce calor do brando corpo
Os membros repassar-lhe e dar rebate
Ao sangue, que agitado já circula,
E em seu tropel e espirito envolvendo,

Sensações menos puras, logo ideias
Pecaminosas... feios pensamentos,
E ao cabo tentações... – Já não sorria,
Mas dava pulo o Diabo de contente.

XIII

Eis ao subir de pedregosa encosta
Agra e difícil, do alto da montanha
Vozes mil a gritar: – Ei-los vão, ei-los!
O roubador infiel ei-lo e a princesa.
Acudi, acudi, vingai no infame
Nossas injúrias todas”. – E redobra
O alarido das vozes tumultuárias;
E gritando corriam, e descendo
Dos lados todos, breve tem cercado
O cavaleiro multidão de moiros
Que em fúria cresce, e em torno se amontoa.

XIV

É povo mal armado e descomposto,
Gente soez, e sem valor nem brio,
Mas forte pelo número, e terrível
Na fanática sanha que os excita.
Embalde o cavaleiro o corcel volta,
Embalde tenta de descer de novo,
E salvar-se na fuga: a turba imensa
De toda a parte acode. Atropelados
Do fogo cavalo, a muitos prostra;
Mas outros, e outros vêm: ceder é força.

XV

Ceder! um português, e um cavaleiro!
Oh! que pesado então lhe foi o leve,
O doce peso que a seu peito aperta!
Que fará? Lança e escudo lhe falecem.
Mas ceder! isso não: co'a esquerda abraça,

Defende a linda dama que estremece;
A destra brande a espada formidável,
 A cujos golpes o infiel desmaia;
E caem como espigas em calmosa
Sesta de Estio aos golpes do ceifeiro,

XVI

E a bela! – Oh despertada alfim do sonho,
 Suas magas ilusões se desvanecem.
 Cruel realidade! Quem é ele?
Como a roubou, e aonde, onde é que a leva?
Porque assim a perseguem esses moiros?
Oh! isso entende, isso conhece a triste,
 Claros os gritos são. Mau fado a espera
Se em suas mãos cair. Oh Deus que susto!
 Com o seu roubador, seu cavaleiro,
Seu defensor... Ou como há de chamar-lhe?...
 Se abraça, e esconde o rosto delicado
 No seio áspero e férreo da armadura.
 Mas é já tarde, já reconhecida
Foi da turba infiel, – “Oriana!” bradam:
 “Oriana!” soa em torno. Co'este nome
Cresce a raiva, o furor nos combatentes,
A quem resiste impávido um só homem.

XVII

“Oriana” repetindo, embravecidos
Investem; mas o nome que os incita,
 Como se fora mágica palavra,
Respeito lhes inspira: os golpes vibrara,
E no meio do golpe a mão descai-lhes,
 E o peito deixa aos botes desarmado
Da espada do cristão. – Já da matança,
 Já de tanto ferir lhe afroixa o braço;
E as forças pouco a pouco a falecer-lhe...

XVIII

Tem pois de sucumbir. Pereça embora;
Embora... Mas à fúria desses bárbaros
Abandonar a vitima inocente
Que ele insensato ao sacrifício trouxe!
Uma virgem cristã! Céus! e tão bela!
Jamais. – Resta-lhe a esp'rança derradeira
De chamar pelos sócios que lhe acudam:
Se o ouvirem, poderão valer-lhe
E ajudá-lo a salvar a desgraçada
O corno toca; os sons repete ao longe
O eco das montanhas. Já o ouviram,
E o usado som de Mem reconheceram
Os sócios que, não longe, começavam
A sentir o alarido da peleja.
O passo dobram: ei-los... oh ventura!
São a milhares a moirisca turba;
Mas seis de Santiago! – Avante! e rompem.
Santiago e avante? – Em roda estão do amigo.
Vidas como estas caro são vendidas;
E tarde, se a perderem, a vitória
Só coroará os lívidos cadáveres
Do vencedor, a quem se deu mau grado.

XIX

O inimigo recua. Secos troncos
De figueiras, que ai jazem, encastelam
Uns; enquanto outros à lançada viva
Seu trabalho defendem. Já completa
É a tranqueira, e a tempo; que os cavalos
De cansaço e feridas se abatiam.
A suas frágeis muralhas se acolheram,
E da turba que os cerca se defendem,
Como leões à boca de seu antro
Pelos filhos e esposa combatendo.

XX

Ai da formosa, incógnita donzela!
Que ao deslaçar os braços delicados
Do corpo do mancebo, os lindos olhos
Cheios de amor e lágrimas levanta
Para o céu, para ele, e: “Adeus lhe disse:
“Adeus! Que breve foi, e que amargado
O prazer deste abraço!” –Ai cruas vozes,
Tão meigas, tão cruéis! abriu-se-lhe alma
Ao jovem; e a paixão, que lhe escondiam
Suas quimeras vãs, toda lhe avulta:
Co'esse golpe de morte lhe rebenta
O amor 'té ali no coração oculto.
Oh transe! amor travando o braço à morte!
A eternidade em meio da ventura!

XXI

Os olhos do mancebo se enturvaram,
O sangue que vertiam mil feridas,
Parou. Já nesse instante a última vida
Do coração fugia... Suspendeu-lha
Co'a força do prazer, da dor o excesso,
Qual soem suspender opostos ventos
Ao lume de água, em cabo proceloso
A soçobrada nau. – Anjo da morte
Porque retiras a asa cor da noite,
Que lhe estendas sobre a frente lívida?
Doce é morrer assim; mas todo o cálix
Do passamento, 'té às fezes negras,
Bebê-lo! – cruel és, anjo terrível.

XXII

De novo jorra o sangue das feridas,
E exânime clamou. – “Oh Deus!” seus lábios
Descorados na face da donzela
Osculo imprimem, o primeiro – e o último!

A virgem não corou: solene, e augusto
É o extremo da vida; não há pejos
Na despedida às portas do sepulcro.

XXIII

– “E quem és tu, incógnita beldade?”

– “Eu?” volve a virgem: “eu? Sangue inimigo

Teu e da cruz nas minhas veias gira;

Sangue de reis... sangue fatal! Raiou-me

A fé por entre as trevas de seus erros:

Minha mãe foi cristã, e a água sem mancha

Do batismo banhou meu corpo infante.

Este é o crime que a plebe amotinada

Persegue em mim. A seu rancor fugida

Tinha vindo acoitar-me nestes bosques

Onde um velho ermitão, por caridade,

Em sua rústica choça dava abrigo

À irmã de Aben-Afan.”

– “Tu, irmão dele!

E eu fui que te perdi... Ai! fui eu, triste.”

Torna a espada, e com ímpeto que mostra

Forças maiores já do que as da terra,

E sem mais proferir, dá sobre os moiros

Com fúria tal, que inúmeros lhe caem

Aos pés dum bote só. Porém foi esse

De Sansão moribundo extremo esforço:

Sobre o montão das vitimas que imola,

O sacrificador exangue acurva;

Sem vida cai. Não o vingueis, amigos

Não caiu bravo em campo de batalha

Mais gloriosa queda; não deis lágrimas

A quem só derramou em vida e morte

Sangue inimigo e seu. Mem não existe:

Folgai, filhos de Agar, sobre e seu túmulo.

XXIV

Olhos formosos que lhe a morte destes,
Chorai vós, sim, chorai!... Mas tanta perda
Ignora ainda a bela causa dela,
Não o viste cair, gentil Oriana,
Que no meio dos fortes cavaleiros,
No chão prostrada, súplice invocavas
Ao Céu perdão, do Céu misericórdia,
E gemes, como a rola solitária
Sobre o lascado ramo do pinheiro,
Quando os ventos do Outono tempestuoso
Da emigração a quadra lhe anunciam:
Ai! caçador cruel lhe há morto o esposo,
E seu terno arrulhar o chama ainda.

XXV

Com a morte de Mem coragem ganham
Os infiéis, e afroixa nos de Cristo
O ânimo não, mas esse mais que humano
Esforço gigantesco, entusiasmo,
Que não só p'rigos sem pavor arrosta,
Mas a infalível perda, a morte certa,
Sem lhe atentar no horror, com gosto encara.
Lassos de combater, de sangue exaustos,
Que a jorros corre dos golpeados membros,
Os que fortes exércitos venceram,
E são terror de belicosas hostes,
Ante unia vil, desordenada turba
De alvoroçada plebe já sucumbem,

XXVI

Eis a correr do alto da montanha
De rédea larga vem um cavaleiro
Ancião, de longas barbas venerandas,
Nem armado, nem seu trajar indica
Linhagem nobre; mas nobreza de alma

Brilha em suas feições. Ao chegar perto
Dos combatentes, moderara o passo.
E grave se aproxima do tumulto
Com semblante sereno, Erguendo a destra:
– “Suspendei” disse: “suspendei as armas;
Escutai-me um instante.”
A inesperada
Fala do velho à sanha da peleja
O furor suspendeu: pára o combate;
E curiosos da causa que o ali trouxe,
Atentos moiros e cristãos o atendem.

XXVII

“Ilustres cavaleiros, escutai-me,
Filhos de Agar, ouvi-me: injusta guerra
Fazeis todos: o sangue desparzido
Neste dia fatal ao céu bradando
Está vingança e todo há recaído
Sobre minha cabeça. Eu a princesa
Oriana dos reais paços de Tavira
Na fuga auxiliiei, ao respeitado
Bosque de Almargem a levei, e em guarda
A um eremita santo a dei eu mesmo.
Mas essa que buscais há tanto tempo,
Mas essa, por quem hoje heis combatido,
Não é ~à vossa, não: Oriana, a bela,
A real Oriana aos erros e mentiras
De vossa falsa lei jamais deu culto.
Cristã é, cristã foi desde a primeira
Hora da vida.”
– “Ela, cristã!” exclamam
A maura turba com horror e espanto.

XXVIII

– “Sim, cristã sou” lhes diz, alevantando-se
A princesa gentil; e no ar, no gesto

Lhe brilhava um esplendor de majestade,
Que, entre essa multidão de homens armados,
Sanguentos, golpeados, parecia
Anjo de paz que vem de ordem do Eterno
O cru flagelo suspender da guerra.
– “Sim, cristã sou, e o Deus só verdadeiro,
Que à sua santa luz abriu os olhos
De minha mãe, que em sua glória é hoje,
Constância me dará para o martírio,
Para alcançar a imarcessível palma
Que me espera do Céu. Vinde; essas armas
Para meu peito dirigi; tormentos
Inventa] novos; tudo com delícia
Receberei de vós, com prazer de alma;
Tudo... Piedoso Deus! que hei visto!” – Pára-lhe
A voz e a vida; cai: no gesto lívido
Véu de morte se estende. A malfadada
No cadáver de Mem, que jaz por terra,
Fixara acaso os olhos descuidados,
E do golpe fatal, que inda ignorava,
Repentino ferida, à dor sucumbe.

XXIX

Álvaro e os mais cristãos, que a viram súbito
Desmaiar e cair – não suspeitosos
Da causa de seu mal, alucinados
Em tanta confusão – de tredo golpe
Por maometano archeiro a crêem ferida.
De horror e indignação furiosos bramam;
E Álvaro lhes clamou: – “Amigos, eia!
Este resto de sangue que inda gira
Em nossas veias, pouco é, porém corra
Português 'té à gota derradeira.
Que nos sobra de vida! Escassas horas:
Séculos fossem elas, à vingança
De crime tanto e tal votadas sejam.

Santiago, e avante! nossa é a vitória,
E triunfantes nos receba a morte.”

XXX

As fogosas palavras do mancebo
Nos corações que apenas palpitavam
Exangues, semimortos, vida e fogo
De entusiasmo infundem. Quais rompentes
Leões, investem contra o moiro, em fúria.

A jorros corre o sangue; a vozearia
Dos combatentes, gritos dos feridos,
E o arrancar dos moribundos forma
Consonância medonha. Acostumado
Não era à guerra o venerando velho
Que, esperando salvar os cavaleiros
À custa de sua vida, ali viera.

Conhece todo o Algarve o nome e a fama

De Garcia Rodrigues, o mais rico

E honrado mercador daquelas eras,

Que em seu tráfico honesto, recovando

Entre os moiros do Algarve e as portuguesas

Terras vizinhas, grande acumulara

Haver de oiro e riquezas. Protegido

Da defunta rainha, e íntimo sempre

De frei Hugo, quando este disfarçado

Nos hábitos e modos de moirisma

No palácio de Silves demorava,

Tão prudente e avisado andara sempre

Que nunca aos muçulmanos fora odioso.

Depois, morta a rainha, e Hugo partido

A fazer-se ermitão em Monteagudo,

Continuara em seu trato, a ir ao paço

Vender suas mercancias costumadas.

Co'a princesa Oriana ali falava,

E em grande segredo lhe trazia

Livros, rezas cristãs, bentas relíquias

E outras consolações que a confortavam
No desamparo e susto em que vivia.

XXXI

No próprio dia a Silves era vindo
Que em torrentes de sangue se afogara
O tumulto da plebe amotinada
Contra Oriana; e vendo-a resolvida
A fugir para sempre as ímpias terras
Dos inimigos da sua fé – deixara
A mercantil, habitual prudência;
Com grande risco de fazenda e vida
Ele próprio, uma noite bem fadada,
A levou nas recovas escondida
Que o não sonhou ninguém. Passou as portas
Da alcáçova, e passou as da cidade,
Escapando a perigos infinitos,
Que só pensá-los faz tremer. Andando
A bom andar, chegou àquele bosque
Do Almargem, e o seu furto precioso
Deu a guardar a um santo velho monge
Que ali vivia em solitário hospício
Dos lá da serra de Ossa dependente.
Ali a vinha ver o bom Garcia
Sempre quando passava em seu continuo
Usual peregrinar. Caminho agora
Ia de Alvor, quando escutou o ruído
E a causa soube do fatal combate,
Que a apaziguar correu... em vão. “Salvá-los
É impossível!... Pois” disse ele morra-se
Como homem também”. – Empunha a espada
E sobre os moiros deu como homem que era.

XXXII

Novas entanto da fatal peleja
A Cacela chegaram. Parte à pressa

Vos seus o mestre, esperançado ainda
De socorrer os nobres combatentes.
Tavira passa; os moiros aterrados
Do furor com que vem, passá-lo deixam.
Chega... Ai!... tarde. Já lívidos cadáveres
Sobre montões dos que imolou seu ferro
Jazem os sete heróis. Troféus de entorno
Seus inimigos lhes são, que os precederam,
E às regiões baixaram do sepulcro
A anunciar do vencedor a vida.

XXXIII

Mas os moiros do campo da batalha,
Em vendo o mestre vir, se retiraram
Açodados c'o medo da vingança.
E ele, a quem no peito ânsia rebrama
De punir tão cruel aleivosia,
Os preciosos despojos recolhendo
Dos nobres cavaleiros e do honrado
Mercador, no alcance vai dos moiros,
Que em vão fogem. Cruento sacrifício
As sombras dos heróis ali recebem:
Milhares caem. De Tavira às portas
Acossados os leva; e as portas, que abre
Para acolher os seus o muçulmano,
Ao mestre foram triunfal entrada
Na capital do subjugado reino.

XXXIV

Do Algarve a capital cede a Dom Paio.
Mas em Silves o rei no forte alcáçar
Crêem todos; e acabar co infame jugo
Dos infiéis em terras portuguesas
Jurara o mestre. Bem guardada e forte
Deixa Tavira, e sobre a antiga Silves
Vai com a flor dos seus ébrios de glória.

CANTO OITAVO

I

Teu alcáçar tão forte! Quem resiste
Às espadas terríveis de Santiago?
Já derredor dos muros, que de lanças,
De frechas, de besteiros se coroam,
Suas tendas assentou, suas azes posta
O invencível mestre. Já trabucos
Assestam, catapultas vêm de rojo,
Máquinas, lígneas torres; e se dobram
Acobertados couros, protectores
De escaladas e assaltos. Mas de dentro
Dos muros os cercados se apercebem
Para a defesa: ardentes alcanzias,
Duros cantos, ferradas longas varas
Que os incendiários fachos arremessam
Às inimigas fábricas. Redobra
Coragem em uns e outros o perigo,
Pregam no campo frades indulgências,
Na cidade os imãs novas promessas
Fazem de houris e paraísos: folga
Entanto a morte, e para a ceifa crua
C'o um pérfido sorriso a fouce afia.

II

Dom Paio suas tendas, rodeado
Dos cavaleiros principais, com eles
Nos desenhos do assédio praticava,
E no mais que a seu cargo e posto cumpre.
Um homem de armas entra, e ao conselho
Anuncia que ao campo um mensageiro
Do rei de Portugal nessa hora chega.

III

– “Que novas traz?”

– “Sabê-lo-eis mui pretos

Que não tarda convosco; e sua mensagem,

Diz só a vós dará.”

– “Embora venha:

E praza ao Céu que do valente Afonso

Nos traga alfim tão pedido auxilio.

Grã mister hemos dele. Cavaleiro

E generoso é Afonso, a nenhum outro

De toda a Espanha com mais gosto dera

Preito do que hei ganhado: mas importa

Ai de ti, Silves, de tuas nobres torres,

Que a levamos ao cabo esta conquista

Nos ajude ele; senão... reis não faltam;

Deus proverá, e a nossa espada ao resto.”

IV

O arauto, com solene e gravo passo,

A Dom Paio caminha, e volteando

Três vezes no ar o seu bastão doirado,

Em som lento e pausado assim lhe fala:

– “Da parte do mui alto e poderoso

E temido senhor, rei Dom Afonso

De Portugal e Algarves, a Dom Paio,

Mestre de Santiago, cavaleiro

Muito nobre e esforçado, vem Dom Nuno;

Sua embaixada traz.”

– “Entrai”. Entraram.

V

De suas ricas armas cinzeladas

Vinha armado Dom Nuno: por de cima

Da malha sobreveste de oiro e seda

Orlada com franjões de fina prata,

Passamanes do mesmo, e sobre o peito

Bordada a cruz azul, insígnia antiga
Do reino, e embaixador que o representa,
Segundo usança é.
Este, inclinando-se
Ao mestre, disse então:
– “Senhor Dom Paio
El-rei, e meu senhor, que a vós me manda,
Vos envia saudar, como a quem preza,
E muito estimo vossas nobres partes,
E a respeitável Ordem de Sant'Iago,
Cujo sois digno mestre. Sabei como
Prouve ao muito alto rei de Leão, Castela,
De Toledo, de Córdova e Sevilha,
Múrcia e Jaen, imperador augusto,
Sempre feliz, a meu senhor e amo,
El-rei de Portugal, neste seu reino
Investi-lo do Algarve; e vos ordena
Que lhe entregueis castelo e fortalezas
E lugares o vilas que heis tomado;
E preito lhe façais e homenagem,
Como a senhor e rei. E mais vos trago
Que em marcha com sua gente a estes sítios
Vem el-rei meu senhor, com tenção firme
De ajudar-vos na santa empresa vossa
De libertar suas terras do pesado.
Jugo de moiros: no que muito conta
Convosco e vossos nobres cavaleiros,
A quem honra e mercês fará condignas.”

VI

– “Venhais embora” o mestre respondia:
“Sejais bem-vindo vós, e a vossa alegre
Mensagem que trazeis, senhor Dom Nuno.
Português sou, e português me prezo
De ser do coração; e muito folgo
De entregar nossas praças e castelos

A rei tal e senhor. Em hora boa
Venha ele a tomar nossa homenagem,
E a conquistar o mais que no seu reino
Ainda infieis lho têm. Com mãos à obra
Nos achais, cavaleiro; desta Silves,
Onde o moirisco rei temos cercado,
O resto da conquista está pendente;
E... Mas vejo-vos rir!... Não sei que o caso..."

VII

Nuno sorria, e em gestos se expressava
De quem do mestre aos ditos fé não dera.
– “Não tomeis, senhor meu, para má parte
Este sorrir”: contendo-se Dom Nuno
Lhe tornava: “De Aben-Afan dizeis
Que o tínheis hi cercado... E sei eu certo
Que algures ele está, que não em Silves.”
– “Sabeis?”
– “Sim, sei.”
– “Muito sabeis! Contai-me.”

VIII

Nuno então conta ao mestre, que pasmava
Como, da infanta em companhia, a folgas
Indo, o rei moiro súbito os tomara.
E ele só, por estranho caso, a vida
Salvara e liberdade; – que escondido
Na cerca do convento, deparando
Com um moiro, o matara, e em seus vestidos
À pressa disfarçado, Aben seguira
'Té a uns formosos paços, onde a infanta
Só com Aben-Afan entrar puderam,
E que súbito os paços se sumiram.
Que certo havia ali encantamento
Ficou ele; porém lugar e sítio
Bem o conhece, e tais sinais tem posto,

Que há de com ele dar. Daí partido
A el-rei se fora a lhe contar do roubo
E desacato da real infanta.
Que de vingar sua honra e a de sua filha
Jurara Afonso; e a Beatriz, sua esposa,
Mandara ao pai a lhe pedir do Algarve
Terras e senhorio, resoluto
A acabar desta feita co'a vil raça
De Maomet. Em tudo consentira
O bom do imperador: e el-rei à pressa
Vem caminho do Algarve, a invicta espada
Jurando não depor sem que no sangue
Do derradeiro moiro a injúria lave.”

IX

– “Mas se encantada a infanta” diz Dom Paio,
“Co moiro está, que vale guerra e sangue
Para a cobrar?” – “A tudo se há provido”
Nuno volveu: com el-rei vem quem sabe,
E tudo pode em coisas tais de encantos,
Certo, que nomear tereis ouvido
Frei Gil de Santarém...”
– “Frei Gil!..... Oh! valha-nos
Santiago!” à uma os cavaleiros dizem:
“Traz consigo esse frade Dom Afonso?”

X

– “E porque não?” Dom Nuno respondia:
“Sim, traz; mas não sabeis quanto mudado
Está frei Gil. Do Diabo, a quem vendera
A alma pelo poder da bruxaria,
O escrito cobrou que lhe fizera
De obrigação, lavrado com seu sangue.
E agora o Diabo, a quem servira escravo,
Como a senhor o serve; e é maravilha
Ouvir casos e coisas que se hão feito

Por sua intervenção. Peça mais fina
Nunca santo a pregou a fino Diabo,
Do que o padre frei Gil; fá-lo ir ao coro
Rezar c'os frades, ouvir missa inteira,
E confessar-se até.”
– “Mas quem vê isso?”
– “Ninguém senão frei Gil: boa era essa!
Se o vira alguém, forte milagre fora.”

XI

Riram os cavaleiros do bom logro
Que pregara ao Demônio o santo frade.
Veja a nota a este verso, no rim.
E o mestre, encarregando da ordenança
Do cerco e mais governo que cumpria,
Ao comendador-mor, se foi, com parte
Do conselho da ordem, ao caminho
De Selir, a esperar el-rei Afonso,
Que para aí direito em marcha vinha.

XII

Já longo o cerco a parecer começa
Aos sitiantes; rápida a vitória
'Té ali os precedeu: enfim o auxílio
Do monarca porá termo ás delongas,
E acabará c'o império muçulmano
Nos libertos Algarves. – Se pudessem
Todavia vencer sem esse auxílio!
Veda-lho a ausência do esforçado mestre.
Sem ele aventurar-se a dar assalto
Não ousarão, nem devem. Surdas minas
Lavrando vão caladamente entanto
Com direção do alcáçar, que o mais forte
Lanço é da praça toda, e decisivo.

XIII

Segue de perto aos que trabalham, pronta
A escolha dos mais bravos e atrevidos
Na subterrânea estrada, que já longa
Cresceu: prestes estão de peito e de armas
A qualquer caso, ou contramina os cruze,
Ou, repentino, a bem guardada estância
De inimigos os leve seu trabalho.

XIV

O ardido Nuno entre os primeiros sempre
É na glória e perigos. Voluntário
Se of'rece a ir na subterrânea empresa.
Por capitão de todos o puseram
E a direção da mina lhe entregaram.
Trabalhavam um dia, eis – “Vozes sinto”
Disse parando na obra um dos soldados.
– “Escutemos: silêncio!” Nuno acode,
E alerta ouvidos, e calado é tudo,
Vozes se ouviam, mal distintos ecos,
Sons abafados, como uns ais perdidos
De infeliz a quem vivo sepultassem
Nas entranhas da terra, e que em lamentos
Vãos! – conjurasse o horror de seu destino.

XV

– “Manso continuai vosso trabalho”
Diz Nuno: “Descubramos donde nascem
Estes estranhos sons”. Vão pouco e pouco,
Leve e leve, minando a terra dura.
Já clara a voz se ouvia: feminino
Era o acento gemedor e aflito,
E como suplicante: crebros golpes
Se ouviam c'os lamentos misturados,
E um rouco murmurar de voz sinistra.
– Suplício, algoz, e vitima parecem.

Tão próximos estão, que se distinguem

As falas já.

– “Piedade!” diz voz trêmula:

“Piedade, eu desfaleço, eu morro...”

– “Amigos!”

Bradou Nuno: “à uma os ferros, eia!

Salvemos essa vítima inocente

Da maometana bárbara maldade.

Rompei dum golpe só o estreito espaço”.

XVI

Mal dissera, aos alviões nas mãos robustas

Cede a terra, e caindo, patenteia

À vista dos atônitos guerreiros

O lôbrego recinto de medonho

Subterrâneo, horrível calabouço.

Uma lâmpada fúnebre, que ardia

Suspensa em meio, triste luz reflete,

Clara porém, na profundez do antro.

Em pé espadaúdo moiro como estátua,

De medo e pasmo está; seus olhos fixos,

Seu gesto horrendamente contraído

O pavor, a crueza, o susto, o crime

Alternados debuxa. Tem na destra

O instrumento de bárbaro suplício,

Azorrague sanguento. Junto dele

No chão prostrada ùa mulher... Vergonha

Me abafa os sons nas cordas que estremecem:

A indecorosa posição... pintá-la

Meus versos ousarão?... Em terra os joelhos

Poisava, e em terra a face; co'as mãos ambas

Cobre-a, de pejo – o seio encobrem vestes;

Mas o restante... oh! não as tem mais belas

Nem mais patentes Calipígia Vênus.

As formas imortais que nome e fama

Dão ao cinzel e mármore divino.

Matizam crus sinais o alvo dos lírios,
Como sói no vergel tülipa roxa
Entre as cecéns brotar. – Mais se divisa
Outra flor... Caia o véu sobre o meu quadro.

XVII

Véu de pudor cobriu os olhos castos
Dos guerreiros cristãos. Seu manto arroja
Nuno à infeliz, e co'a outra mão travando
Da barba hirsuta do algoz: – “Malvado!”
Lhe brada: “mas que vejo! tu! É sonho,
Ou és tu mesmo? Como nestes hábitos
Co'esse turbante, infame renegado?
Eterno Deus!... Vil monstro de maldade,
Fala: quem é esta inocente vitima
De teu furor cruel? porque a ferias
Tão despiedado? Fala, ou neste instante
A merecida morte...”

XVIII

Um suor frio

Cobria o moiro, os dentes lhe batiam,
E os membros contraídos lhe estremecem.
Qual ceifeiro robusto, a quem na messe
Tomou quartã violenta, co'a mão trêmula
Aperta a foice, e em vão chamar os sócios,
Bradar procura em vão; no aberto sulco,
Sobre os feixes de espigas que há colhido,
Cai oprimido de ânsia e quebramento.

XIX

– “Malvado!” exclama Nuno: “segurai-o,
Mas não toqueis, por Deus, nessa cabeça
Ao cutelo votada da justiça.
E vós, senhora, cobrai força e ânimo,
Que não estais com bárbaros: respeito

E piedade achareis. Auxílio e amparo
Por cavaleiros e cristãos devemos
As damas; nem nos veda a diferença
De culto e religião...”
C'um gesto a dama,
Em que, apesar do pejo e abatimento.
Sobressai dignidade e formosura
De nobreza e virtude, alevantando-se
Gravemente, o interrompe co'estas vozes:
– “Meu culto e religião, senhor, é o vosso;
Cristã sou, por cristã hei padecido,
E de meu padecer uma só queixa
Tenho elevado ao Céu – que lento e brando
Não me haja dado a suspirada morte.”

XX

– Nobre dama, conosco ao régio Afonso
Vinde; e recebereis honra e justiça,
Qual se vos deve. Nome e sangue ignoro
De tão bela senhora, mas por certo
De alta progênie o tenho.”
– “Em mal! bem alta.”
– “É português?...”
– “Senhor, moiro é meu sangue,
Muçulmanos os meus, cristã eu única.
Não me pergunteis mais; eu vo-lo rogo
Por vossa cruz: levai-me presto ao campo
Onde os socorros que há mister minha alma,
Encontrar possa.”
Pronto, Nuno ordena
Às guardas e vigias o que devem
Em sua ausência fazer, e co'a formosa
Dama e co velho moiro ao campo volve.

XXI

Soavam atabalas e trombetas,

Que tangem menestréis: todo um triunfo
O arraial parecia. – “Ei-lo que chega,
Ei-lo! Real, real por Dom Afonso
Do Algarve e Portugal!” mil vozes clamam
E do mestre e dos seus acompanhado
O magnânimo Afonso, num formoso
E soberbo andaluz montado, vinha
O campo entrando. Os vivas de alegria,
As saudações do povo e dos soldados
Benigno acolhe: mas profunda mágoa
No rosto impressa traz; ri-lhe nos lábios
Doce afabilidade, que os monarcas
Portugueses outrora distinguiu,
Mas a frente pesada de cuidados
Em vão se alisa, as rugas da tristeza
Sob o diadema de ouro se lhe encrespam.

CANTO NONO

I

O estandarte das Quinas tremulava
No pavilhão real; e essa alegria,
Que em derredor festiva se agitava
Na tenda do monarca não penetra:
Pesado é tudo aí, Seus ricos-homens
Se compõem no silêncio e na tristeza
Que da frente do príncipe reflete.
A mão no rosto pálido, e c'os olhos
Fitos no vago, Afonso meditava.
O que vai por essa alma, ó rei?... Memórias
De Bolonha serão? Lágrima a lágrima,
Estás sentindo as da infeliz Matilde
No coração traidor cair-te agora?
Se do vendido tálamo... vendido!
Porque o vendeste, rei; não foi cegueira

Perdoável de amor, senão cobiça,
Fria crueza de ambição a tua...
Se do vendido tálamo as saudades
Vingadouras talvez vêm perseguir-te?
Ou se – que é rico de remorsos e amplo
O teu quinhão de rei – se outro remorso
Te estará solevando a laje negra
Que em Toledo a outro rei... teu irmão era!
Deu estranha piedade por esmola?
Ai Afonso! E perdeste a filha, e choras
E acusas os Céus! Os teus são crimes
Que a divina justiça não espera
Para os vingar depois na eterna vida,

II

Foi este derradeiro pensamento
Que por certo o feriu. Turbado, aflito
Fez sinal que o deixassem. Nobres, pajens,
Tudo se retirou. – “E que me chamem”,
Disse “frei Gil”. E a frei Gil chamaram;
E só entrou a el-rei; e a sós são ambos.

III

– “Padre” torvo de aspecto Afonso clama:
Padre, que heis descoberto? Que esperanças,
Que novas me trazeis?”
– “Tem confiança
Em meu poder, ó rei dos Portugueses
Tua filha verás, vê-la-ás. Mui cedo
É para se cumprir a grande obra
Em que empenhadas tenho minhas artes,
Minha ciência toda.”
– “Muito há, padre,
Que o prometeis assim, e... Desculpai-me:
Sou pai; e nenhum pai nunca amou filha,
Como eu a minha Branca; nem mais digna

De amor e de ternura houve outra filha.
A meu pesar, confesso, que aos altares,
Inda mal! a cedi. Triste presságio
Me agourava seu fado.”
– “Rei, és homem
E como homem és fraco e miserável.
Pesa-te o quê? da filha que hás votado
A um Deus que reino a reino te acrescenta?”
– “Oh! mas a minha filha, a minha Branca?...”
– “Tua filha verás: sou eu, Afonso,
Que to asseguro. Do imundo espírito,
Que hei forçado a servir-me e obedecer-me,
A resposta alcancem: não está longe
A abadessa de Holgas destes sítios.”

IV

– “Aonde, aonde está?” bradou Afonso
Levando a mão à espada: “Quero eu próprio,
Eu só por minha mão...”
– “Tua mão, tua espada,
A tua cr’oa, o teu cetro que empenharás,
Não são nada em mim. Que sois vós outros,
Reis da Terra, que fora o vosso trono,
Sem o amparo do altar? Vai perguntá-lo
À campa de Toledo e aos desonrados
Ossos de teu irmão...”

V

Acovardado

Tremia o conde de Bolonha; o forte,
O ousado Afonso treme, e respeitoso,
Diante do humilde frade mais humilde,
Com submissão se inclina.

Relaxando

Na asperidão da voz, frei Gil prossegue
Com mais suavidade: – “Ouve, liberta

Será Branca por mim; nem longe é o dia.
Quando o ramo de peste em talha de ouro
For escondido, quando o bento orvalho
Estender seu influxo a terras de ímpios,
Quando em noite mais clara do que o dia
Escurecer o céu sombra de mortos,
E o galo preto anunciar a hora
Fatal a encantamentos e à possança
Dos espíritos do ar, liberta é Branca.
Nisto confia, ó rei: mas grande e forte
É o poder que a guarda, grande império
É o do gênio que a retém cativa.
De confiar-to duvidei 'té'gora;
Porém força é que o saibas: protegido
Da rainha das fadas é o jovem
Roubador de tua filha, Nem violenta
Em seus torpes abraços está ela:
Fatal encanto a cega, poderoso
Feitiço a enamorou..."

– “Oh Deus! que horrores!
Meu sangue, a minha filha? Que vergonha
Me anuncias!... Oh! venha a desgraçada:
Seu juiz, seu algoz serei eu mesmo!”

VI

– “Não o permita o Céu” Gil o interrompe:
“Não o permita o Céu: altos decretos
São do destino eterno; adorar deves,
E conformar tua vontade humilde
Com a vontade suma. Penitência
De seu erro fará; e há de aplacar-lhe
A penitência sua as iras justas
Do esposo e do Céu. Mas a salvá-la,
A quebrar seu encanto é necessária
Uma difícil coisa.”

– “O quê?”

– “Três gotas Sem ferro havidas, e do sangue próprio
Do roubador.”

– “De Aben-Afan? Burlai-vos,
Padre, zombais de mim? Não me haveis dito
Que com ela no mesmo encantamento
Esse pérfido moiro está?”

– “Sim, disse.”

– “E então?...”

Fechando os olhos, e a mirrada
Mão alçando, murmura com voz trêmula
Frei Gil: – “Perto de nós está seu sangue”.

VII

Mal estas vozes pronunciara o frade,
Da tenda o reposteiro alevantava
Um cavaleiro: é Nuno, acompanhado
Daquela aflita dama; a el-rei se chega
Ainda transtornado do despeito
E indignação: – “Perdoai minha ousadia,
Rei e senhor”, lhe diz: “justiça venho
E piedade implorar. Horrendo crime,
Bárbara afronta a Deus e à humanidade,
Clama por vós, senhor, a grandes brados.
A queixosa, a ofendida é a bela dama
Que aqui vedes; o réu... Interrogai-a,
E dela o sabereis.”

– “Formosa dama,
Justiça vos farei; tende bom ânimo.
E se de vossa afronta é tal o caso,
Que só a desagrave espada ou lança
Em raso campo; cavaleiros tenho
Que por tão bela dama se apresentem
A defendê-la em cerco ou estacada
Contra o próprio Amadis. Mas vossos trajés
À usança moirisca me parecem;
E vós, senhora, sois?...”

– “Moira hei nascido;
E cristã sou. Mas de meu triste caso
Vos dirá esse honrado cavaleiro.
Desculpai-me, senhor; longos discursos
Meu padecer e mágoas não toleram.”

VIII

Nuno então conta da lavrada mina,
Do subterrâneo cárcere, e do encontro
Que aí teve; refere o mais que ouvira
Dos cavaleiros que ao fatal combate
De Antas em tardo auxílio haviam ido,
E esta dama em poder da maura turba,
Quando fugia, a viram: e sabido
Tinha dos prisioneiros como a causa
Do combate ela fora, e como filha
Era de régio sangue; e convertida
Sua mãe à fé de Cristo, a batizara;
Como por tal dos moiros perseguida,
O mercador Rodrigues lhe valera
E a levava ao Almargem, onde oculta
Estivera em poder do santo monge
Que demorava ali. Ao depois narra
De Antas a crua história, e como havendo
Sucumbido os cristãos na fatal luta,
Os infiéis a Silves a levaram,
E num medonho, subterrâneo cárcere,
Por começo de tratos, a arrojaram.

IX

– “Como foi minha dita libertá-la,
Já vos disse, senhor Nuno acrescenta:
“Mas os tormentos crus, mas a impiedosa
Injúria atroz que um perverso monstro
Lhe há feito... oh não me atrevo a referi-la.
Concedei-me, senhor, que ante vós traga

O réu, e pasmareis de conhecê-lo.”

– “Ide.”

– “Perto ele está. Trazei, soldados,
À presença de el-rei esse malvado.”

X

Os soldados c'o velho moiro entravam;

El-rei com atenção fixo o contempla...

– “Aproximai-o” disse: “Um moiro é esse?

Um moiro, dizeis vós!... É frei Soeiro.”

– “Um cristão! volve a dama: e um religioso!”

– “Frei Soeiro! o confessor de minha filha?...

Miserável! defende-te se podes;

Treme infiel das penas que te aguardam.

Porque enormes pecados hás chegado

A esse estado de infâmia e de miséria?

Renegar do teu Deus, teus santos votos!

Como, infeliz, corno chegaste a tanto?”

XI

Atônitos em torno estavam todos,

E com horror ao renegado frade

Observa cada qual, atento ouvido

Para escutá-lo dando. Mas calado,

Mudo, quedo, c'os olhos esgazeados,

Como se não ouvira, imóvel fica.

XII

– “Cuidas salvar-te assim?” el-rei prossegue:

Pensas de me iludir com teu silêncio?

Soldados, co'as espadas nas bainhas

Porque as não manche o vil, as duras costas

Lhe macerai com rija mão. Veremos

Se lhe passa a mudez”. Executada

Foi a sentença... em vão: nem sinal leve

Da menor dor amostra; mudo, quedo,

Imóvel, impassível como dantes.

XIII

Pasma Afonso, e os que vêem todos se espantam,
Se benzem já. Então de um canto escuro,
Donde, até ali calada, esta observava
Cena de maravilha, se aproxima
Frei Gil, e com um brado tremebundo,
Erguendo a esquerda mão: – “Fala, eu to ordeno.”
O criminoso treme, e revolvendo
Com fúria os olhos, num arranco horrível:
– “O que queres de mim lhe disse: “mestre?”
– “És tu frei Soeiro?”
– “Não.”
– “Não és frei Soeiro!”
Quem és tu pois? clamava el-rei pasmado,
Frei Gil tornou: Responde”.
– “Sou o Diabo.”
– “Zombas de mim, traidor?”
– “Não zombo, Afonso:
Ouve. Escutai-me, todos, em silêncio,
E não me interrompais, por vossa vida.”

XIV

Da manga o frade tira gravemente
Curta varinha dobradiça e negra;
Que três vezes no ar com pausa agita.
No chão depois um circulo descreve,
Em torno ignotos caracteres forma.
Palavras cabalísticas murmura,
E em silêncio, os braços descaídos,
Eriçada na frente a rara grenha,
Com os olhos fechados, como espectro
Que se ergue sobre a campa em hora aziaga,
Extático terrível permanece.

XV

Súbito exclama com acento horrído:
– “Espírito infernal, anjo das trevas,
Que ao meu poder, rebelde, hei sujeitado!
Pelas sublimes artes, e execrandas
Palavras não sabidas de homem vivo,
Nem pronunciadas por humanos lábios
Diante da luz do Sol, eu te esconjuro,
Imunda criatura, que declares
O que pretendes desse imundo corpo
De frei Soeiro? como, e porque causa
A renegar da fé e de Deus santo,
Teu e seu criador, o compeliste?
E para quê, por suas mãos impuras,
Deste à bela Oriana crus tormentos?
Fala, e verdade, em que te pez, não mintas,
Ou as fatais palavras do castigo
Sobre ti, vil criatura, pronuncio.”

VI

Fez-se mais negro o moiro, e assim responde:
– “Essa Oriana é filha do pecado
E de nascença minha escrava e dele.
Mas um tal frade bruxo, meio frade
E mais que meio bruxo, que na manga
Trazia os sortilégios co'as relíquias.
Próprio fradinho o tal da mão furada,
O teu vivo retrato enfim...”
– “Adiante!”
Disse frei Gil, doendo-se da graça.
Sorriu-se el-rei. E o demo prosseguiu:

XVII

– “O tal frade... frei Hugo era o seu nome:
Tanto me andou c'a mãe... que fina moira
Era a mãe!... embruxou, desembruxou-a,

E deu co'ela cristã. Já era velha
A esse tempo: e eu perder, não perdi nada.
Mas estoutra, da infância ma tiraram;
E picou-se no vivo. Fez-se linda,
E tão linda, que à força de lisonjas,
De enfeites, galanteios e requebros,
– Bruxaria mais forte que nenhuma –
Estive certo de a apanhar à unha,
E a tornar a fazer mais minha que antes.
Roubou-ma um tal tratante de Garcia,
Mercador que ai jaz em Antas morto...
E foi-se a tempo, que por nada o pilho
Numa onzena em que quase, quase o empalmo.

XVIII

Custava-me a perder essa donzela;
E ao velho ermitão que a tinha em casa
Tentei, tentei de balde um ano inteiro:
De balde, que o mofino, velho e trôpego,
Não tinha que tentar. – Quando vi juntos
Em Antas seis tão jovens cavaleiros,
Assentei de encaixar-me no mais moço
E mais gentil dos seis. Perto dormia
Essa Oriana; cuidei que a tinha feita:
Mas, por mau fado, os cavaleiros todos
Não se esqueceram de levar ao peito
Aquela coisa que adorais vós todos
E que nós...”
– “Vai por diante, e não blasfemes.”

XIX

“Fiquei desapontado – como dizem
Os Ingleses; – não há na vossa língua
Com que o dizer: e venha ou não o Diabo,
Tornem-na, que hão mister dessa palavra.
Num falcão me enganchei, voei de sorte,

Que o jovem me seguiu 'té junto dela.
Dormia, e em tão formosa, tão lasciva
Postura estava, que eu à fé vos juro
De Diabo que sou... arrependi-me
De pôr tão fino mel em boca de asno.
E, não fora eu falcão nesse momento,
Meu íncubo poder..."

Corou a bela

Oriana; e indignado o interrompia
Frei Gil; – “Espírito imundo, não abuses
Da liberdade que te dei. Prossegue”.

XX

– “Quem tal diria? o parvo do mancebo
Babado a olhar para ela uma hora inteira...
E por fim... e por fim... torna-a nos braços,
E desanda a correr como um danado,
Para a levar a terra de batismo,
E fugir – dizia ele lá consigo –
Da tentação. Saíram-lhe ao caminho...
E o resto sabeis vós. Vi-os eu todos
Os seis e o mercador mui direitinhos
Ir com sendos palmitos e capelas
Para o Céu. Eu também me fui direito,
Mas raivando e sem palmas nem palmitos,
A Silves onde a moça me levavam.
Fui dar com três dos meus ali cativos
Desde a história da noite da Tremenda,
Em que tanto me ri e ganhei tanto...
Aquilo sim, que é moça de outra casta,
Desenganada, não destas piegas
Que não sabem se querem, se não querem,
Que estão morrendo por se dar ao Diabo,
E rezando abrenúncios..."

– “Conta a história,
Maldito: as reflexões nós as faremos.”

– “Melhor do que eu: bem sei. Os tais amigos
Eram Gilvaz, frei Lopo e este Soeiro.

XXI

O médico, judeu no fundo de alma,
Está visto, custou-me pouca lida
A dar co'ele outra vez na sinagoga.
O Lopo, namorei-o de uma velha
Beata de Mafamede, que o traz gordo,
Cevado de pilau e de badana;
Moiro se fez por chocho namorado.
E a bela voz que tem! é o sino grande
Da mesquita maior, e chama o povo
Com tal graça a rezar, que nunca a teve
Tal a roncar no coro de Alcobaça.
O Soeiro, esse é velhaco mas ladino;
Custou-me a haver com ele: quer ser bispo
Ou geral, quando menos da sua ordem.
E tinha toda a manha e hipocrisia
De um frade ambicioso. Foi preciso
Que o comprasse um vilão fona e sovina,
Que o metia à atafona, que o moía
Dia e noite de sovas e trabalho,
E nem toucinho, seu manjar querido,
Nem nada mais, bastante a encher-lhe a pança,
Lhe dava. Renegou por fome o frade;
Não fui eu que o obriguei: já negra e moira
A alma tinha, quando eu lhe entrei no corpo,
Renegou; mas ninguém fez caso dele;
Moiro ou cristão, ficou sempre bernardo
Meti-me nele, e fez tais diabruras,
Tais tratos deu a outros cristãos escravos
Que alguns fez renegar, deu cabo doutros:
E por zelo da lei tomando-o os moiros,
Lhe encarregaram da princesa a guarda.
O mais que fiz, foi tudo bagatela:

Nada alcancei: ela aí 'stá convosco.
E eu vou-me embora deste sujo frade,
Que nunca entrei em corpo tão imundo
Nem temos lá no Inferno lagartixa
De mais nojo e fedor que este maldito.”

XXII

– “Ainda não; espera: onde escondeste
A infanta Dona Branca?”
– “É outro caso
Esse de Dona Branca; não sei dela.
Cheguei a tê-la escrita em meu canhenho:
Mas tenho certas dúvidas agora.
Anda aí mor poder que o meu.”
– “Alina,
A rainha das fadas?”
– “Sim.”
– “E quando Se lhe acaba o encanto?”
– “À meia-noite,
Em dia de São João.”
– “Com sangue?”
– “Sangue
Solta-me, ou nada mais torno a dizer-te.
Maldito frade! afoga-me de gordo.”

XXIII

– “Vai-te, inimigo, some-te!”
Um estoiro
Medonho retumbou por todo o campo;
E em negro boqueirão se abriu a terra.
Estremeceram todos, e aterrados
Se benzem. – Enxofrado fumo e cheiro
Exala o boqueirão. – Com água benta
Purifica-se o ar; e a terra fecha-se.

XXIV

Frei Soeiro despossesso – como um parvo
Olhava para tudo e bocejando,
Se é hora de jantar pergunta a Nuno.

CANTO DÉCIMO

I

Quanto mel de seu favo amor espreme
Na taça das delícias, se o tocaram
Lábios impuros, negro fel se torna,
Que embriaguez de morte, e não suave
Devaneio de lânguido repouso,
Na alma agitada convulsivo excita.
– Gozo da vida, amor, tão breve passas!
Males que deixas são tão duradoiros!

II

Branca cedeu a amor. C'os olhos turvos
De ternura e deleite, o adeus extremo
Deu suspirando à virgindade; e morta
De prazer e de amor... caiu nos braços
Do roubador gentil. As horas correm,
Os dias fogem – voa o tempo a amantes:
E num seio de glória adormecidos
Aben-Afan e Branca o mundo esquecem.

III

Eram fins desse mês festivo e belo,
Consagrado a João, santo o mais guapo,
Mais garrido e brincalhão do calendário;
Santo do próprio moiro festejado,
Cujos orvalhos bentos dão saúde,
Ao corpo e alma, cuja noite, amiga
De amor e dos prazeres, tanto encobre

Gosto furtivo, beijo namorado,
E o mais que vai por arraiais, por feiras,
Pelas formosas margens de teus rios,
Muito devota Elísia, quando as moças,
Quando jovens tafuis, pimpões da aldeia,
Na abençoada noite vão devotos
Ao milagroso banho! – Santo amável,
Advogado das límpidas correntes,
Amigo protetor das frescas fontes,
Para quem tece de gentis boninas
Recendente grinalda a ruão mimosa
Da donzela inocente! Oh! lindo santo,
Qual há hi renegado iconoclasta,
Metafísico, abstruso protestante,
Que ao ver-te assim gentil c'o surrãozinho
Caro és, prazer, quando remorsos custa!
Pastoril de alvas peles, e afagando
O cordeirinho que a teus pés nem bala,
Quem será que tal vista não converta?

IV

E então as agoureiras alcachofras,
Oráculos de amor, e as crepitantes
Fogueiras! – e a torneada, fina perna,
Que se mostra ao saltar, como a descuido...
“Ai mamã, que me viram quase!... Nada!
Não salto mais... Um só, um só”. E o medo
De crestar a orla crespada e bem franjada
Do tafulo vestido, o ergue mais alto;
E viu-se quase. – quase tudo agora.
Bendito São João, tudo desculpas,
Tão bom que és, e santificas tudo!

V

Era pois a estação formosa do ano,
Em que todo o seu fasto em luxo e galas

Por nossos meigos climas pavoneia,
De rica esperdiçada, a natureza.
O Sol, que tão benéfico despende
Para tanto aderece os raios de oiro,
Em seu zênite às vezes dobra o fogo,
E a calma intensa aos ledos habitantes
De seu país dileto a miúdo ofende.
Mas então vós, ó sombras deleitosas
Do anoso freixo, do álamo copado,
Que ao pé da porta respeitado cresce,
E há gerações que é venerando abrigo
De pai e filhos no queimoso Estio!
Mas a floresta espessa, que dá coito
No ardor da sesta ao ceifador cansado,
Ao caçador sequioso; e a gruta fresca
Ao pé do rio que salgueiros bordam;
E os regalados pomos saborosos,
Corados – como a face da donzela
Quando ao primeiro amor diz não modesta
C'os lábios... porque o sim lá ficou na alma;
Ficou, se o não revelam olhos lânguidos,
Que o tem, só para cegos, escondido?

VI

Oh! Cressos de Britânia! oh! que vos vale,
Ricaços lordes, tanto formoso parque,
Tanta gruta, de libras sumidouro,
Tão lindas relvas, tão gentis ribeiros?
Onde a calma que dê valor à sombra?
Que é do sol que dê preço a tanto esmero
De arte que em vão lutou co'a Natureza?
Em vão: – úmida névoa, fumo negro
Pesam nesse ar; e as urnas incessantes
Os pluviosos gêmeos não descansam,
Quase fixos no imóvel zodíaco,
De as emborcar na terra apaulada.

Meu doce clima, sol da minha terra,
Quando te verei eu! quando à tua branda
Réstia me aqueitarei, e ao suspirado
Limiar da minha porta as vestes úmidas
Destes gelos do exílio hei de secá-las!

VII

Abençoado protetor de amantes,
Glorioso São João que tudo alegras,
Que até descridos moiros te festejam
E canibais pedreiros te veneram,
Teu santo dia, tua benta noite
Suspirada de amor, bem-vinda a todos,
Tuas brandas orvalhadas, quem as foge?
Teu sereno saudável, quem o evita?
Quem teme a vinda de tão fausto dia?
– Dois amantes. – João santo, advogado
Não és tu deles? teu amparo amigo
Negaste-lho? porquê? – Fadas o vedam;
E no tempo em que fadas e feitiços
(Antes que a inquisição queimasse as bruxas)
Imperavam na terra, santo ou santa,
O mais pintado e milagroso – embalde
Se oporia ao poder dum bom feitiço.

VIII

A embriaguez de amor e dos prazeres
Ai! perpétua não é: o belo moiro
Da formosa abadessa aos lindos braços
Já tão sedento de prazer não corre.
Saciedade fatal!... Em vão te esforças,
Delicado amator, por encobri-la.
Que amante há hi, que os resfriados ósculos,
Que o afreixar do aperto nos braços,
O entibiar das carícias não descubra
Naquele a cujo amor a vida, a honra,

Tudo sacrificou, toda se há dado?
Branca o percebe; mísera! a seus olhos
Crédito não quer dar: suspiros nascem
No riste peito, que no peito afoga;
Lágrimas vêm aos olhos, e olhos bebem
Lágrimas... que as não veja a causa delas.

IX

Oh sexo generoso! e há tal ingrato
Que traia tanto amor? – Traidor não era
Aben-Afan: mas vós que haveis amado,
Dizei-o vós, quando a explosão primeira
Do facho se exalou, que amor o acende?
Culpa é do amante se em quieto fogo,
Mais tranquila a paixão no peito lhe arde?

X

Do Algarve ao rei, de longe em longe, a glória,
Esquecida 'té ali, lhe dá lampejos
Na fantasia: acodem, pouco e pouco,
À memória que surge do letargo
Em que o deleite a houve – ora do cetro
O brilho, o resplendor do diadema...
Ora a pátria em perigo, ora a vitória
Cingindo-lhe na frente outro diadema
Mais refulgente c'os ganhados loiros...
Loiros! – “Ramo fatal do meu destino”
Exclamou o jovem rei: “emurcheceste,
Secaste para sempre! Não há glória
Mais para mim! a inútil existência
Arrastarei aqui nestes doirados
Salões em ócio vil e afeminado!
Ramo fatal! se à custa de meu sangue
Reverdecer pudesses!... Desgraçado,
Que preferi! E amor, e Branca?... oh sorte!”

XI

Mal os extremos sons dos lábios rompem,
O Sol se obscureceu; medonha noite
Caí sobre o céu, como um funéreo manto
Sobre a urna cinérea; estala um raio,
Com vivido lampejo fende as nuvens,
E herríssono trovão nos ares brama.
– “Voto fatal!” estremecendo disse
O mancebo: seus ramos encantados
Observa: seco o mirto, verde o loiro...
Oh vista! – esmoreceu. Sem voz, sem ânimo,
Entre a morte e a existência suspenso
Desfalece, caiu. – Sofá ditoso,
Que outros desmaios há tão pouco viste,
Tálamo de prazer, da dor és hoje.

XII

Branca era longe; triste e solitária
Pelos vergéis sozinha passeava,
E pelo mais umbroso da espessura
Suas mágoas entre as flores escondia.
Do escurecer do Sol, do trovão súbito
Assustada, a fugir aos paços vinha,
Vinha acolher-se onde alma lhe ficara
E aninhar seu terror no seio amado.
O coração batia-lhe no peito,
O respirar violento e apressado
A sufocava. Uma lembrança acode:
– “Noite de São João é esta noite!”
Noite de São João!... E a profecia
Da fada lhe soou no íntimo de alma,
Como o fúnebre som descompassado
De sino, ao longe, que por mortos dobra.

XIII

Noite de São João!... Já, mais de meio

Seu giro o Sol correu. Prazo terrível,
Quão perto estás! Afreixa o passo, tente
De o ver, de lhe falar, de recordar-lhe
Os p'rigos dessa noite que avizinha.
Mas que perigos são? Não disse a fada
Que enquanto o ramo florescer da murta,
Seguro é seu amor, sua ventura?
Ânimo cobra, novo alento, e voa
Nas asas da esperança ao doce amado.

XIV

Triste! mal sabes que fatal desejo
No coração entrou desse que adoras!
Mal sabes, infeliz, que agouros negros
Esse ramo de esp'rança te hão murchado,
– Suas penas c'os sentidos recobrar
O mancebo real, chegar a sente,
E à pressa os ramos escondeu no peito;
O semblante compõe, serena os olhos,
E da iludida virgem ao encontro
Vem com tranquilo, sossegado gesto.

XV

Estreitou-os amor em doto abraço
Doce direi?... As lágrimas sofria
A linda infanta... ele os tormentos todos
Do Inferno padecia,
– Ó doce amado,
Esta noite!...”
– “Esta noite!...”
– “Tu receias!
O quê? Oh! não me encubras; fala.
Comuniquemos nossas mútuas penas,
Nossos temeres.”
– “Pois tu temes, Branca?”
– “Ai desta fatal noite não recordas

O que nos disse a fada?”
– “Mas promessas
Tão seguras nos fez!”
– “Se os teus desejos
O seco ramo...”
– “Branca! não prefiras A sentença fatal.”
– “De quê?”
– “Perguntas?
Queres sabê-lo?... Mísera!... não queiras.”
– “Que não queira? Porquê?... Só se... Mas dize:
Se... Mas tu, doce amor não desejaste?...”
– “Eu desejei... desejo só a morte.”

XVI

No chão os olhos de ambos se cravaram;
E, de todos os inales do Universo,
Incerteza, o mais cru, co'as asas fuscas
Lhe esvoaça dentro dos aflitos peitos.
Quanto o extremo prazer ou dor extrema
É maior que a expressão! Silêncio, a fúnebre
Eloquência da mágoa... com teu sele
Os descorados lábios lhe cerraste.
– Entanto o dia se perdeu nas trevas,
E a receada noite, dobra a dobra,
Estende sobre a terra o véu de luto.

XVII

Tristes! seus dias de oiro estão fiados;
E na roca fatal já não há fevra
Que ripar... Hora acerba, hora terrível
Que nenhum antevê, que a todos chega,
E soa como a tuba derradeira
Despertando es mortais do último sono.
Ai! e para isto tantas ânsias... tanto
Padecer e esperar! E acabar nisto!
Cortar-se assim este fio eterno,

Que prendia no Céu, das mãos dos anjos,
E prometia de ir além da vida!
Oh!... Deixá-los, deixá-los... e voltemos
A outras ilusões, menos formosas
Não menos vãs, as da ambição, da glória.

XVIII

Dizei-me, ó fadas que inspirais meu canto,
Espíritos das lôbregas cavernas,
Que à meia-noite volteais de em torno
Dos túmulos co'as asas membranosas,
Dizei-mo vós; com que fatais palavras,
Porque terríveis ritos se prepara
No arraial português o formidável
Encanto em que empenhou suas artes todas
O sábio Gil, de alta ciência mestre.

XIX

São horas dez; e clara e doce a Lua
Vai pelo azul do céu, como de gosto,
Desafiando as cantigas e as fogueiras,
Com que tua noite festejar é de uso,
Milagroso João, aos teus devotos.
Mas a rogo de Gil, de ordem de Afonso
Arautos proibiram pelo campo
Folias e cantares, qualquer mostra
De regozije, quando, em tanto empenho
Da cristandade contra infiéis, só preces
E rogações deviam de fazer-se
Isto o arauto pregoou: e ao régio mando,
Mas que não satisfeito, ob'dece o campo.

XX

Manso, frei Gil na tenda real entrava,
E a Afonso diz: – “A hora se aproxima,
Vão consumir-se os hórridos mistérios

Que hão de volver-te a filha, e entregar-te
Nas mãos seu roubador, teu inimigo.
Nesta redoma já sem ferro havidas
Três gotas levo de seu próprio sangue.
Com bebida encantada adormecida
Oriana foi por mim; do esquerdo braço
Com um vítreo cutelo enfeitado
Lhas extrai por mágicas palavras.
Vela em que o assalto, no momento próprio
Em que a Lua no céu subitamente
Por esconjuros meus há de esconder-se,
Nesse instante se dê: não arreceies,
Vai certo da vitória; a mesma hora
Que vir Silves em mãos de portugueses,
Verá Branca liberta, e Aben punido.”
Saiu; e Afonso, que a seus cabos todos
Ordens já deu e dividiu batalhas,
E prestes fez para o assalto as tropas,
Armado e pronto o prazo dado aguarda.

XXI

Cerca dos muros da torreada Silves,
E à falda dum outeiro, curto vale
Se estende: Val-de-morte lhe chamaram
Em tempo antigo; aí por essas eras
Os seus mortos os moiros sepultavam.
Porém o aspecto plácido e sereno
Qual convém aos que sono eterno dormem,
Nem medonho, nem lúgubre parece,
Triste sim, melancólico; mas doce
É a melancolia que hi respira.
No fim do vale brancas penedias,
Como acaso das mãos da Natureza
Esquecidas ali, umas sobre outras
Em massa irregular se encastelavam.
Há uma fenda estreita entre os penedos

Por onde uns degraus toscos, porém de arte
Feitos, à profundez descem da terra.
Longa caverna aí jaz, dos reis do Algarve
Antiga, respeitada sepultura.

XXII

Negro manto cobrindo, e abordoado
Em nodoso cajado, atravessava
Frei Gil o Val-de-morte; à boca chega
Da lôbrega caverna, o manto poisa,
Tira da manga mão de infante morto
Antes que em fontes batismais lavasse
A mancha original – ao dia sétimo
Desenterrado à Lua, e então cortada
Essa mão, que é a esquerda. Ignotas vozes
Murmurou baixo o frade, e a ressequida
Mão se acendeu de si, luz baça e opaca,
Própria a feitiços dando. Co'ela desce
A escura estância, – Longo, mas estreito,
O subterrâneo vasto se estendia:
A um lado e outro pela rocha viva
Os túmulos cavados se enfileiram.

XXIII

Co'a enfeitiçada luz dia sombrio
Nessa estância do morte se difunde,
Ao cabo do carneiro, sobro a lousa
Dum sepulcro poisando a tocha aziaga,
Estas palavras diz: – “Morto que dormes!
Lousa que o cobres! cinza que repoisas!
Ossos que vos mirrais! com esta gota
De sangue que desparzo, recobrai-vos,
E à minha voz se desencerre a campa.”
Da redoma que traz, um golpe verte,
E com pouco estridor os ossos rangem
Dentro da campa. Já segundo entorna,

E a lousa se ergue. A terceira esparze,
E de dentro da campa um seco braço
Surde como buscando, sobre a horda
Do ataúde, apoio para alçar-se
A carcomida mão firmando a custo,
Se eleva em pé esqueleto descarnado,
Mal coberto de andrajos lacerados
Do sudário que, há séculos, por último
Vestido, trouxe a estância dos finados.

XXIV

– “Que pretendes de mim?” disse a voz oca
Do esqueleto: “a que vens? Porque vieste
De meu eterno sono despertar-me?
Pesa-te a paz dos mortos, homem vivo?
Não tens assaz de guerra e de distúrbios
Lá sobre essa inquieta superfície
Da terra que inda habitas? Acabadas
Entre os meus e os cristãos pelejas foram?
Ou já meu sangue o cetro dos Algarves,
Conquistados por mim, perdeu covarde?”
– “Sobeja-lhe urna hora de reinado
À tua geração: mas da fadada
Ampulheta dos séculos o extremo
Bago de areia cai; a derradeira
Hora chegou do império de teus filhos.”
– “E isso vens anunciar-me?”
– “Isso.”
– “Com honra
Minha progênie acabará ao menos?”
“De ti depende: ou perecer com glória
Deve hoje o derradeiro rei do Algarve;
Ou longa vida era ócio vergonhoso
E criminais deleites lhe é fadada.”
– “Pereça.”
– “Alto poder em prisões doces

O prende e guarda; encanto que o defende

Só a ti não impece: da ignominia
Se desejais salvá-lo, vem e segue-me.
Grifo alado acharás no Val-de-morte;
Sobre ele montarás: voá-lo deixa,
No átrio pousará duns belos paços.
Bate à porta três vezes quatro... O resto
Lá saberás.”

– “Irei, Porém se a Lua
Clara é no céu, não posso: não consente
Sombra de mortos o clarão da Lua.”

– “Parte: cobrir-lhe-ei com esconjuros
A face, e a esconderei.”

A lento passo

O esqueleto caminha; andando, os ossos
Se lhe deslocam e medonhos rangem.
Adiante o frade vai, e à boca apenas
Chega da cova, com fatais palavras
Impreca à Lua que a sua face bela
Envolva em negro véu, nem interrompa,
Com a alva luz, das trevas os mistérios.

XXV

No céu se apaga o luminar da noite,
Treas a face do Universo cobrem,
E os ares negros negro fendo o hipógrifo
C'o finado guerreiro. – Entanto aos muros
De Silves mansamente se aproximam
As escadas, as grávidas balistas,
Catapultas que a morte ao longe atiram;
E as movediças torres lentas rodam.
Cada um dos chefes o seu lanço toma
Do muro; e divididas as batalhas,
A um sinal dado o ataque se começa.

XXVI

Já sobre o alto do muro os mais afoitos
Subindo chegam; já bradar Santiago
la Afonso mandar; vela do moiros
Os descobre, e gritou: “Alarma, alarma!”
Os sitiados, que despertos sempre
Prestes estão, à defesa acodem.
Trava a peleja, lanças se arremessam,
Ardentes alcanzias, duros cantos;
Nuvens de setas pelo escuro à toa
Silvam pelo ar: do alto despenhados
Das escadas uns caem, sem que aos outros
O ânimo de subir lhes acovarde.
Dobra co'as trevas o terror; aumenta
Com a grita confusa a sanha, a fúria
Dum lado e outro; e longo permanece
Entre tanto valor dúbia a vitória,

XXVII

Lindos paços que tanta formosura,
Tanto lustre encerrais, tanto amor vistes,
E de tanto prazer teatro fostes,
Paços da maga Alma, a vós me volvo.
Velas tu, bela infanta?... e tu, formoso
Moiro, velas também, ou brando sono
Em ropoiso falaz vos tem sopitos
Para cru despertar? – Triste! não dormem.
Um c'o outro abraçados, a terrível
hora fatal da meia-noite aguardam.
– “Tanto não poderão” tranca dizia,
E os soluços palavras lhe cortavam:
“Tanto não poderão que dos meus braços
Te separem. A morte embora...” Bate
Dura pancada nesse instante à porta
Do paço, e vezes doze repete
O mesmo rude som lento e pausado.

XXVIII

– “Ai!” gritou a donzela, e embalde aperta
O seu amor nesses formosos braços;
Em vão! – a hora fatal soou: quebrou-se
O encanto. Num momento os lindos paços
Desaparecem. Sós na íngreme roca
De calvo outeiro ficam. Abraçar-se
Inda c'o amante a mísera se esforça:
Seca mão duns espectro arrasta e leva
Com invencível força o mauro jovem...
Em alado corcel com ele foge;
Já nos ares se perdem...
Branca, oh! Branca,
Baldado é teu chamar, baldado o choras;
Nunca mais o verás: leva-to... a Morte.

XXIX

Cos olhos longos para o grifo alado
Que se perde nos ares, ela, a triste,
De joelhos sobre o cume dos penedos,
Erguia para os Céus as mãos tementes...
Mas sem uma oração; que é mudo o lábio
E mudo o coração da desditosa,
Abandonou-a a última esperança
Na Terra; e Deus no Céu a abandonara
Desde há muito. – Urna voz, austera e dura
Lhe brada, como a voz de seus remorsos,
E do morto delíquio a despertava:

XXX

– “Teu execrando amor es Céus puniram.
Segue-me: o Deus, que desleal traíste,
Vem aplacar com rijas penitências,
Vem abjurar tua paixão nefanda;
Vem... ou neste momento hás pronunciado

Sobre a tua cabeça criminosa
Condenação eterna.”
– “Mis'ricórdia,
Senhor meu Deus! Maior castigo ainda
A meu pecado tens?... maior do que este,
Deus de piedade?... separar-me...”
– “Cega!
Emudece, blasfema.”

XXXI

Da mão trava
À donzela infeliz mão ruda e áspera
Semimorta da dor num quase espasmo
Que a vida lhe parou, lânguida a frente
Lhe descai, como ao uno delicado
Que ardor do sol pendeu. Leva-a nos braços
Frei Gil – dele era a voz que lhe falava:
E por seus encantados poderios
Veloz caminha, e mais veloz que o vento,
Por atalhos já doutrem não sabidos,
Por devesas, por bosques, por silvados
Ileso passa; e quando mor se ateia
O furor do combate e assalto, chega
Ante os muros de Silves, – Despontava
A arraiada no extremo do oriente!
E a luz que nasce de mostrar começa
Os estragos da noite, Mor se aumenta
Co'a vista horrível, da peleja a fúria.
Entanto Gil co'a infanta à régia tenda
Invisível entrava. – E sobre os muros
Da forte Silves o pendão das Quinas
O intrépido Nuno o pendão arvora.

XXXII

Aqui, aqui, é nobres cavaleiros!
Aqui de Portugal! vede: o estandarte

Lusitano caiu: precipitado
Das altas torres sobre os corpos rola
Exangues dos que ardidos o hastearam,
Aqui de Portugal, aqui! salvai-a,
A lusitana glória que vacila.
O moiro exulta e freme co'a esperança
Recém-nada de sangue e de vitória.
Quem lha inspirou? que súbita barreira
Ao valor dos cristãos se pôs de avante?
Fogem, vozes de cabos não escutam:
A fugir portugueses!... Fogem, tremem.
Quem é esse inimigo formidável
Que tanto pode? Um só campeão. Armado
De enferrujadas armas, que parecem
Sobre a campa em troféu haver jazido
De morto cavaleiro!... É ele; o escudo
Sua divisa tem: de mirto e loiro
Dos ramos são; e Aben-Afan, que à porta
De Azóia investe, e qual ferido tigre,
As batalhas dos lusos rompe, acossa,
Afugenta, dispersa. Morre o ousado
Que as costas não voltou: “Fugir, que é ele!”
Se ouve grito geral: “Fugir, que é ele!”

XXXIII

Do alto dos muros o infiel responde
Com brados de vitória aos sons covardes,
E a seu rei, que lha traz, ledos saúdam,
Porta de Azóia, que sair o viste
Quando levou consigo esp'rança e glória
Do vacilante império, abre-te agora,
Abre-te a recebê-lo. – É tarde, é tarde;
Os seus dias e os teus estão contados,
Senhorio de Agar, em nossas ternas,
A porta abriu-se, mas em vão; já diante
De Aben, o mostre de Santiago em riste

A lança tem. – “Defende-te” lhe brada:
“Rei do Algarve, defende-te; a vergonha
Do nome português lavo em teu sangue.”

XXXIV

Juntaram lanças; lanças se quebraram.
Espadas nuas – e as espadas cruzam.
Golpe é mortal cada uru; broquéis aparam
Os duros botes c'os espontões duros.
Nunca tais campeões juntou a guerra
Em prova singular de brio e força.
Cessa o assalto: na muralha os moiros,
Na esplanada os cristãos as armas poisam;
E nos dois cavaleiros se concentra
O combate geral. Mas já das cotas
Roxeia o sangue, já desmantelados
Braceletes desprendem, já partido
Do mestre o escudo c'um tremendo golpe
Do jovem rei, caiu. Brioso arroja
O moiro o seu; lealdade lhe não sofre
Com armas desiguais peleja ignóbil.
Sem defesa à espada fica o peito,
Fica a frente: os cavalos mal suportam
A fadiga, as feridas; pé em terra
Põem: de novo as espadas fogo e sangue
Ferem, redobram... Mas o alfange quebra
Ao muçulmano rei – não quebra o ânimo;
Ao seu competidor de artemista salto
Corre, nos braços o travou membrudos;
E enlaçados os dois, de corpo a corpo,
De peito a peito, infatigáveis lutam.

XXXV

Foras, sorte, imparcial – nenhum vencera;
Neutros permaneci, fados da terra,
Nenhum sucumbirá, Mas os destinos

Nas balanças fatídicas pesaram
A sorte das nações; e o maometano
Império pende. – Aben-Afan sucumbe,
Cai: embalde o inimigo generoso:
– “Cavaleiro” lhe diz “tua vida é minha:
Não queira o Céu que a tal campeão a tiro!”
Em vão! nos olhos trêmulos vacila
A derradeira luz, nas faces pálidas
Já mais sangue não há que o das feridas.
Só morto cede; vivo se não rende
Quem jamais de estacada ou raso campo
Sem vitória saiu, – “É morto, é morto”
Clamam cristãos, e às portas se arrojaram.
De súbito pavor cortado o moiro,
Sem resistir, ao jugo of'rece o colo,
De novo as Quinas nos torreões tremulam,
E no Algarve de aquém Afonso impera.

XXXVI

Nas ameias da torre pendurada
Foi a cabeça do traidor Soeiro,
Em vão por ele suplicou Oriana;
El-rei não cede: atroz, horrendo é o crime,
Pune-o de morte a lei; e à lei não ousa
Para tal delinquente o rei magnânimo
Justo rigor embrandecer piedoso.

XXXVII

Às torturas da dor resiste a vida
Da linda Branca, mas razão lhe foge.
Por Aben clama, por Aben suspira,
De remorsos e amor já ri, já chora,
E c'os olhos no Céu, a alma na Terra,
Ora implora perdões, blasfema outrora.
– A Holgas a levam, Oriana a segue;
Oriana que deixar um triste mundo,

Onde tudo perdeu, ao Céu votara.
Única a vista dela a dor acalma
A aflita Branca: seu formoso gesto
Muda, queda contempla horas inteiras,
E, uma por uma, nas feições lhe colhe
O parecer daquele que inda adora.
Mas ah! consolo mísero e mesquinho!
Pouco e pouco se esvai o doce engano,
E a verdade fatal volve mais crua.

XXXVIII

Flor da existência desfolhou-se n'hástea;
Ramos que amarelecem vão caindo;
Vegeta o tronco ainda: – mas é vida
Esse viver que se alimenta em lágrimas?